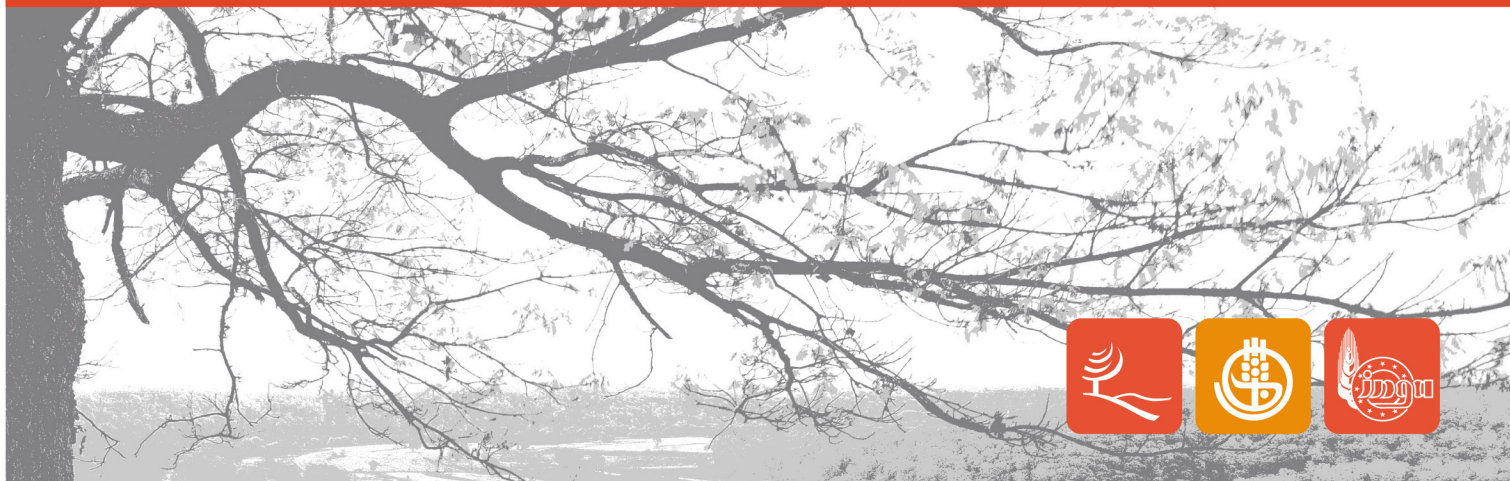




ANUÁRIO DE CAMPANHA 2004|2005



PRINCIPAIS AJUDAS DIRECTAS



Ministério da
Agricultura,
do Desenvolvimento
Rural e das Pescas



IFADAP
Instituto de Financiamento
e Apoio ao Desenvolvimento
da Agricultura e Pescas



INGA
Instituto Nacional
da Intervenção e
Garantia Agrícola



ÍNDICE

INTRODUÇÃO	3
1 PRODUTORES	5
2 AGRICULTURA	18
2.1 ACTIVIDADES VEGETAIS	18
2.1.1 CULTURAS ARVENSES E ARROZ	18
2.1.2 AZEITE E AZEITONA	33
2.1.2.1 OLIVAL	34
2.1.2.2 AZEITE	46
2.1.2.3 AZEITONA DE MESA	54
2.1.3 TABACO	56
2.1.4 TOMATE	69
2.1.5 FRUTOS DE CASCA RIJA	77
2.1.6 OUTROS PRODUTOS VEGETAIS	81
2.2 ACTIVIDADES ANIMAIS	86
2.2.1 BOVINOS MACHOS	86
2.2.2 VACAS ALEITANTES	92
2.2.3 OVINOS E CAPRINOS	101
3 DESENVOLVIMENTO RURAL	110
3.1 INDEMNIZAÇÕES COMPENSATÓRIAS	110
3.2 MEDIDAS AGRO-AMBIENTAIS	121

INTRODUÇÃO

Com esta publicação, o INGA inicia a apresentação de forma sistemática, de um conjunto de dados estatísticos, tendo em consideração as principais ajudas pagas por este Organismo no ano de 2004.

O conjunto de ajudas analisadas é constituído pelas ajudas directas ao rendimento, estando directamente relacionadas com as opções produtivas do Agricultor.

Com esta Publicação, baseada nos dados declarativos da Campanha 2004/05, pretende-se dar a conhecer, do ponto de vista da produção agrícola, a distribuição regional dos Agricultores, das áreas Culturais e Efectivos animais, e complementarmente aspectos relacionados com a tecnologia de produção, sempre com a Ajuda como ponto de referência.

Incluem-se deste modo as Ajudas pagas às Culturas Arvenses, Arroz, Azeite e Azeitona de Mesa, Tabaco e Tomate no sector vegetal, Bovinos Machos, Vacas Aleitantes e Ovinos e Caprinos no sector animal e ainda as Medidas Agro Ambientais e Indemnizações Compensatórias na vertente de Desenvolvimento Rural.

Como se trata do primeiro ano desta publicação, que se pretende com forma de Anuário, optou-se, sempre que possível, pela apresentação dos principais indicadores numa perspectiva temporal mais alargada, mostrando a sua evolução deste o ano 1998.

A estrutura adoptada é a seguinte:

- I Parte, "Produtores", em que apresenta uma caracterização dos produtores candidatos às Ajudas pagas pelo INGA;
- II Parte, "Agricultura – Actividades Vegetais", apresentação por ajuda, diferentes distribuições regionais da informação em função das culturas praticadas, dimensão e opções tecnológicas;
- III Parte, "Agricultura – Actividades Animais", apresentação por ajuda, de diferentes distribuições regionais da informação, em função dos efectivos animais, tipo e dimensão.
- IV Parte, "Desenvolvimento Rural", caracterização das Medidas Agro Ambientais e das Indemnizações Compensatórias, tendo em conta os principais aspectos relativos a cada uma das Ajudas.

As ajudas consideradas neste anuário abrangem 246.579 produtores, cerca de 3.3 milhões de hectares (SAU), 257 mil Bovinos machos, 365 mil Vacas aleitantes e 2.3 milhões de Ovinos/Caprinos.

1 PRODUTORES

Neste primeiro capítulo far-se-á uma breve caracterização do tipo de produtores que apresentaram pedido de ajuda em 2004. A análise terá em conta as ajudas a que se candidataram bem como: a distribuição regional dos produtores, o número de ajudas a que se candidataram, a evolução do número de produtores candidatos ao longo das campanhas e uma breve caracterização dos novos produtores da campanha 2004.

Quadro 1.1 – PRODUTORES POR AJUDA

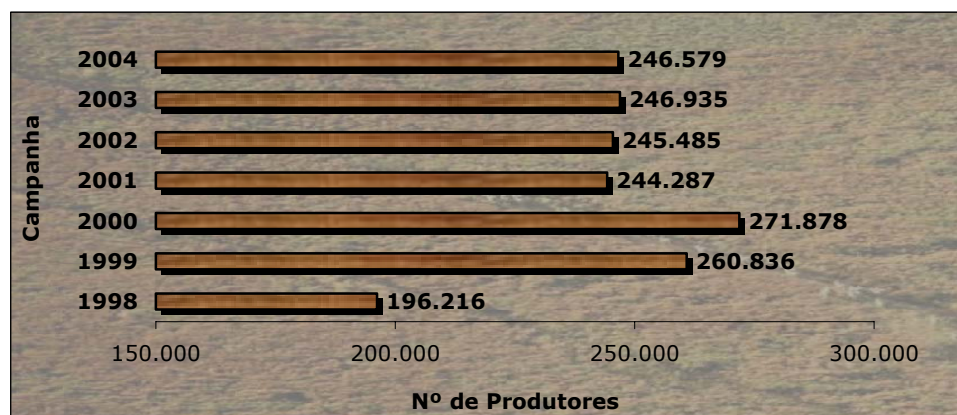
Ajuda	Nº de Produtores
Arvenses	118.731
Arroz	1.729
Tabaco	374
Tomate	825
Azeite	93.543
Frutos de Casca Rija	5.546
Pequenas Ajudas	3.101
ICs	130.469
Bovinos Machos	38.217
Ovinos e Caprinos	27.001
Vacas Aleitantes	24.830
Medidas Agro-Ambientais	75.928
Total	246.579

O pedido de ajuda às INDEMNIZAÇÕES COMPENSATÓRIAS é o que tem o maior número de produtores, mais de 50% de todos os produtores apresentaram pedido de ajuda nesta categoria. Em seguida estão as CULTURAS ARVENSES, ajuda para a qual apresentaram pedido de ajuda 48% dos agricultores em questão. De salientar também a ajuda ao AZEITE que conta com 37% dos agricultores. As MEDIDAS AGRO-AMBIENTAIS constituem também uma ajuda com peso significativo, sendo que 30% dos produtores optam por fazer uma agricultura mais sustentável. Os produtos animais não alcançam, individualmente, mais de 15% dos produtores (BOVINOS MACHOS), registando valores na ordem dos 10% (OVINOS E CAPRINOS e VACAS ALEITANTES). A ajuda aos produtores de FRUTOS DE CASCA RIJA, conseguiu, na primeira campanha em que é implementada, atrair 2% dos agricultores.

Quadro 1.2 – PRODUTORES POR REGIÃO

Região Agrária	Nº de Produtores
Entre Douro e Minho	51.933
Trás-os-Montes	55.479
Beira Litoral	46.094
Beira Interior	28.904
Ribatejo e Oeste	17.295
Alentejo	26.739
Algarve	5.983
Açores	7.981
Madeira	6.171
Total	246.579

A nível regional, as regiões do Norte são aquelas onde se concentram o maior número de agricultores, cerca de 60% no ENTRE DOURO E MINHO, TRÁS-OS-MONTES e BEIRA LITORAL. A região com menor número total de produtores com pedido de ajuda é o Algarve. Nas regiões autónomas inscrevem-se cerca de 6% dos produtores.

Gráfico 1.1 – EVOLUÇÃO POR CAMPANHA

Relativamente à campanha de 1998 não foi possível integrar os valores referentes às áreas de olival (campanha 1997/98, uma vez que para a Ajuda à Produção de Azeite, a campanha é sempre a do “ano-1”), pelo que, nesta campanha estes produtores não se encontram contabilizados.

Quando analisamos a evolução ao longo das campanhas mais recentes, verifica-se que, depois de um crescimento que teve o seu máximo na campanha de 2000, cerca de 272

mil produtores, houve uma tendência para a estabilização, em volta dos 246 mil produtores. Em termos percentuais registou-se uma diminuição de 6% no número de produtores inscritos entre as campanhas 1999 e 2004.

Quadro 1.3 – NÚMERO DE AJUDAS POR PRODUTOR – DISTRIBUIÇÃO POR AJUDA

Ajuda	1 Ajuda	2 Ajudas	3 Ajudas	4 Ajudas	5 ou mais Ajudas	Total
Arvenses	28.365	30.144	31.041	20.781	8.400	118.731
Arroz	191	970	359	129	80	1.729
Tabaco	167	101	56	29	21	374
Tomate	313	224	171	77	40	825
Azeite	38.121	18.758	20.931	10.857	4.876	93.543
Frutos de Casca Rija	23	361	1.557	2.696	909	5.546
Pequenas Ajudas	295	576	720	758	752	3.101
ICs	9.265	44.185	44.514	24.146	8.359	130.469
Bovinos Machos	12.611	8.647	6.036	5.846	5.077	38.217
Ovinos e Caprinos	5.255	4.845	6.845	6.103	3.953	27.001
Vacas Aleitantes	1.172	3.474	5.717	9.053	5.414	24.830
Medidas Agro-Ambientais	4.597	14.239	28.567	20.457	8.068	75.928
Total	100.375	63.262	48.838	25.233	8.871	246.579

No que diz respeito ao número de ajudas a que cada produtor se candidata, verifica-se que 60% dos produtores se candidata a mais do que UMA ajuda, constatando-se a integração das várias actividades nas explorações. Dentro deste grupo, a predominância são os produtores que se candidatam a DUAS ou TRÊS ajudas, 26% e 20% respectivamente. Os cerca de 100 mil produtores que se inscrevem a apenas a UMA ajuda, perfazem 40% dos produtores.

As ajudas que demonstram uma maior integração (pequena percentagem de produtores com apenas UMA ajuda) são a ajuda aos produtores de FRUTOS DE CASCA RIJA, em que menos de 1% do total dos produtores da ajuda não se candidata em mais nenhuma ajuda, a ajuda às VACAS ALEITANTES, 5%, as MEDIDAS AGRO-AMBIENTAIS, 6%, e as INDEMNIZAÇÕES COMPENSATÓRIAS, 7%. No entanto, a distribuição pelo número de ajudas a que se candidatam os produtores não é igual nestas ajudas. Nas INDEMNIZAÇÕES COMPENSATÓRIAS, cerca de 70% dos produtores candidata-se a DUAS ou TRÊS ajudas, nas MEDIDAS AGRO-AMBIENTAIS, 65% dos produtores candidatam-se a TRÊS ou QUATRO ajudas e na ajuda às VACAS ALEITANTES, cerca de 60% inscreve-se a mais de QUATRO ajudas, verificando-se, neste último caso, uma das maiores percentagens de produtores com CINCO ou mais ajudas, 22%. A distribuição dos produtores de FRUTOS DE CASCA RIJA pelo

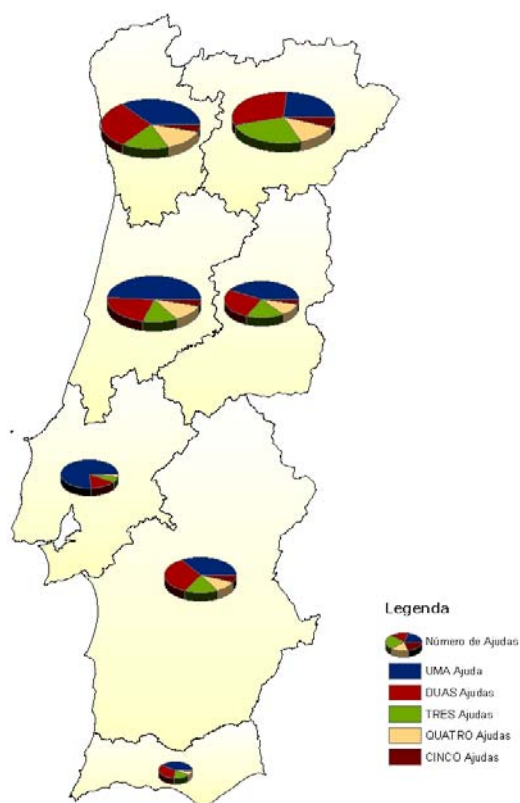
número de ajudas a que se candidatam é bastante diferente da das outras ajudas, com cerca de metade destes a inscreverem-se a QUATRO ou mais ajudas e 16% a inscreverem-se a cinco ou mais ajudas.

Por outro lado, há ajudas em que os produtores que se inscrevem a uma só a ajuda têm um maior peso relativo. O TABACO, em que, 45% dos produtores não se inscreve a mais nenhuma ajuda e em que cerca de 70% se inscreve a TRÊS ajudas ou menos. O AZEITE, em que 41% é a proporção de produtores que não tem mais ajudas, e o TOMATE com 38% dos produtores dedicando-se apenas à cultura em causa e em que cerca de 50% dos produtores se inscreve a DUAS ou TRÊS ajudas.

Os produtores de CULTURAS ARVENSES têm uma distribuição mais ou menos homogénea pelos escalões definidos, decrescendo nos escalões com mais ajudas, inscrevendo-se 18% a QUATRO ou mais ajudas e 7% a CINCO ou mais ajudas.

Nas outras ajudas animais, BOVINOS MACHOS e OVINOS E CAPRINOS, há a salientar os valores relativos acima da média que se encontram nos escalões com QUATRO ajudas ou mais, respectivamente 29% e 37% dos produtores.

Mapa 1.1 – NÚMERO DE AJUDAS INSCRITAS POR PRODUTOR – DISTRIBUIÇÃO REGIONAL



Nas regiões do Norte (ENTRE DOURO E MINHO, TRÁS-OS-MONTES e BEIRA LITORAL), a percentagem de produtores que se candidatam apenas a UMA ajuda é mais baixa que a média do país, passando de 40% para 36%. No escalão das TRÊS ajudas também se verificam valores diferentes, os produtores passam neste caso a ser 22%. Em TRÁS-OS-MONTES os produtores que se inscrevem a apenas UMA ajuda têm a menor percentagem, em termos de região, de todo o país, 24%, sendo reforçada, neste caso, a classe com TRÊS ajudas, 29% dos produtores da região. A classe com CINCO ajudas ou mais atinge, nesta região, o seu valor relativo mais elevado, 5%.

Nas regiões do sul (RIBATEJO E OESTE, ALENTEJO e ALGARVE), a situação inverte-se e 50% dos produtores candidatam-se a apenas UMA ajuda, baixando, em relação à média nacional, a classe com TRÊS ajudas, para 15%. No RIBATEJO E OESTE a tendência para a especialização mostra-se claramente, com 75% dos produtores a candidatarem-se a apenas UMA ajuda e apenas 7% dos produtores a candidatarem-se a TRÊS ajudas ou mais.

Nas regiões autónomas a propensão é para a ajuda única, ou DUAS ajudas. Na MADEIRA, 99% dos produtores têm menos de TRÊS ajudas, verificando-se uma menor diversificação dentro da exploração agrícola.

Quadro 1.4 – NOVOS PRODUTORES POR AJUDA

Ajuda	Nº de Produtores
Arvenses	3.530
Arroz	51
Tabaco	8
Tomate	47
Azeite	1.861
Frutos de Casca Rija	278
Pequenas Ajudas	152
ICs	5.226
Bovinos Machos	2.479
Ovinos e Caprinos	1.127
Vacas Aleitantes	504
Medidas Agro-Ambientais	5.950
Total	14.120

Na campanha 2004 inscreveram-se pela primeira vez 14.120 produtores, que representam 6% do total dos agricultores na campanha.

Grande parte destes novos produtores inscreveu-se nas MEDIDAS AGRO-AMBIENTAIS, nas INDEMNIZAÇÕES COMPENSATÓRIAS e nas CULTURAS ARVENSES.

As ajudas em que estes agricultores menos se inscreveram, foram o TABACO e o TOMATE.

Quadro 1.5 – NOVOS PRODUTORES POR REGIÃO

Região Agrária	Nº de Produtores
Entre Douro e Minho	2.845
Trás-os-Montes	2.704
Beira Litoral	1.893
Beira Interior	936
Ribatejo e Oeste	2.410
Alentejo	1.403
Algarve	548
Açores	661
Madeira	720
Total	14.120

Em termos regionais, 50% dos novos produtores situam-se no norte do país (ENTRE DOURO E MINHO, TRÁS-OS-MONTES e BEIRA LITORAL). NO RIBATEJO E OESTE encontram-se 17% destes produtores. Nas REGIÕES AUTÓNOMAS e o ALGARVE, encontram-se percentagens baixas de novos agricultores, cerca de 5%.

ÁREAS e ANIMAIS

Neste capítulo, áreas e animais declarados vão ser analisadas sob vários aspectos, distribuição regional, distribuição relativa das ajudas, classes de área e de efectivo animal.

ÁREAS

Quadro 1.6 – ÁREA POR ESCALÃO

Região Agrária	0-2 ha	2-5 ha	5-10 ha	10-20 ha	20-50 ha	50-100 ha	100-500 ha	>500 ha	Total
Entre Douro e Minho	27.522	43.642	33.897	27.762	20.137	5.266	1.347		159.572
Trás-os-Montes	13.548	50.458	88.738	122.856	155.438	62.606	37.958	845	532.446
Beira Litoral	26.013	32.601	22.036	15.263	12.568	6.053	4.520		119.055
Beira Interior	10.003	21.966	31.500	44.381	63.878	50.931	100.450	44.099	367.208
Ribatejo e Oeste	5.734	11.907	14.356	17.856	33.796	28.541	82.688	49.196	244.074
Alentejo	4.955	12.889	23.056	42.221	107.240	147.024	821.880	547.200	1.706.463
Algarve	1.312	4.454	9.508	14.897	20.241	9.555	11.171	701	71.839
Açores	567	2.292	7.438	21.105	38.370	17.443	6.060		93.274
Madeira	2.155	272	115	118	239				2.899
Total	91.809	180.481	230.644	306.459	451.907	327.418	1.066.074	642.041	3.296.831

Em 2004, foram declarados, para efeitos de pedido de ajuda cerca de 3.300 mil hectares de área. A distribuição regional desta área não é homogénea, o ALENTEJO é a região que se sobrepõe a todas as outras, concentrando 50% da área declarada nos pedidos de ajuda considerados. Por ordem decrescente, seguem-se TRÁS-OS-MONTES (16%), BEIRA INTERIOR (11%) e RIBATEJO E OESTE (7%). O ALGARVE e as REGIÕES AUTÓNOMAS apresentam os menores valores do país.

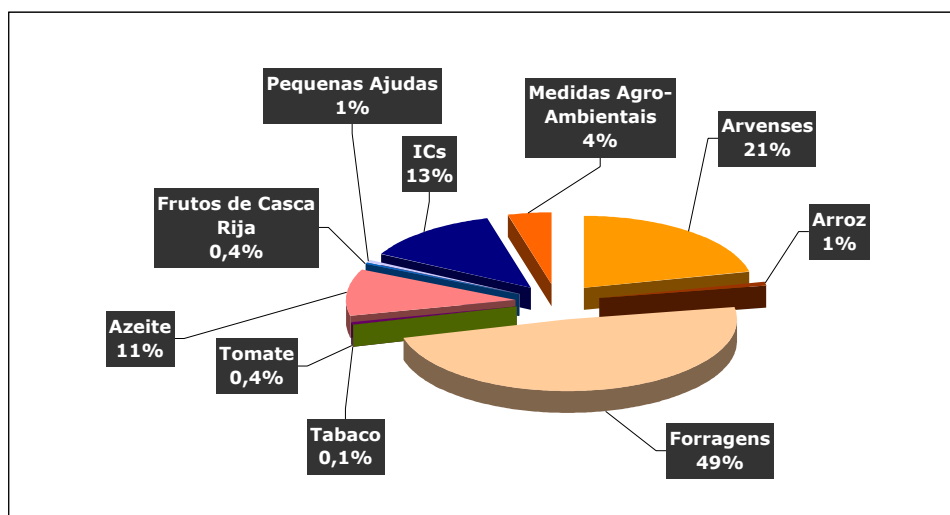
Com o objectivo de caracterizar a estrutura da exploração candidata a pedido de ajuda, distribuiu-se a área declarada por escalões de área de exploração.

A partir do quadro 1.6 verifica-se, que, a nível nacional, os escalões onde se encontra maior área declarada, são os que têm uma maior área por exploração. No escalão 100-500 ha encontra-se 33% da área declarada e no escalão seguinte, explorações com área maior que 500 ha, 18% do total de área declarada nos pedidos de ajuda, sendo que, 16% da área se encontra nos escalões com menos de 10 ha.

No entanto, a distribuição regional dos escalões revela uma realidade diferente nalgumas regiões. Na BEIRA LITORAL e no ENTRE DOURO E MINHO, regiões com algumas semelhanças na estrutura da propriedade, os escalões mais importantes são os de menor área, verificando-se que cerca de 70% das explorações têm menos de 10 ha. Em TRÁS-OS-

MONTES, as explorações que concentram maior parte da área declarada, 52%, têm entre 10 e 50 hectares, na BEIRA INTERIOR, a dimensão da exploração é um pouco maior e cerca de 50% das explorações ocupam áreas com mais de 50 ha. Continuando para Sul, no RIBATEJO E OESTE, 54% das explorações têm mais de 100 ha e no ALENTEJO, 80% da área pertence a explorações com mais de 100 hectares.

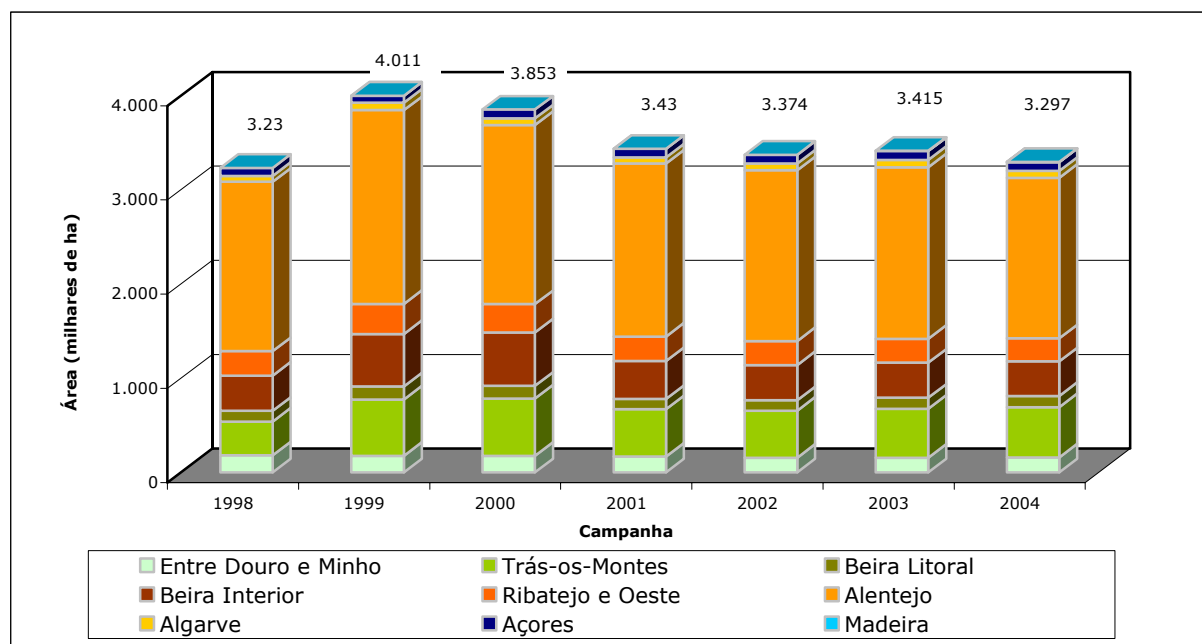
Gráfico 1.2 – ÁREA POR TIPO DE OCUPAÇÃO



O gráfico acima mostra a distribuição da área declarada por tipo de ocupação do solo e por ajuda.

As ajudas às INDEMNIZAÇÕES COMPENSATÓRIAS e às MEDIDAS AGRO-AMBIENTAIS podem co-existir, em determinados casos, com as outras ajudas. Esta situação pode provocar, em termos estatísticos, uma sobreposição dos valores da área declarada. Neste capítulo, apenas será considerada a área declarada de INDEMNIZAÇÕES COMPENSATÓRIAS e de MEDIDAS AGRO-AMBIENTAIS que não foi declarada em nenhuma das outras ajudas consideradas. As áreas totais destas ajudas serão apresentadas mais à frente, nos capítulos específicos que as caracterizam.

A superfície forrageira, embora não sendo uma ocupação do solo que dê, directamente origem ao pagamento de ajuda, ocupa aproximadamente metade da área declarada destes pedidos de ajuda, seguindo-se a área de CULTURAS ARVENSES, 21%, e a área exclusiva de INDEMNIZAÇÕES COMPENSATÓRIAS, 13%. A área dedicada ao Olival, tem também importância significativa, ocupando, neste contexto, 11% do total. Todas as outras ajudas têm uma área declarada com um peso relativo bastante menos significativo.

Gráfico 1.3 – ÁREA POR REGIÃO E CAMPANHA

Mais uma vez se refere que para a campanha 1998, não estão disponíveis os valores referentes à área de Olival que ficam, por isso, fora da nossa análise.

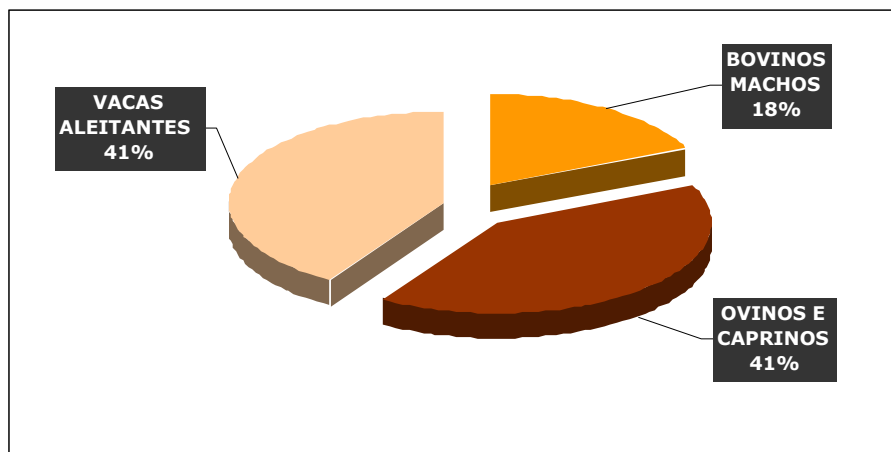
Através da análise do gráfico, verifica-se que tem havido, com a excepção da campanha 2003, um decréscimo continuado da área declarada fixando-se na campanha em análise, em cerca de 3.300 milhares de hectares. Esta diminuição foi mais acentuada entre as campanhas de 1999 e 2000.

Ao nível das regiões, verifica-se que a distribuição ao longo das campanhas não tem apresentado, em termos relativos, variações significativas. As regiões mais importantes são o ALENTEJO com cerca de 50% da área declarada nos pedidos de ajuda, TRÁS-OS-MONTES, com valores relativos que rondam os 15%. Outra região com alguma importância é a BEIRA INTERIOR que, em campanhas recentes tem vindo a perder, em termos de área declarada, importância relativa.

ANIMAIS

A análise que se segue diz respeito apenas às ajudas com prémios animais, não se incluindo os animais candidatos a medidas agro-ambientais.

Gráfico 1.4 – NÚMERO DE CABEÇAS NORMAIS POR AJUDA



Em termos de cabeças normais ⁽¹⁾, o efectivo pecuário candidato a prémio distribui-se de forma equivalente entre VACAS ALEITANTES e OVINOS E CAPRINOS, cada uma destas ajudas perfazendo cerca de 40% do efectivo em causa. Os bovinos machos são, em termos de efectivo, cerca de metade das outras duas ajudas, ou seja, a totalidade dos animais que se inscrevem a esta ajuda perfaz, em cabeças normais, perto de 20% do total.

(1) – Bovinos machos e novilhas com mais de 24 meses, vacas em aleitamento e leiteiras = 1,0 CN

- Bovinos machos e novilhas dos 6 aos 24 meses = 0,6 CN

- Ovinos e Caprinos = 0,15 CN

Quadro 1.7 – NÚMERO DE CABEÇAS NORMAIS POR ESCALÃO

Região Agrária	0-3 CN	3-10 CN	10-25 CN	25-50 CN	>50 CN	Total
Entre Douro e Minho	28.582	23.833	14.661	3.202	665	70.943
Trás-os-Montes	6.617	16.299	31.775	14.741	3.644	73.076
Beira Litoral	16.009	11.856	9.370	1.778	1.189	40.202
Beira Interior	3.646	10.143	19.148	15.269	31.011	79.216
Ribatejo e Oeste	3.590	8.171	19.683	8.876	41.371	81.692
Alentejo	4.086	16.705	35.533	52.757	350.656	459.737
Algarve	599	2.210	3.712	2.320	3.561	12.402
Açores	4.099	8.713	9.892	3.355	2.813	28.871
Madeira	772	862	308		120	2.062
Total	67.999	98.792	144.082	102.298	435.029	848.200

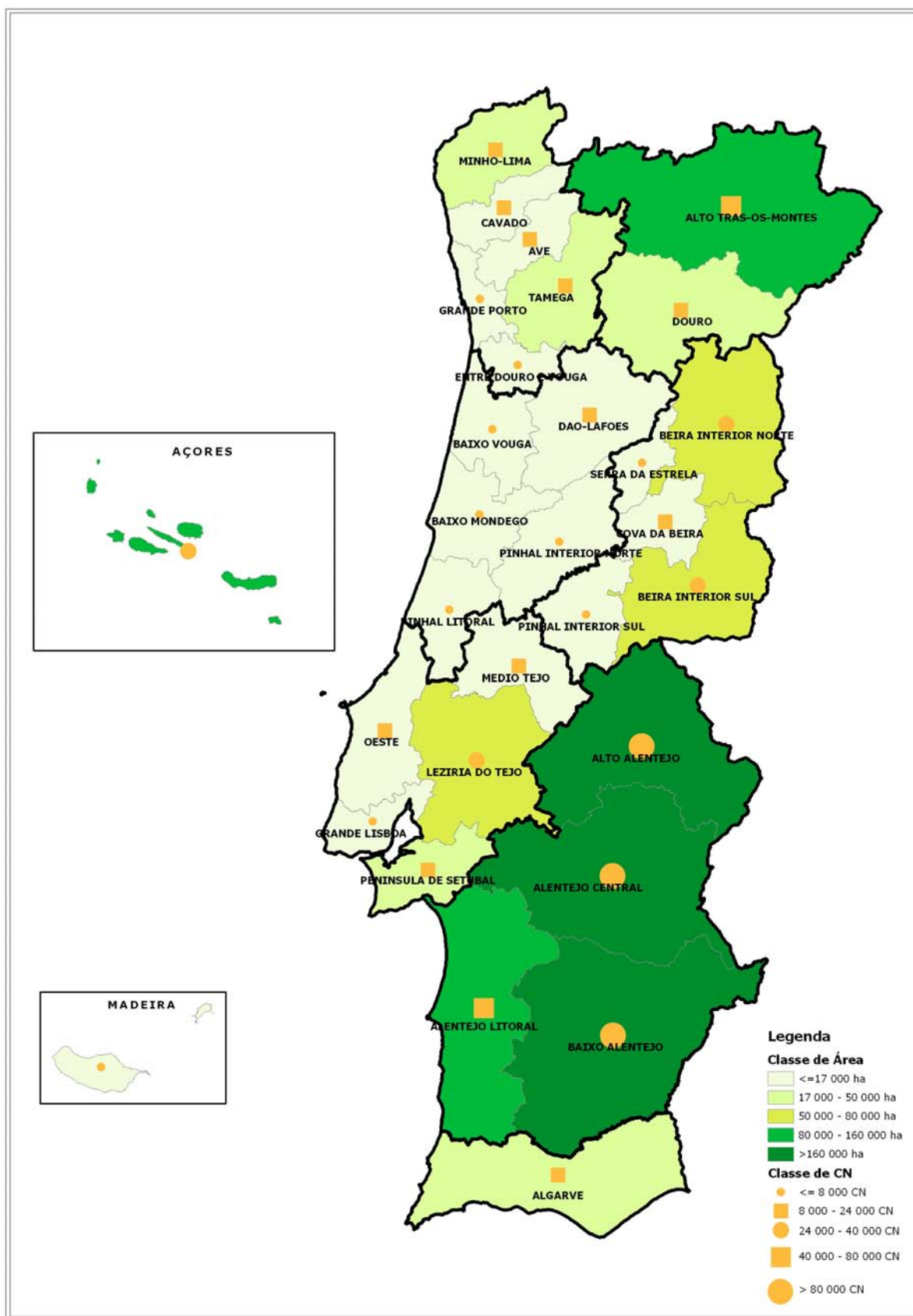
Nesta campanha foram declaradas cerca de 850 mil cabeças normais nos prémios em questão, metade das quais estão inseridas em explorações com efectivos de mais de 50 Cabeças Normais. Regionalmente, é no Alentejo que se encontra também mais de 50% do efectivo.

No escalão intermédio (10-25 CN) encontra-se 17% do total do efectivo, os outros escalões têm, individualmente entre 8% e 12% do efectivo.

Nas regiões do RIBATEJO E OESTE, BEIRA INTERIOR, TRÁS-OS-MONTES e ENTRE DOURO E MINHO, o efectivo presente ronda, em cada caso, 9% do total.

A distribuição do número de efectivos por escalão não é, no entanto, igual em todas as regiões. Em ENTRE DOURO E MINHO e BEIRA LITORAL, os escalões com menos Cabeças Normais são os mais significativos, com mais de 60% do efectivo pertencendo a explorações com menos de 10 CN. Em TRÁS-OS-MONTES, o efectivo concentra-se em explorações que têm entre 10 e 50 CN. Na BEIRA INTERIOR, o efectivo concentra-se nos escalões mais altos, cerca de 60% das CN estão em explorações com mais de 25 CN.

Mapa 1.2 – ÁREA FORRAGEIRA E Nº DE CABEÇAS NORMAIS POR CLASSE E POR NUT III



As unidades territoriais que apresentam maior área forrageira declarada e maior número de Cabeças Normais são as da região do Alentejo, sobretudo interior. ALTO TRÁS-OS-MONTES e a REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES, também se encontram nas classes mais altas de área; no que diz respeito ao número de cabeças normais nos AÇORES o efectivo situa-se na segunda classe mais baixa.

As regiões que apresentam menores áreas forrageiras e também um menor número de cabeças normais, são, à excepção do Sul do país e do MINHO-LIMA, as regiões do Litoral.

2 AGRICULTURA

2.1 ACTIVIDADES VEGETAIS

2.1.1 CULTURAS ARVENSES E ARROZ

Os regimes de apoio aos PRODUTORES DE CULTURAS ARVENSES E ARROZ são concedidos a todos os produtores que apresentem um pedido de ajuda e que cumpram todas as disposições estabelecidas pela regulamentação comunitária e nacional aplicável.

A AJUDA AOS PRODUTORES DE CULTURAS ARVENSES é uma ajuda à superfície, paga com base em rendimentos históricos. A área total mínima elegível é 0,3 hectares.

A AJUDA AOS PRODUTORES DE ARROZ é concedida aos produtores que declarem uma superfície mínima de 0,3 ha desta cultura com a indicação da variedade utilizada por parcela. O pagamento é feito com base nas superfícies.

Quadro 2.1.1.1 - PRODUTORES E ÁREAS POR REGIÃO

Região Agrária	Nº Produtores	Área(ha)
Entre Douro e Minho	42.606	69.156
Trás-os-Montes	17.979	41.232
Beira Litoral	30.860	53.242
Beira Interior	9.763	62.908
Ribatejo e Oeste	5.523	77.268
Alentejo	9.001	414.112
Algarve	1.099	5.931
Açores	3.022	7.635
Madeira	60	39
Total	119.397	731.523

Analisando o quadro com a distribuição dos produtores e áreas por região agrícola, podemos concluir que o ENTRE DOURO E MINHO apresenta o maior número de produtores declarados, 36% aos quais correspondem 9% da área total declarada. O ALENTEJO é a região com maior área declarada, 57% da área total e 8% de produtores.

A área média por produtor em Portugal é de 6,1 hectares. Em termos regionais, utilizando o mesmo indicador, verifica-se que o ALENTEJO e o RIBATEJO E OESTE apresentam valores superiores à média de Portugal. No RIBATEJO E OESTE este valor é de 14,0

hectares, um pouco mais do dobro da área média, enquanto que no ALENTEJO é de 46,0 hectares, cerca de oito vezes superior à média.

A MADEIRA apresenta o valor mais baixo do indicador, este é 0,7 hectares.

Quadro 2.1.1.2 - EVOLUÇÃO POR CAMPANHA

Campanha	Nº Produtores	Área (ha)
1998	147.447	840.812
1999	143.558	882.090
2000	135.984	887.253
2001	128.833	818.988
2002	124.737	817.082
2003	120.460	761.534
2004	119.397	731.523

Quanto à evolução por campanha, verifica-se que o número de produtores declarados tem vindo a diminuir ao longo das campanhas, com um decréscimo de 19%.

Relativamente à área verifica-se que em termos globais tem vindo a diminuir, registando um decréscimo de 13% no período em análise. É de salientar no entanto que houve um aumento da área na campanha de 1999 e na campanha de 2000.

Em termos de área média registam-se algumas oscilações. A campanha que apresenta o valor mais baixo deste indicador é a campanha 1998 com 5,7 hectares. A campanha 2002 apresenta o valor mais elevado desse indicador com 6,6 hectares seguida da campanha 2000 com 6,5 hectares.

Quadro 2.1.1.3 – PRODUTORES, PARCELAS E ÁREAS POR REGIÃO

Região Agrária		Nº Produtores	Nº Parcelas	Área (ha)
Entre Douro e Minho	Regadio	42.425	155.661	67.168
	Sequeiro	5.318	7.927	1.988
	<i>Sub-total</i>	<i>42.606</i>	<i>163.588</i>	<i>69.156</i>
Trás-os-Montes	Regadio	9.048	25.059	8.006
	Sequeiro	14.666	65.481	33.225
	<i>Sub-total</i>	<i>17.979</i>	<i>90.540</i>	<i>41.232</i>
Beira Litoral	Regadio	30.214	127.249	44.668
	Sequeiro	12.592	34.898	8.573
	<i>Sub-total</i>	<i>30.860</i>	<i>162.147</i>	<i>53.242</i>
Beira Interior	Regadio	6.394	14.661	14.488
	Sequeiro	7.567	28.206	48.421
	<i>Sub-total</i>	<i>9.763</i>	<i>42.867</i>	<i>62.908</i>
Ribatejo e Oeste	Regadio	3.270	14.148	50.255
	Sequeiro	3.880	17.331	27.013
	<i>Sub-total</i>	<i>5.523</i>	<i>31.479</i>	<i>77.268</i>
Alentejo	Regadio	2.929	10.832	79.968
	Sequeiro	7.950	44.435	334.144
	<i>Sub-total</i>	<i>9.001</i>	<i>55.267</i>	<i>414.112</i>
Algarve	Regadio	489	816	1.033
	Sequeiro	914	3.123	4.898
	<i>Sub-total</i>	<i>1.099</i>	<i>3.939</i>	<i>5.931</i>
Açores	Regadio			
	Sequeiro	3.022	12.374	7.635
	<i>Sub-total</i>	<i>3.022</i>	<i>12.374</i>	<i>7.635</i>
Madeira	Regadio	22	47	7
	Sequeiro	52	268	32
	<i>Sub-total</i>	<i>60</i>	<i>315</i>	<i>39</i>
Total	Regadio	93.444	348.473	265.593
	Sequeiro	55.804	214.043	465.929
	Total	119.397	562.516	731.523

Analisando o quadro anterior verifica-se que 64% da área total é ocupada por culturas de sequeiro. A esta área correspondem 38% das parcelas. A área média da parcela de sequeiro é 2,2 hectares.

Relativamente ao regadio constata-se que 78% dos produtores fazem culturas regadas, ocupando 62% do total das parcelas. No que diz respeito à área média por parcela é de

0,8 hectares, significativamente menor que o correspondente valor da área dedicada ao sequeiro.

O ENTRE DOURO E MINHO é a região agrária onde se concentra o maior número de produtores que fazem culturas de regadio, 45% do total de produtores de regadio do país. Nesta região agrária encontra-se o maior número de parcelas regadas, 45% das parcelas regadas do país. O ALENTEJO é a região agrária com maior área regada, 30% da área total regada das CULTURAS ARVENSES E ARROZ.

A BEIRA LITORAL apresenta o maior número de produtores que fazem culturas sequeiro, 23% do total de produtores de sequeiro. A região de TRÁS-OS-MONTES tem o maior número de parcelas que praticam sequeiro, 31% do total de parcelas de sequeiro. O Alentejo apresenta a maior área de sequeiro, 72% da área total de sequeiro do país de CULTURAS ARVENSES E ARROZ.

Quadro 2.1.1.4 - ÁREAS POR CULTURA E POR REGIÃO

(ha)

Região Agrária		Cereais									
		Trigo Mole	Trigo Duro	Centeio	Cevada	Aveia	Milho	Triticale	Sorgo	Milho Silagem	Outros
Entre Douro e Minho	Regadio	8	4		1		34.174	6	51	32.924	0,2
	Sequeiro	41	1	838	2	735	124		2	36	0,1
	Sub-total	50	5	838	2	735	34.298	6	53	32.960	0,3
Trás-os-Montes	Regadio	30	9		0,3		6.480	1	53	1.431	1
	Sequeiro	5.349	118	12.267	244	10.383	3.199	26	314	233	1
	Sub-total	5.379	127	12.267	244	10.383	9.679	27	367	1.664	2
Beira Litoral	Regadio	50	3		1		26.448	17	425	11.053	
	Sequeiro	356	22	729	29	3.200	2.730	7	64	713	4
	Sub-total	406	26	729	31	3.200	29.177	24	489	11.766	4
Beira Interior	Regadio	87	1		16		10.956	473	2.024	923	0,1
	Sequeiro	1.119	89	8.831	138	15.529	12.637	2.026	738	32	1
	Sub-total	1.207	90	8.831	155	15.529	23.593	2.499	2.761	955	1
Ribatejo e Oeste	Regadio	921	4.015		635		31.005	342	1.456	1.885	
	Sequeiro	1.134	3.405	16	1.566	10.842	810	308	550	39	1
	Sub-total	2.056	7.420	16	2.201	10.842	31.816	650	2.005	1.924	1
Alentejo	Regadio	3.453	23.926		1.754		22.884	519	5.413	2.394	
	Sequeiro	17.234	121.622	1.068	9.815	55.420	2.335	11.809	6.720	30	3
	Sub-total	20.687	145.548	1.068	11.569	55.420	25.219	12.328	12.132	2.423	3
Algarve	Regadio	29	30		7		612		122	8	
	Sequeiro	786	312	11	539	2.229	223	117	17		
	Sub-total	815	342	11	546	2.229	835	117	139	8	
Açores	Regadio										
	Sequeiro		0,5	1	5	4	128		2	7.483	
	Sub-total		0,5	1	5	4	128		2	7.483	
Madeira	Regadio	2					6				
	Sequeiro	12			5	6	7		2		
	Sub-total	13			5	6	13		2		
Total	Regadio	4.580	27.988		2.415		132.564	1.358	9.543	50.618	1
	Sequeiro	26.032	125.571	23.761	12.343	98.348	22.193	14.294	8.407	8.564	10
	Total	30.612	153.559	23.761	14.758	98.348	154.758	15.652	17.950	59.182	11

Da análise do quadro anterior, pode-se salientar que o milho, o trigo duro e a aveia são os cereais com maior área declarada.

O milho é essencialmente uma cultura de regadio. A sua área regada corresponde a 86% da área total da cultura e 58% da área total de regadio dos cereais.

O trigo duro é uma cultura predominantemente de sequeiro, 82% da área total da cultura e 37% da área total de sequeiro dos cereais.

A aveia é uma cultura de sequeiro e representa 29% da área total de sequeiro dos cereais.

Na região do ENTRE DOURO E MINHO concentra-se maior área de milho, 22% da total da cultura, seguida do RIBATEJO E OESTE com 21% e da Beira Litoral com 19%.

No ALENTEJO encontra-se a maior área de trigo duro e aveia, com 95% e 56% das culturas, respectivamente.

Quadro 2.1.1.4 - ÁREAS POR CULTURA E POR REGIÃO (CONTINUAÇÃO)

Região Agrária		Proteaginosas				Oleaginosas			Linho e Cânhamo			Pousio	(ha)
		Ervilha	Fava	Faveta	Tremoço Doce	Girassol	Soja	Colza/Nabita	Linho Têxtil	Linho não Têxtil	Cânhamo		Arroz
Entre Douro e Minho	Regadio					0,04				0,1			
	Sequeiro	0,2	1	0,3	101							107	
	<i>Sub-total</i>	<i>0,2</i>	<i>1</i>	<i>0,3</i>	<i>101</i>	<i>0,04</i>				<i>0,1</i>		<i>107</i>	
Trás-os-Montes	Regadio								1				
	Sequeiro	0,2	0,2		394							697	
	<i>Sub-total</i>	<i>0,2</i>	<i>0,2</i>		<i>394</i>				<i>1</i>			<i>697</i>	
Beira Litoral	Regadio					7				10			6.654
	Sequeiro	24	96	0,1	208	2						390	
	<i>Sub-total</i>	<i>24</i>	<i>96</i>	<i>0,1</i>	<i>208</i>	<i>8</i>				<i>10</i>		<i>390</i>	<i>6.654</i>
Beira Interior	Regadio					8							
	Sequeiro	0,1	2	9	299			0,4				6.970	
	<i>Sub-total</i>	<i>0,1</i>	<i>2</i>	<i>9</i>	<i>299</i>	<i>8</i>		<i>0,4</i>				<i>6.970</i>	
Ribatejo e Oeste	Regadio					411							9.565
	Sequeiro	85	178		34	66				20		7.978	
	<i>Sub-total</i>	<i>85</i>	<i>178</i>		<i>34</i>	<i>477</i>				<i>20</i>		<i>7.978</i>	<i>9.565</i>
Alentejo	Regadio					8.514		6		604			10.503
	Sequeiro	2.704	574	295	1.163	23.385				936		79.031	
	<i>Sub-total</i>	<i>2.704</i>	<i>574</i>	<i>295</i>	<i>1.163</i>	<i>31.899</i>		<i>6</i>		<i>1.540</i>		<i>79.031</i>	<i>10.503</i>
Algarve	Regadio					5							220
	Sequeiro	37	151		95					0,1		382	
	<i>Sub-total</i>	<i>37</i>	<i>151</i>		<i>95</i>	<i>5</i>				<i>0,1</i>		<i>382</i>	<i>220</i>
Açores	Regadio												
	Sequeiro		12										
	<i>Sub-total</i>		<i>12</i>										
Madeira	Regadio												
	Sequeiro	1	1										
	<i>Sub-total</i>	<i>1</i>	<i>1</i>										
Total	Regadio					8.944		6	1	613			26.942
	Sequeiro	2.851	1.014	304	2.293	23.453		0		956		95.554	
	Total	2.851	1.014	304	2.293	32.397		6	1	1.570		95.554	26.942

Relativamente aos restantes grupos de cultura representados no quadro anterior, observa-se que, o pousio apresenta maior área declarada, seguida da área de oleaginosas e da área de arroz.

O pousio concentra-se no ALENTEJO e representa 83% da área do grupo no país.

No grupo das oleaginosas, o girassol tem uma representatividade de aproximadamente 100%. Da área total de girassol, 72% é de regadio e 28% de sequeiro. O girassol encontra-se fundamentalmente no ALENTEJO, representando 98% da área total da cultura.

O arroz distribui-se fundamentalmente pelo ALENTEJO com 39% da área total da cultura, seguido RIBATEJO E OESTE com 36% e da BEIRA LITORAL com 25%.

Quadro 2.1.1.5 – SISTEMAS DE REGA POR REGIÃO

Região Agrária	Center	Pivot	Aspersão	Aspersão	Máq.Reg/	Localizada	Gravidade	Pivot e	Gravidade e	Gravidade e	Total
	Pivot	Linear	Fixa	Móvel	Canhão			Outras	Aspersão	Máq.Reg	
Entre Douro e Minho	10	1	1.094	23.005	824	763	38.702	7	2.514	249	67.168
Trás-os-Montes	1	1	228	720	52	14	6.459	9	288	235	8.006
Beira Litoral	244	64	1.966	12.625	1.014	234	17.106	82	4.181	543	38.059
Beira Interior	2.736	101	443	3.710	1.159	36	10.203	347	1.896	468	21.097
Ribatejo e Oeste	16.613	981	1.999	2.953	6.414	1.304	18.741	1.004	159	88	50.255
Alentejo	32.507	371	1.175	2.357	24.081	473	16.648	1.477	185	694	79.968
Algarve	100		14	161	110	32	581	3	17	15	1.033
Açores											
Madeira								7			7
Total	52.210	1.518	6.919	45.532	33.653	2.857	108.448	2.927	9.240	2.291	265.593

Analisando o quadro com os diferentes sistemas de rega distribuídos por região agrícola, podemos observar que a gravidade é o sistema de rega mais utilizado. Este sistema é utilizado em 41% da área de regadio. O segundo sistema mais utilizado é o center pivot, 20% da área é regada por este sistema de rega.

No ALENTEJO o center pivot, a máquina rega/canhão e a gravidade são os sistemas de rega mais utilizados, regando conjuntamente 92% da área da região e 28% da área total regada de culturas arvenses e arroz.

No Entre Douro e Minho os sistemas mais utilizados são a rega por gravidade e a aspersão móvel que no seu conjunto são responsáveis por regar 92% da área da região e 23% da área total do país.

No Ribatejo e Oeste são mais usados os sistemas de rega por gravidade e o center pivot, 70% da área regada da região e 13% da área regada de CULTURAS ARVENSES E ARROZ do país.

Quadro 2.1.1.6 – SISTEMAS DE REGA POR CULTURA

(ha)

Cultura	Center Pivot	Pivot Linear	Aspersão Fixa	Aspersão Móvel	Máq.Regá/ Canhão	Localizada	Gravidade	Pivot e Outras	Gravidade e Aspersão	Gravidade e Máq.Regá	Total
Trigo Mole	1.711	58	66	423	2.238		15	70	1		4.580
Trigo Duro	8.855	116	470	1.914	15.640		40	726	136	91	27.988
Cevada	1.031		40	245	1.023		2	75			2.415
Milho*	34.635	1.261	5.948	40.647	6.692	2.819	78.843	1.748	8.919	1.671	183.182
Triticale	288	13	37	111	888	1	15	3			1.358
Sorgo	2.627	70	229	1.810	2.690	12	1.585	156	171	194	9.543
Outros Cereais							1	0	0		1
Girassol	3.004		120	280	3.968	25	1.069	149	12	317	8.944
Colza/Nabita	6										6
Linho não Têxtil	53		9	56	515		0				633
Linho Têxtil			1								1
Arroz				45			26.879			18	26.942
Total	52.210	1.518	6.919	45.532	33.653	2.857	108.448	2.927	9.240	2.291	265.593

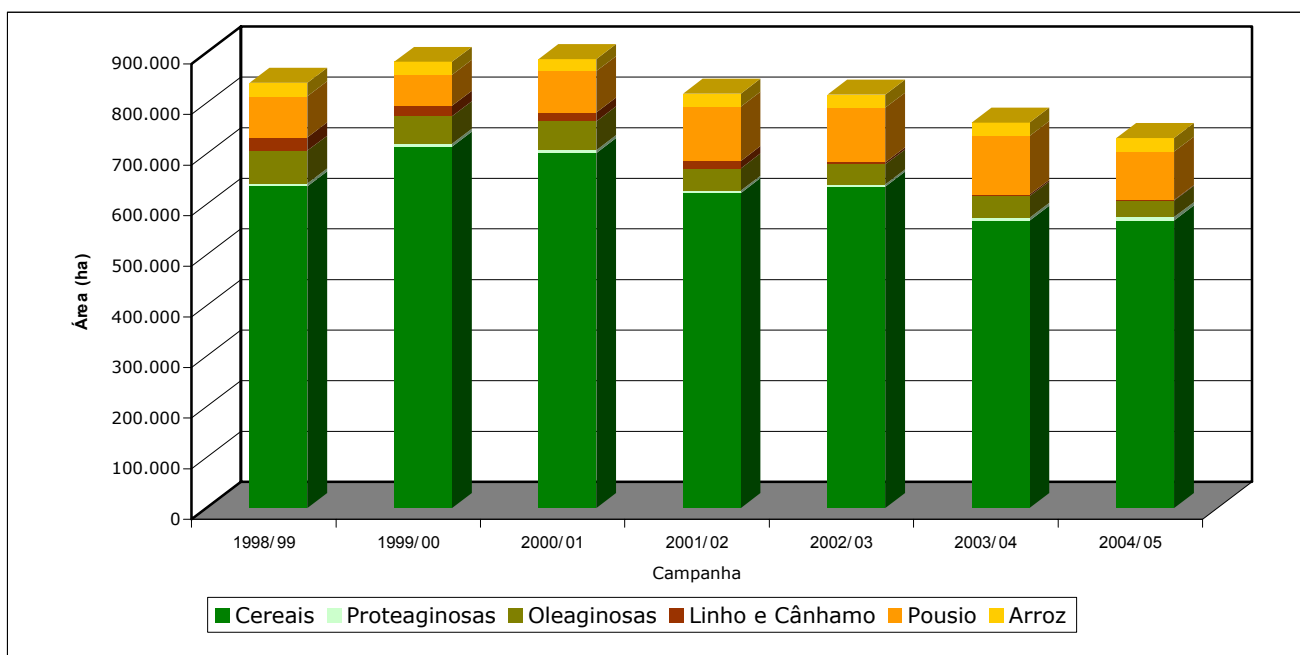
* inclui milho silagem.

Observando o quadro com os diferentes sistemas de rega distribuídos por cultura, podemos verificar que o milho utiliza predominantemente três sistemas de rega. O sistema responsável por regar maior área de milho é a rega por gravidade, seguida da aspersão móvel e do center pivot. Analisando os três sistemas de rega conjuntamente, verifica-se que estes são responsáveis por regar 84% da área de milho e 58% da área total regada de CULTURAS ARVENSES E ARROZ.

O trigo duro utiliza fundamentalmente a rega por máquina rega/canhão e o center pivot estes são responsáveis por regar em conjunto 88% da área total trigo duro regada e 9% da área total de CULTURAS ARVENSES E ARROZ.

O Arroz utiliza essencialmente o sistema de rega por gravidade, este rega aproximadamente 100% da área regada de arroz e 10% da área total regada de CULTURAS ARVENSES E ARROZ.

Gráfico 2.1.1.1 - EVOLUÇÃO POR CAMPANHA



Ao longo das campanhas, no que diz respeito aos diferentes grupos de cultura, verifica-se que as proteaginosas e o pousio registaram um aumento das suas áreas enquanto os restantes grupos apresentam uma diminuição das mesmas.

Quadro 2.1.1.7 - EVOLUÇÃO POR CAMPANHA

Cultura	1998/99	1999/00	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05
Cereais	<u>636.128</u>	<u>714.229</u>	<u>701.706</u>	<u>622.943</u>	<u>635.443</u>	<u>567.763</u>	<u>568.591</u>
Trigo Mole	91.945	143.947	81.354	43.186	36.427	25.034	30.612
Trigo Duro	25.736	73.038	146.271	136.629	194.015	142.635	153.559
Centeio	45.195	43.740	37.696	30.501	27.629	25.530	23.761
Cevada	25.278	24.586	22.063	13.362	10.823	10.413	14.758
Aveia	107.895	126.713	129.238	112.128	104.118	100.089	98.348
Milho	275.271	246.477	232.512	241.210	224.669	225.388	213.940
Triticale	24.174	31.897	32.711	20.789	19.972	17.510	15.652
Sorgo	39.810	23.822	19.839	25.129	17.781	21.142	17.950
Outros Cereais	824	9	20	9	10	22	11
Proteaginosas	<u>5.423</u>	<u>6.056</u>	<u>5.571</u>	<u>4.573</u>	<u>4.481</u>	<u>5.760</u>	<u>6.462</u>
Ervilha	394	334	790	1.113	1.672	2.396	2.851
Fava	689	915	885	432	706	1.256	1.014
Faveta	59	89	29	11	115	66	304
Tremoço Doce	4.281	4.719	3.866	3.018	1.987	2.042	2.293
Oleaginosas	<u>64.958</u>	<u>54.187</u>	<u>57.051</u>	<u>43.746</u>	<u>39.323</u>	<u>42.586</u>	<u>32.404</u>
Girassol	64.804	53.895	56.879	43.661	39.269	42.473	32.397
Soja	4	82	24	30	18	3	
Colza/Nabita	150	210	149	56	37	110	6
Linho e Cânhamo	<u>26.291</u>	<u>20.711</u>	<u>17.555</u>	<u>14.688</u>	<u>4.119</u>	<u>3.183</u>	<u>1.570</u>
Pousio	<u>81.232</u>	<u>61.273</u>	<u>81.882</u>	<u>107.486</u>	<u>107.939</u>	<u>115.882</u>	<u>95.554</u>
Arroz	<u>26.781</u>	<u>25.635</u>	<u>23.489</u>	<u>25.551</u>	<u>25.776</u>	<u>26.361</u>	<u>26.942</u>

Os cereais tiveram uma redução das suas áreas, no período em análise, de aproximadamente 11%. A área de trigo mole decresceu para 1/3 da área registada na campanha 98/99. O trigo duro foi o único cereal que aumentou a sua área declarada, este aumento foi de 6 vezes. A área de centeio desceu 47%. Relativamente à área de cevada a quebra foi de 42% e em relação à área do sorgo foi de 55%.

A área de proteaginosas registou um aumento de 19%. O tremoço doce foi a única proteaginosa cuja área sofreu uma diminuição, 46%. A área de ervilha aumentou cerca de 7 vezes e a área de faveta 5 vezes.

A área de oleaginosas diminuiu para metade ao longo do período em análise. Este facto teve origem na diminuição da área do girassol.

A área do grupo do linho e cânhamo diminuiu 94%, passando de cerca de 26.000 ha na campanha de 1998/99 para 1.600 ha na campanha 2004/05.

O pousio aumentou 18% relativamente à campanha 1998/99.

Comparando as áreas de arroz ao longo das campanhas podemos constatar que esta se manteve praticamente constante. Não obstante este facto, nas campanhas de 1999/00 e

2000/01, verificou-se uma diminuição da área. Nas campanhas seguintes houve um aumento, atingindo-se assim no final do período em análise valores muito próximos aos da campanha de 1998/99.

Quadro 2.1.1.8 - CULTURAS ARVENSES – GRANDES E PEQUENOS PRODUTORES POR REGIÃO

Região Agrária		Nº Produtores	Área(ha)
Entre Douro e Minho	Grandes Prod.	119	2.307
	Pequenos Prod.	42.487	66.849
	<i>Sub-total</i>	<i>42.606</i>	<i>69.156</i>
Trás-os-Montes	Grandes Prod.	1	34
	Pequenos Prod.	17.978	41.197
	<i>Sub-total</i>	<i>17.979</i>	<i>41.232</i>
Beira Litoral	Grandes Prod.	152	4.235
	Pequenos Prod.	30.523	42.352
	<i>Sub-total</i>	<i>30.675</i>	<i>46.587</i>
Beira Interior	Grandes Prod.	248	26.218
	Pequenos Prod.	9.515	36.690
	<i>Sub-total</i>	<i>9.763</i>	<i>62.908</i>
Ribatejo e Oeste	Grandes Prod.	733	44.979
	Pequenos Prod.	4.669	22.724
	<i>Sub-total</i>	<i>5.402</i>	<i>67.703</i>
Alentejo	Grandes Prod.	2.431	326.013
	Pequenos Prod.	6.204	77.596
	<i>Sub-total</i>	<i>8.635</i>	<i>403.609</i>
Algarve	Grandes Prod.	18	1.256
	Pequenos Prod.	1.079	4.455
	<i>Sub-total</i>	<i>1.097</i>	<i>5.711</i>
Açores	Grandes Prod.	5	185
	Pequenos Prod.	3.017	7.450
	<i>Sub-total</i>	<i>3.022</i>	<i>7.635</i>
Madeira	Grandes Prod.		
	Pequenos Prod.	60	39
	<i>Sub-total</i>	<i>60</i>	<i>39</i>
Total	Grandes Prod.	3.664	405.228
	Pequenos Prod.	115.067	299.353
	Total	118.731	704.581

Analisando a distribuição dos grandes e pequenos produtores, pode-se salientar que, os grandes produtores de culturas arvenses existem em menor número, representando 3% do total. Pelo contrário a sua área declarada corresponde a 58% da área total de CULTURAS ARVENSES do país.

O ALENTEJO é a região que apresenta maior número de grandes produtores. Estes correspondem a 66% do total de grandes produtores de país. A sua área representa cerca de 80% da área total dos grandes produtores quer no país quer na região.

Os pequenos produtores encontram-se em maior número no ENTRE DOURO E MINHO, onde perfazem cerca de 100% de pequenos produtores, a estes correspondem a 37% do total de pequenos produtores do país, detendo 22% da área total dos mesmos.

A área média do país relativamente às CULTURAS ARVENSES é 5,9 hectares. O valor de área média dos pequenos produtores é 2,6 hectares e dos grandes produtores 110,6 hectares

Quadro 2.1.1.9 - CLASSES DE ÁREA POR REGIÃO

Região Agrária	0-2			2-5			5-10			10-20		
	Nº Prod.	Área (ha)	Parcelas (nº)	Nº Prod.	Área (ha)	Parcelas (nº)	Nº Prod.	Área (ha)	Parcelas (nº)	Nº Prod.	Área (ha)	Parcelas (nº)
Entre Douro e Minho	33.955	29.274	104.945	6.228	18.776	34.486	1.764	12.270	15.920	614	7.538	7.321
Trás-os-Montes	12.265	10.979	39.254	3.872	11.989	27.590	1.251	8.552	13.591	460	6.255	7.136
Beira Litoral	25.455	21.882	101.585	3.830	11.347	30.943	963	6.748	13.787	421	5.388	9.803
Beira Interior	5.400	5.035	14.079	2.250	7.296	10.128	1.037	7.239	6.182	525	7.394	4.420
Ribatejo e Oeste	1.844	1.979	4.500	1.388	4.585	5.434	874	6.342	4.836	594	8.353	4.445
Alentejo	1.124	1.422	1.557	1.366	4.805	2.779	1.354	10.013	3.934	1.298	18.826	5.306
Algarve	553	548	1.119	279	920	887	145	1.016	734	73	1.015	534
Açores	1.786	1.847	5.019	886	2.784	4.571	274	1.869	2.100	67	866	592
Madeira	56	23	302	2	6	7	2	11	6			
Total	82.166	72.987	272.360	20.082	62.506	116.825	7.659	54.060	61.090	4.047	55.636	39.557

Região Agrária	20-50			50-100			100-500			>500		
	Nº Prod.	Área (ha)	Parcelas (nº)	Nº Prod.	Área (ha)	Parcelas (nº)	Nº Prod.	Área (ha)	Parcelas (nº)	Nº Prod.	Área (ha)	Parcelas (nº)
Entre Douro e Minho	43	1.163	864	2	134	52						
Trás-os-Montes	130	3.406	2.929	1	50	40						
Beira Litoral	154	4.759	4.466	31	2.284	1.346	6	834	217			
Beira Interior	341	10.479	3.820	120	8.230	1.926	86	14.794	2.126	4	2.443	186
Ribatejo e Oeste	481	15.132	5.278	207	14.547	3.355	130	22.456	3.198	5	3.874	433
Alentejo	1.680	54.907	9.786	1.008	72.169	9.543	1.116	213.436	19.560	55	38.534	2.802
Algarve	32	974	343	12	832	223	5	625	99			
Açores	8	216	77	1	54	15						
Madeira												
Total	2.865	91.036	27.563	1.380	98.301	16.500	1.342	252.145	25.200	64	44.851	3.421

Observando os quadros com a distribuição das classes de área por região agrária, importa salientar que a maior percentagem de produtores, 69%, encontra-se na primeira classe (0-2 ha), o mesmo se verificando relativamente às parcelas, 48%. Nesta classe está representada 10% da área total do país de CULTURAS ARVENSES E ARROZ.

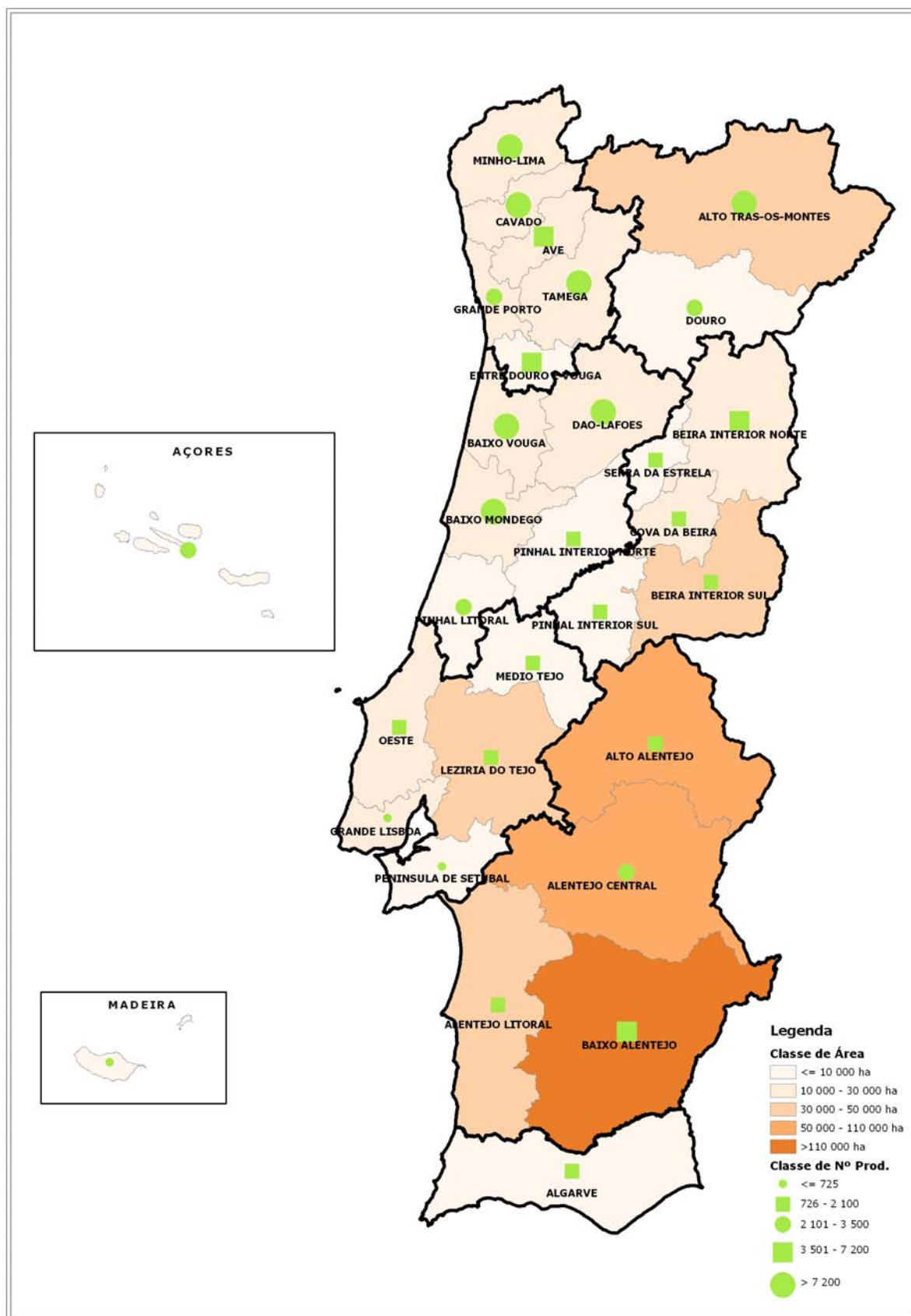
No que diz respeito às áreas, verifica-se que a maior percentagem, 36%, se encontra na classe 100-500 ha. Nesta classe estão representados 1% dos produtores e 4% das parcelas.

Nas 3 primeiras classes, até 10ha, o ENTRE DOURO E MINHO é a região com maior número de produtores, maior área e maior número de parcelas.

Na classe 10-20 ha, verifica-se que o maior número de produtores, 32% do total de produtores da classe, assim como a maior área, 34%, se verifica no ALENTEJO. Contudo o maior número de parcelas, 25%, encontra-se na BEIRA LITORAL.

Nas restantes classes é no ALENTEJO que estão em maior número os produtores, a área e as parcelas.

Mapa 2.1.1.1 - PRODUTORES E ÁREA DE CULTURAS ARVENSES E ARROZ POR CLASSE E POR NUT III



Ao observarmos o mapa 2.1.1.1 sobressai uma mancha mais escura que corresponde à NUT com maior área de CULTURAS ARVENSES E ARROZ, esta é a NUT do BAIXO ALENTEJO, com uma área superior a 110.000 hectares. As NUTs do ALTO ALENTEJO e do Alentejo CENTRAL apresentam uma área entre os 50.000 e os 110.000 hectares. A estas seguem-se as NUTs do ALTO TRÁS-OS-MONTES, da BEIRA INTERIOR SUL, da LEZÍRIA DO TEJO e a do ALENTEJO LITORAL com área entre os 30.000 e os 50.000.

No que diz respeito à distribuição geográfica dos produtores, verificamos que estes se concentram sobretudo a Norte do Rio Douro e da Beira Litoral, nomeadamente nas NUTs, BAIXO MONDEGO, BAIXO VOUGA e DÃO-LAFÕES na Beira Litoral, TAMEGA, CÁVADO e MINHO-LIMA no Entre Douro e Minho, e, no ALTO TRÁS-OS-MONTES em Trás-os-Montes. Todas estas regiões registam mais de 7200 produtores. Fora deste padrão podemos salientar a NUT BAIXO ALENTEJO no escalão de 3501 a 7200 produtores, com a maior área de Culturas Arvenses Nacional.

Os AÇORES apresentam áreas situadas na classe com área inferior, contudo relativamente aos produtores o mesmo não se verifica, estes encontram-se na classe dos 2.101 aos 3.500.

2.1.2 AZEITE E AZEITONA

As AJUDAS À PRODUÇÃO DE AZEITE e de AZEITONA DE MESA são analisadas no mesmo capítulo dada a estreita relação que apresentam entre si. A presente análise respeita à campanha de 2003, dado o desfasamento temporal que se verifica na obtenção dos elementos estatísticos relativos ao sector do azeite e da azeitona de mesa, em virtude de, neste sector, a campanha se iniciar muito tardiamente.

A AJUDA À PRODUÇÃO DE AZEITE é concedida aos olivicultores que entreguem, para trituração, as suas azeitonas em lagares reconhecidos para o efeito. É paga em função das quantidades de azeite efectivamente obtidas às quais se aplica uma majoração de 8%, correspondente à quantidade de bagaço admitido à ajuda.

A AJUDA À PRODUÇÃO DE AZEITONA DE MESA é atribuída aos olivicultores que entreguem as suas azeitonas em empresas aprovadas para o efeito, com vista a torná-las aptas para o consumo humano. É paga em função da quantidade de azeite equivalente ao peso das azeitonas após transformação, considerando-se um coeficiente de equivalência de 11,5%.

As quantidades de azeite e de azeitona de mesa pagas por campanha para o total dos olivicultores estão subordinadas, em conjunto, à Quantidade Nacional Garantida (QNG) de Portugal de 51.244 toneladas.

Às ajudas à produção são aplicadas retenções de 1,4% e de 0,8% que se destinam ao financiamento dos programas de Melhoria da Qualidade do Azeite e das Organizações de Produtores Reconhecidas (OPRs), respectivamente.

Passar-se-á, de imediato, à caracterização do olival candidato à ajuda na campanha de 2003, tendo por base as informações contidas nas Declarações de Cultura dos olivicultores com pedido de ajuda.

2.1.2.1 OLIVAL

Quadro 2.1.2.1.1 – PRODUTORES, ÁREAS DE OLIVAL E OLIVEIRAS POR REGIÃO

Região Agrária	Nº de Produtores	Área de Olival (ha)	Nº de Oliveiras Produtivas
Entre Douro e Minho	998	1.215	78.193
Trás-os-Montes	32.636	102.796	10.007.143
Beira Litoral	14.849	17.950	1.460.008
Beira Interior	21.294	55.763	3.958.227
Ribatejo e Oeste	6.522	16.992	1.451.777
Alentejo	14.629	129.564	10.019.801
Algarve	3.010	9.302	260.967
Total	93.468	333.581	27.236.116

Na campanha de 2003, candidatam-se às AJUDAS À PRODUÇÃO DE AZEITE E/OU DE AZEITONA DE MESA cerca de 93 mil olivicultores, os quais declaram perto de 334 mil hectares de olival e pouco mais de 27 milhões de oliveiras produtivas, no território português.

O olival não está presente nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, distribuindo-se de forma bastante desigual pelas regiões agrárias do Continente: o ALENTEJO e TRÁS-OS-MONTES detêm 70% da área desta cultura permanente e, aproximadamente, 74% das oliveiras, enquanto que no ENTRE DOURO E MINHO e no ALGARVE, em conjunto, apenas se encontram cerca de 3% da área e de 1% do número de árvores.

As duas regiões onde o olival encontra maior expressão representam, todavia, realidades diferentes. De facto, embora apresentem, sensivelmente, o mesmo número de oliveiras, em termos de superfície de olival, o ALENTEJO abrange 39% da mesma, enquanto que em TRÁS-OS-MONTES se situa 31%; no que respeita ao número de produtores, TRÁS-OS-MONTES destaca-se de todas as restantes regiões com 35% dos produtores, aparecendo no ALENTEJO apenas 16%, valor que se regista igualmente na BEIRA LITORAL e que fica aquém dos 23% da BEIRA INTERIOR.

Estes números traduzem-se numa área média por produtor de 8,9 ha no ALENTEJO e de 3,1 ha em TRÁS-OS-MONTES, valores respectivamente muito acima e um pouco abaixo da média nacional de 3,6 ha por produtor. O ALENTEJO é, aliás, a única região na qual a área média por produtor ultrapassa o valor médio nacional. O ALGARVE regista, tal como TRÁS-OS-MONTES, uma área média por produtor de 3,1 ha, sendo que em todas as restantes regiões os valores são inferiores.

No que respeita ao número de oliveiras por hectare, este indicador toma o seu valor máximo, 97 árvores/ha, em TRÁS-OS-MONTES, enquanto que no ALENTEJO o mesmo

apresenta-se com um valor de 77 oliveiras/ha, abaixo da média nacional que se situa em 82 oliveiras/ha e dos valores registados no RIBATEJO E OESTE e na BEIRA LITORAL, 85 e 81 árvores/ha, respectivamente.

Quadro 2.1.2.1.2 – EVOLUÇÃO POR CAMPANHA

Campanha	Nº de Produtores	Área de Olival (ha)	Nº de Oliveiras Produtivas
1998	104.281	500.365	29.160.484
1999	129.782	583.382	32.694.609
2000	97.100	393.326	27.936.708
2001	96.818	381.558	26.949.951
2002	93.440	365.138	26.046.644
2003	93.468	333.581	27.236.116

A análise do quadro 2.1.2.1.2 revela que, entre as campanhas de 1998 e de 2003, inclusive, a área de olival sofreu uma diminuição de 33%, enquanto que o número de produtores e o número de oliveiras diminuíram 10% e 7%, respectivamente.

O comportamento destas variáveis não foi, todavia, regular durante o período considerado pois, entre as campanhas de 1998 e 1999, as três variáveis sofreram aumentos significativos, os quais foram, então, seguidos de fortes decréscimos entre as campanhas de 1999 e 2000; a tendência decrescente manteve-se a partir de 2000, ainda que de forma pouco acentuada, excepção feita ao número de oliveiras produtivas que, entre 2002 e 2003, subiu 5%.

A evolução manifestada por estas variáveis reflectiu-se numa progressiva diminuição da área de olival por produtor ao longo das campanhas em questão, a qual passou de 4,8 para 3,6 hectares por produtor, enquanto que o número de oliveiras por hectare aumentou de 58 para 82 oliveiras por hectare, embora de forma não constante.

Quadro 2.1.2.1.3 – PRODUTORES, PARCELAS E ÁREAS DE OLIVAL POR REGIÃO

Região Agrária		Nº de Produtores	Nº de Parcelas	Área de Olival (ha)
Entre Douro e Minho	Sequeiro	355	861	242
	Regadio	856	2.413	974
	<i>Sub-Total</i>	<i>998</i>	<i>3.274</i>	<i>1.215</i>
Trás-os-Montes	Sequeiro	31.596	180.088	96.364
	Regadio	4.011	9.337	6.432
	<i>Sub-Total</i>	<i>32.636</i>	<i>189.425</i>	<i>102.796</i>
Beira Litoral	Sequeiro	11.724	53.434	11.210
	Regadio	9.805	26.376	6.740
	<i>Sub-Total</i>	<i>14.849</i>	<i>79.810</i>	<i>17.950</i>
Beira Interior	Sequeiro	17.919	79.214	42.633
	Regadio	11.599	29.187	13.130
	<i>Sub-Total</i>	<i>21.294</i>	<i>108.401</i>	<i>55.763</i>
Ribatejo e Oeste	Sequeiro	5.816	25.832	12.690
	Regadio	3.307	8.383	4.302
	<i>Sub-Total</i>	<i>6.522</i>	<i>34.215</i>	<i>16.992</i>
Alentejo	Sequeiro	13.426	44.454	113.986
	Regadio	2.486	4.889	15.578
	<i>Sub-Total</i>	<i>14.629</i>	<i>49.343</i>	<i>129.564</i>
Algarve	Sequeiro	2.881	16.511	8.445
	Regadio	593	1.287	857
	<i>Sub-Total</i>	<i>3.010</i>	<i>17.798</i>	<i>9.302</i>
Total	Sequeiro	83.357	400.394	285.568
	Regadio	32.569	81.872	48.013
	Total	93.468	482.266	333.581

No quadro 2.1.2.1.3 pode ver-se que o olival de sequeiro predomina largamente no olival nacional, ultrapassando os 80% no que respeita ao número de parcelas e à área de olival e aproximando-se mesmo dos 90% quanto ao número de olivicultores que conduzem pelo menos parte do seu olival sob condições de sequeiro. A expressão do regadio ronda apenas, portanto, os 15%, salvo no que diz respeito ao número de produtores que aplica a rega ao seu olival, o qual representa 35% do total de produtores.

A distribuição regional do olival de sequeiro segue de perto a distribuição pelo País do olival no seu todo. De facto, aquele encontra-se, sobretudo, no ALENTEJO e em TRÁS-OS-MONTES, regiões que detêm 40% e 34% da área de sequeiro nacional, respectivamente. A distribuição da área regada de olival, pelo contrário, afasta-se um pouco daquele padrão, pois, embora a maior concentração de olival regado, 32%, se verifique no ALENTEJO, a região da BEIRA INTERIOR apresenta 27% do mesmo, enquanto que nas regiões da BEIRA

LITORAL e de TRÁS-OS-MONTES se encontra estabelecidos, respectivamente, 14% e 13% da área considerada.

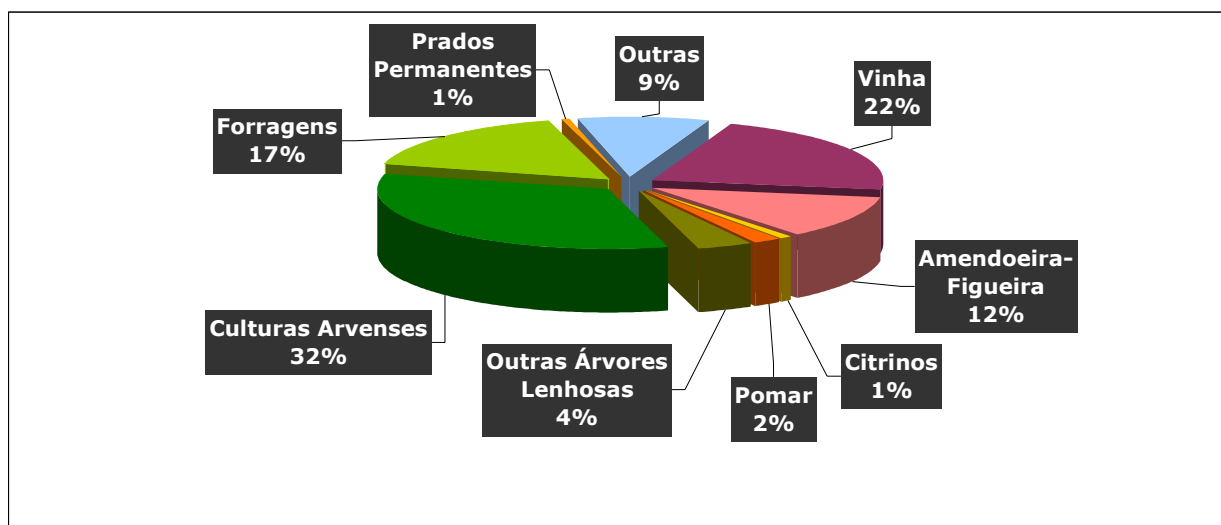
Analisando agora a relação entre o olival de sequeiro e o olival de regadio em cada uma das regiões agrárias, pode concluir-se que, de um modo geral, é muito notória a predominância do sequeiro. Com efeito, este chega a rondar os 90% em três regiões, nomeadamente, em TRÁS-OS-MONTES, no ALENTEJO e no ALGARVE, enquanto que na BEIRA INTERIOR e no RIBATEJO E OESTE para cima de 80% dos produtores mantêm sob condições de sequeiro mais de 2/3 da superfície de olival e do número de parcelas das respectivas regiões. O ENTRE DOURO E MINHO é a única região onde predomina o regadio, com 86% dos produtores desta região a regarem 80% da área de olival da mesma.

Em termos médios, cada olivicultor explora 5,2 parcelas com 0,7 hectares de área. Distinguindo o sequeiro do regadio, cabem a cada olivicultor de sequeiro 4,8 parcelas e a cada olivicultor de regadio 2,5 parcelas, sendo que a área média por parcela iguala o valor médio nacional, no primeiro caso, e fica-se pelos 0,6 hectares por parcelas, no caso do regadio.

Quadro 2.1.2.1.4 – ÁREAS DE OLIVAL, OLIVEIRAS PRODUTIVAS E AZEITONA COLHIDA POR TIPO DE OLIVAL

Tipo de Olival	Área de Olival (ha)	Nº de Oliveiras Produtivas	Azeitona Colhida (ton)
Estreme	171.822	17.912.482	140.373
Culturas Associadas	161.759	9.323.634	75.728
Total	333.581	27.236.116	216.101

O olival é conduzido em associação com outras culturas em cerca de metade da superfície olivícola do país, à qual corresponde, no entanto, apenas um terço dos totais de oliveiras produtivas e de azeitona colhida.

Gráfico 2.1.2.1.1 – ÁREA DAS PRINCIPAIS CULTURAS ASSOCIADAS AO OLIVAL

As culturas arvenses são, de entre as várias culturas associadas ao olival, aquelas que assumem a maior expressão, estando presentes em 32% da área do olival associado. Seguem-se as culturas da vinha (22%), das forragens (17%) e da amendoeira-figueira (12%).

Quadro 2.1.2.1.5 – PRODUTORES, OLIVEIRAS PRODUTIVAS E AZEITONA COLHIDA POR REGIÃO

Região Agrária		Azeite			Azeitona		
		Nº de Produtores	Nº de Oliveiras Produtivas	Azeitona Colhida (ton)	Nº de Produtores	Nº de Oliveiras Produtivas	Azeitona Colhida (ton)
Entre Douro e Minho	Sequeiro	355	21.644	129			
	Regadio	856	56.549	432			
	Sub-Total	998	78.193	560			
Trás-os-Montes	Sequeiro	31.489	8.862.156	65.617	1.016	266.752	2.299
	Regadio	3.957	687.295	3.894	424	190.940	1.830
	Sub-Total	32.494	9.549.451	69.510	1.164	457.692	4.130
Beira Litoral	Sequeiro	11.724	938.800	7.612			
	Regadio	9.805	521.208	3.766			
	Sub-Total	14.849	1.460.008	11.378			
Beira Interior	Sequeiro	17.807	2.879.851	21.293	376	136.144	1.055
	Regadio	11.559	904.008	8.074	149	38.224	262
	Sub-Total	21.171	3.783.859	29.367	401	174.368	1.317
Ribatejo e Oeste	Sequeiro	5.816	950.397	6.868			
	Regadio	3.307	501.380	3.101			
	Sub-Total	6.522	1.451.777	9.969			
Alentejo	Sequeiro	13.378	7.782.506	68.355	341	167.259	1.484
	Regadio	2.474	1.966.607	15.751	149	103.429	1.285
	Sub-Total	14.573	9.749.113	84.106	392	270.688	2.769
Algarve	Sequeiro	2.881	235.594	2.712			
	Regadio	593	25.373	281			
	Sub-Total	3.010	260.967	2.993			
Total	Sequeiro	83.092	21.670.948	172.586	1.729	570.155	4.839
	Regadio	32.464	4.662.420	35.299	721	332.593	3.377
	Total	93.149	26.333.368	207.885	1.953	902.748	8.216

A esmagadora maioria dos olivicultores destina a totalidade ou parte da sua produção de azeitona à obtenção de azeite e apenas 2% dos olivicultores canaliza pelo menos parte da azeitona colhida para transformação em azeitona de mesa. Resulta desta decisão que somente 3% do total de oliveiras produtivas são orientadas para a produção de azeitona de mesa, as quais dão origem a 4% do total da azeitona colhida.

Os olivicultores e as oliveiras vocacionados para a obtenção de azeite encontram-se espalhados por todo o território continental, sendo que a sua distribuição se confunde, como seria de esperar, com a distribuição do olival como um todo, dada a vocação para azeite do olival português. A azeitona é colhida, sobretudo, no ALENTEJO (40%) e em TRÁS-OS-MONTES (33%) e, ainda, na BEIRA INTERIOR (14%).

As oliveiras conduzidas com vista à produção de azeitona de mesa, pelo contrário, concentram-se em apenas três regiões agrárias: TRÁS-OS-MONTES, ALENTEJO e BEIRA INTERIOR. Metade destas oliveiras aparece em TRÁS-OS-MONTES onde se localizam 60% dos olivicultores em causa. O ALENTEJO detém 30% das árvores consideradas, encontrando-se os restantes 20% na BEIRA INTERIOR, embora nas duas regiões esteja estabelecido, sensivelmente, o mesmo número de olivicultores. A proporção segundo a qual a azeitona é colhida nas três regiões produtoras acompanha muito de perto a da distribuição das oliveiras.

A análise da relação Sequeiro/Regadio permite observar algumas diferenças entre o olival para azeite e o olival para azeitona de mesa, embora as proporções dos produtores de

sequeiro e de regadio seja idêntica nos dois casos (89% no que respeita aos produtores de sequeiro e cerca de 36% no que se refere aos produtores de regadio). Constatase, de facto, que, quando o objectivo é a produção de azeite, o sequeiro ultrapassa um pouco os 80%, quer quanto ao número de oliveiras produtivas (82%) quer quanto à quantidade de azeitona colhida (83%), enquanto que no olival para azeitona de mesa, a expressão do regadio aproxima-se dos 40%, tanto no que se refere ao número de oliveiras (37%), como no que se refere à quantidade de azeitona colhida (41%).

O rendimento médio da azeitona por oliveira é superior nos olivais para azeitona de mesa onde atinge, em média, os 9,1 kg, ficando-se pelos 7,9 kg nos olivais para azeite. Esta superioridade manifesta-se também nas duas principais regiões produtoras de azeitonas: TRÁS-OS-MONTES e ALENTEJO. Na verdade, no caso dos olivais para azeite, e com excepção do ALGARVE que apresenta um rendimento médio de 11,5 kg de azeitona por árvore, os rendimentos médios por região apenas ultrapassam os 8 kg por árvore no ALENTEJO, onde este indicador chega aos 8,6 kg por oliveira; ambas as BEIRAS apresentam um rendimento médio de 7,8 kg por árvore, sendo que TRÁS-OS-MONTES apenas atinge os 7,3 kg por oliveira. É também o ALENTEJO que, no caso dos olivais para azeitona de mesa, apresenta o rendimento mais elevado, 10,2 kg por oliveira, quedando-se o rendimento da região de Trás-os-Montes nos 9,0 kg por árvore.

Convém referir ainda que, tendo em conta os olivais para azeite, são as oliveiras de sequeiro aquelas que mais azeitona produzem, 8,0 kg por oliveira, em termos médios para o país, enquanto que as árvores regadas produzem em média 7,6 kg de azeitona; contrariamente, nos olivais para azeitona de mesa, são as oliveiras que beneficiam de rega as que mais produzem, 10,2 kg por árvore, enquanto que das restantes árvores se obtém um rendimento médio de 8,5 kg de azeitona por árvore.

Quadro 2.1.2.1.6 – CLASSES DE ÁREA POR REGIÃO

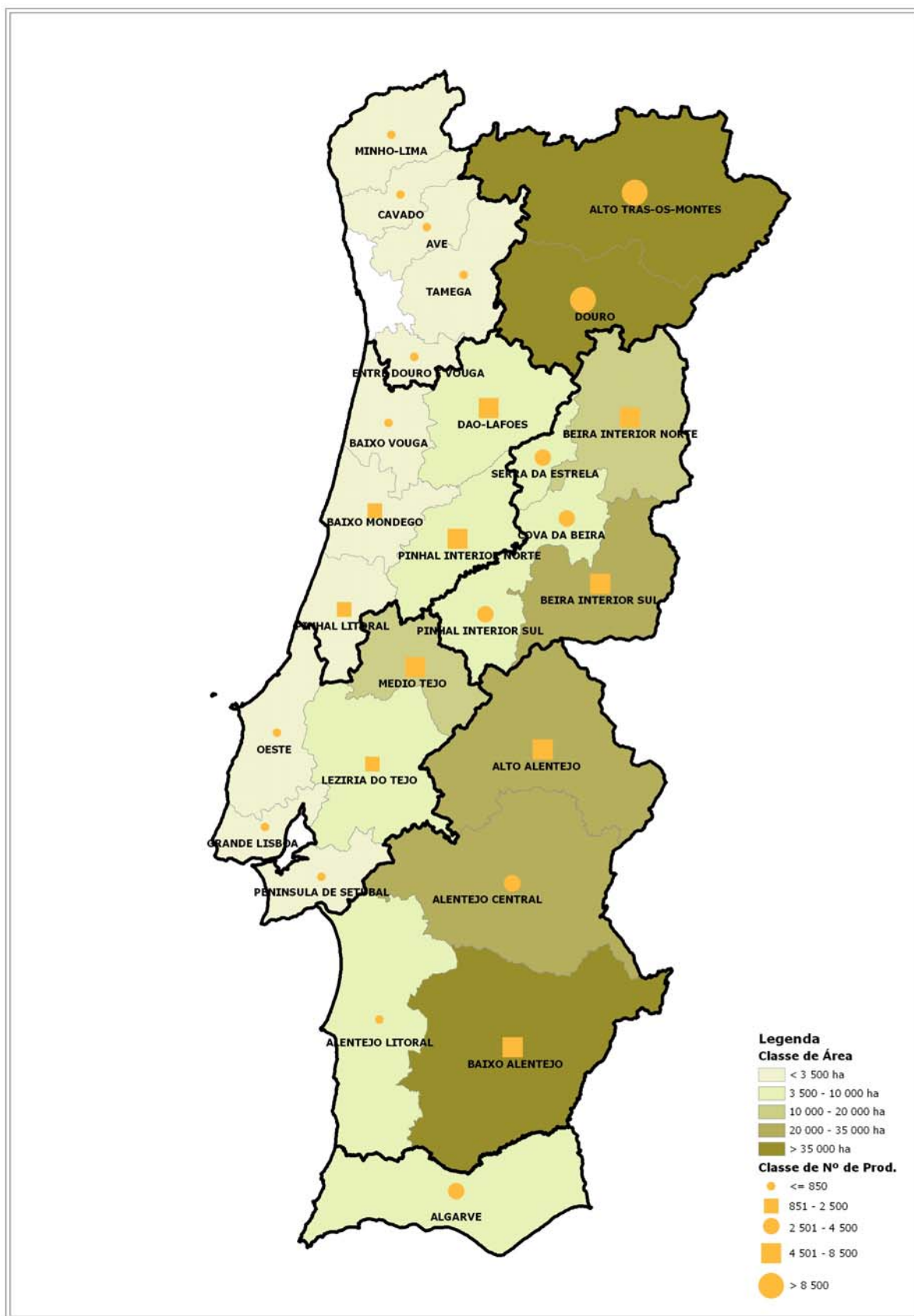
Região Agrária	≤ 2 ha			2-5 ha			5-10 ha			10-20 ha		
	Nº Prod.	Área (ha)	Parcelas (nº)	Nº Prod.	Área (ha)	Parcelas (nº)	Nº Prod.	Área (ha)	Parcelas (nº)	Nº Prod.	Área (ha)	Parcelas (nº)
Entre Douro e Minho	838	641	2.562	134	389	567	24	156	131	2	29	14
Trás-os-Montes	18.570	17.955	66.399	9.196	28.858	62.991	3.207	22.026	32.588	1.151	15.442	15.589
Beira Litoral	12.709	9.872	60.012	1.857	5.361	16.403	214	1.415	2.537	50	643	557
Beira Interior	14.399	12.686	54.790	4.667	14.458	31.048	1.470	10.055	13.499	508	6.903	5.577
Ribatejo e Oeste	4.193	4.306	16.580	1.767	5.400	12.108	383	2.563	3.407	111	1.510	1.072
Alentejo	6.227	6.180	11.143	3.633	11.742	10.779	2.030	14.253	8.348	1.327	18.427	6.959
Algarve	1.858	1.670	9.242	646	2.045	4.656	321	2.239	2.350	135	1.813	1.035
Total	58.554	53.311	220.728	21.872	68.252	138.552	7.644	52.707	62.860	3.281	44.768	30.803

Região Agrária	20-50 ha			50-100 ha			100-150 ha			>150 ha		
	Nº Prod.	Área (ha)	Parcelas (nº)	Nº Prod.	Área (ha)	Parcelas (nº)	Nº Prod.	Área (ha)	Parcelas (nº)	Nº Prod.	Área (ha)	Parcelas (nº)
Entre Douro e Minho												
Trás-os-Montes	436	12.521	8.686	64	4.201	2.455	8	1.024	429	4	769	288
Beira Litoral	17	492	280	2	168	21						
Beira Interior	194	5.807	2.478	39	2.684	565	13	1.546	265	4	1.624	179
Ribatejo e Oeste	52	1.581	636	12	854	271	1	128	17	3	649	124
Alentejo	919	28.475	6.385	334	22.838	3.363	89	10.734	1.107	70	16.914	1.259
Algarve	47	1.304	467	2	114	33	1	117	15			
Total	1.665	50.180	18.932	453	30.859	6.708	112	13.549	1.833	81	19.956	1.850

A análise da distribuição dos produtores, das áreas e das parcelas de olival por classes de área e por região evidencia que 63% dos olivicultores detêm explorações com 2 hectares ou menos, às quais correspondem 16% da área total de olival e 46% das parcelas. Esta classe exhibe, assim, as mais elevadas proporções de produtores e do número de parcelas. As explorações com uma superfície superior a 2 mas igual ou inferior a 5 hectares de olival constituem a classe com maior percentagem de área no total do país, representando 20% da superfície considerada. É também relevante o facto das primeiras três classes representarem, em conjunto, 94% dos olivicultores e apenas 52% da área de olival. No extremo oposto aparece a classe correspondente às explorações com mais de 150 hectares com 0,1% dos olivicultores e 6% da superfície.

Curioso é notar que, no que toca à área média de olival por produtor, quando se analisa os valores classe a classe, não se registam variações significativas de região para região. Constituem excepções a classe 50-100 ha e, principalmente, a classe > 150 ha. Nesta última, a BEIRA INTERIOR evidencia-se como a região com a maior área média por produtor, 406 ha, valor bastante acima do valor médio da classe (246 ha) e da área média por produtor registada no ALENTEJO (242 ha). Pode ainda observar-se que, nas classes a que correspondem explorações com 10 hectares ou menos, é na BEIRA LITORAL que a propriedade aparece mais fragmentada, enquanto que nas restantes classes é a região de TRÁS-OS-MONTES que ostenta um maior número de parcelas por produtor, chegando a atingir as 72 parcelas por produtor na classe > 150 ha. O ALENTEJO apresenta em todas as classes, como seria de calcular, o menor número de parcelas por produtor.

Mapa 2.1.2.1.1 – PRODUTORES E ÁREA DE OLIVAL POR CLASSE E POR NUT III



A observação do mapa torna visível que o olival se encontra sobretudo no interior do País. As NUTs III do ALTO TRÁS-OS-MONTES, do DOURO e do BAIXO ALENTEJO são aquelas onde se situam as mais vastas áreas de olival, acima dos 35 mil hectares, as quais se conjugam, nas duas primeiras NUTs III, com os mais elevados números de olivicultores registados no território nacional, superiores a 8.500 produtores. A BEIRA INTERIOR SUL, o ALTO ALENTEJO e o ALENTEJO CENTRAL apresentam ainda áreas consideráveis de olival, entre os 20 mil e os 35 mil hectares, e números significativos de produtores, entre os 4.501 e os 8.500 produtores, nas duas regiões mais a Norte, e entre os 2.501 e os 4.500 olivicultores, na região mais meridional.

As NUTs III de todo o litoral do Continente evidenciam-se por apresentarem quer reduzidas áreas de olival, com valores inferiores a 3.500 hectares, correspondentes à mais baixa das classes de área, quer relativamente poucos olivicultores, menos de 850 produtores ou quando muito entre 851 e 2.500 produtores. Esta situação regista-se particularmente nas regiões do Norte e do Centro do País e, ainda, na PENÍNSULA DE SETÚBAL.

A norte do Rio Tejo, uma faixa intermédia de território, localizada entre as NUTs III do Litoral e as NUTs III do interior do País, apresenta uma situação intermédia principalmente no que respeita às áreas de olival que registam valores na ordem dos 3.500 a 20.000 hectares; o número de produtores em praticamente todas as NUTs III consideradas é, ainda assim, relativamente elevado, acima dos 2.500 produtores, chegando mesmo a ultrapassar, em três destas unidades territoriais, os 4.500 produtores.

Quadro 2.1.2.1.7 – PRODUTORES, ÁREAS DE OLIVAL, OLIVEIRAS PRODUTIVAS E AZEITONA COLHIDA POR VARIEDADE DOMINANTE DE OLIVEIRA

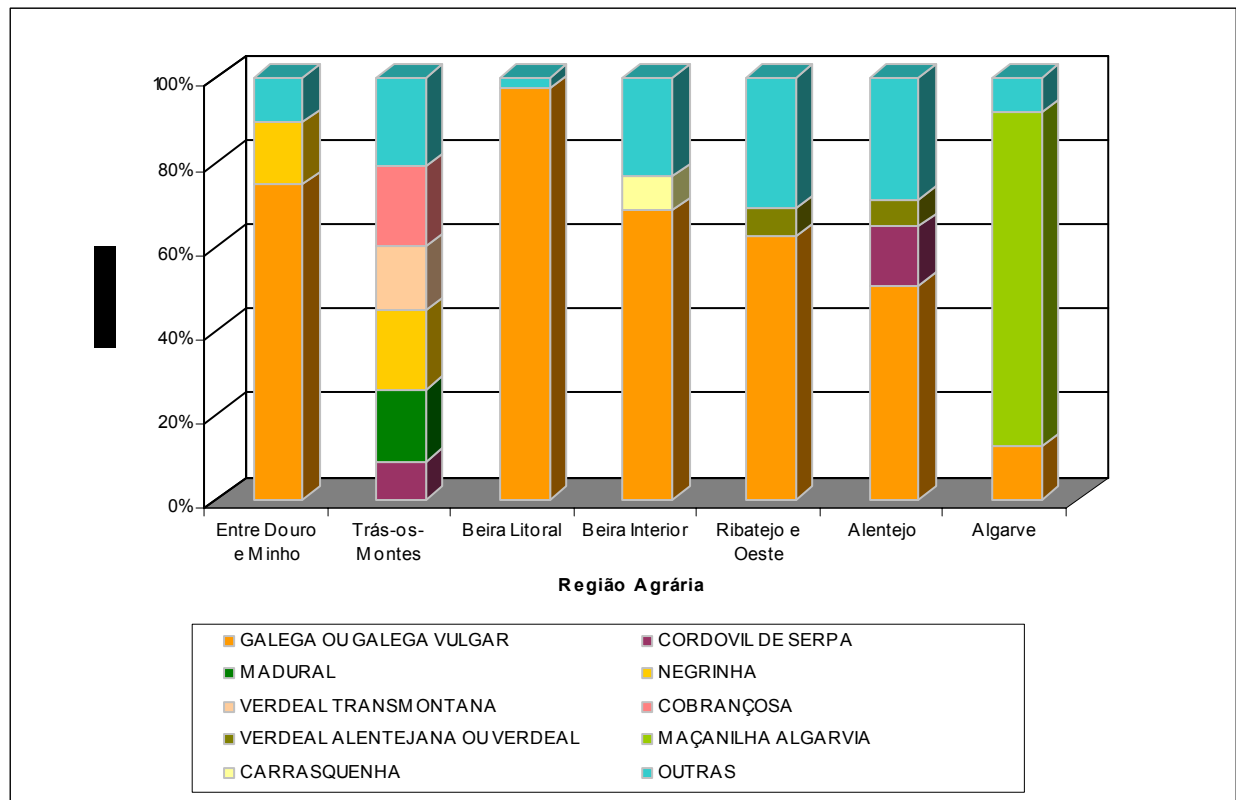
Variedade Dominante		Nº de Produtores	Área de Olival (ha)	Azeite		Azeitona	
				Nº de Oliveiras Produtivas	Azeitona Colhida (ton)	Nº de Oliveiras Produtivas	Azeitona Colhida (ton)
Galega ou Galega Vulgar	Sequeiro	44.600	129.332	8.474.067	59.007	212.689	1.813
	Regadio	26.057	28.469	1.856.730	15.582	44.654	276
	<i>Sub-Total</i>	<i>53.297</i>	<i>157.801</i>	<i>10.330.797</i>	<i>74.588</i>	<i>257.343</i>	<i>2.089</i>
Cordovil de Serpa	Sequeiro	7.273	27.307	2.094.633	26.744	2.500	18
	Regadio	526	1.462	205.022	1.763	3.032	51
	<i>Sub-Total</i>	<i>7.526</i>	<i>28.769</i>	<i>2.299.655</i>	<i>28.508</i>	<i>5.532</i>	<i>69</i>
Madural	Sequeiro	11.244	20.163	1.727.664	15.846	4.802	35
	Regadio	1.123	1.151	90.646	657	1.306	8
	<i>Sub-Total</i>	<i>11.691</i>	<i>21.313</i>	<i>1.818.310</i>	<i>16.503</i>	<i>6.108</i>	<i>44</i>
Cobrançosa	Sequeiro	6.213	14.541	2.057.919	12.965	21.692	106
	Regadio	1.093	4.890	981.361	5.989	16.698	107
	<i>Sub-Total</i>	<i>7.017</i>	<i>19.431</i>	<i>3.039.280</i>	<i>18.953</i>	<i>38.390</i>	<i>213</i>
Negrinha	Sequeiro	8.129	16.540	1.253.649	8.559	236.480	2.146
	Regadio	1.435	2.500	224.697	1.289	180.109	1.784
	<i>Sub-Total</i>	<i>8.741</i>	<i>19.039</i>	<i>1.478.346</i>	<i>9.849</i>	<i>416.589</i>	<i>3.930</i>
Verdeal Transmontana	Sequeiro	8.665	17.517	1.500.365	11.467	2.460	16
	Regadio	697	681	60.642	416	2.763	9
	<i>Sub-Total</i>	<i>8.975</i>	<i>18.198</i>	<i>1.561.007</i>	<i>11.883</i>	<i>5.223</i>	<i>24</i>
Outras	Sequeiro	21.231	60.170	4.562.651	37.998	89.532	705
	Regadio	4.082	8.861	1.243.322	9.603	84.031	1.142
	<i>Sub-Total</i>	<i>23.201</i>	<i>69.031</i>	<i>5.805.973</i>	<i>47.602</i>	<i>173.563</i>	<i>1.846</i>
Total	Sequeiro	83.357	285.568	21.670.948	172.586	570.155	4.839
	Regadio	32.569	48.013	4.662.420	35.299	332.593	3.377
	Total	93.468	333.581	26.333.368	207.885	902.748	8.216

A variedade Galega ou Galega Vulgar predomina em cerca de metade da área do olival nacional, tendo optado por explorar esta variedade 57% dos olivicultores. A segunda variedade mais cultivada é a Cordovil de Serpa que, ocupando apenas 9% da superfície do olival português, apresenta somente uma ligeira vantagem sobre as variedades Madural, Cobrançosa, Negrinha e Verdeal Transmontana as quais ocupam, cada uma por si, aproximadamente 6% da área de olival do país.

A Galega ou Galega Vulgar domina ainda quando se considera o número de oliveiras e a quantidade de azeitona colhida com destino à produção de azeite; de facto, 39% das oliveiras conduzidas com este fim são desta variedade, produzindo 36% da azeitona colhida para azeite. A variedade Cobrançosa aparece em segundo lugar quando se tem em conta o número de oliveiras para a produção de azeite com 12% das mesmas, enquanto que a variedade Cordovil de Serpa assegura a produção de 14% da azeitona colhida.

A azeitona destinada à produção de azeitona de mesa provém, sobretudo, de oliveiras da variedade Negrinha (48%), as quais representam 46% do número total de oliveiras exploradas com este objectivo. A variedade Galega ou Galega Vulgar figura em segundo lugar quer no que respeita ao número de oliveiras produtivas (29%) quer no que se refere à quantidade de azeitona colhida (25%).

Gráfico 2.1.2.1.2 – OLIVEIRAS POR VARIEDADE DOMINANTE DE OLIVEIRA E POR REGIÃO AGRÁRIA



O gráfico 2.1.2.1.2 mostra claramente a representatividade das várias variedades dominantes de oliveira em cada região agrária. É evidente, como seria de esperar, a forte preponderância da variedade Galega ou Galega Vulgar, acima dos 50%, em praticamente todas as regiões. Constituem excepção as regiões de TRÁS-OS-MONTES e do ALGARVE. Em TRÁS-OS-MONTES não se regista predomínio de nenhuma variedade: em vez disso, as variedades Madural, Negrinha e Cobrançosa representam cada uma por si cerca de 20%, enquanto que a expressão das variedades Verdeal Transmontana e Cordovil de Serpa atinge os 15% e os 9%, respectivamente. No ALGARVE destaca-se nitidamente a variedade Maçanilha Algarvia, a qual predomina em cerca de 80% do olival. É de notar ainda que, no conjunto das restantes regiões, é no ALENTEJO que a expressão da variedade Galega ou Galega Vulgar é mais baixa, ficando-se apenas pelos 51%; as

variedades Cordovil de Serpa e Verdeal Alentejana ou Verdeal ocupam nesta região, 14% e 7% do olival existente.

2.1.2.2 AZEITE

Os olivicultores portugueses podem entregar parte ou a totalidade da sua produção de azeitona em lagares de outros países da União Europeia, na mesma beneficiando, em Portugal, da ajuda à produção de azeite em relação às quantidades de azeite obtido a partir destas azeitonas. Os olivicultores que exercem este direito têm-no feito, em exclusivo, em lagares espanhóis, naturalmente pela proximidade geográfica que Espanha apresenta. Estas entregas de azeitona e a quantidade de azeite delas resultante não são consideradas na presente análise. O número de olivicultores que entregam a sua produção de azeitona em lagares nacionais e as quantidades de azeitona entregue nestes lagares, apresentados no quadro 2.1.2.2.1., são ligeiramente inferiores, por este motivo, ao número total de produtores que declaram as suas produções e às respectivas quantidades de azeitona colhida, já expostas no quadro 2.1.2.1.5.

Quadro 2.1.2.2.1 – LAGARES, PRODUTORES, AZEITONA ENTREGUE E AZEITE OBTIDO POR REGIÃO, SEGUNDO A LOCALIZAÇÃO DOS LAGARES

Região Agrária	Nº de Lagares	Nº de Produtores (*)	Azeitona Entregue e Laborada	Azeite Obtido (ton)
Entre Douro e Minho	12	1.677	1.474	211
Trás-os-Montes	115	33.428	67.386	10.903
Beira Litoral	90	17.591	20.597	2.875
Beira Interior	190	22.397	28.988	3.652
Ribatejo e Oeste	81	10.513	19.261	2.465
Alentejo	72	14.836	67.358	10.560
Algarve	6	2.675	2.547	358
Total	566	93.049	207.611	31.024

(*) O total de olivicultores não corresponde à soma dos olivicultores das DRAs por alguns olivicultores entregarem azeitona em mais do que um lagar.

O quadro 2.1.2.2.1 mostra que são 566 os lagares que declaram as quantidades de azeitona triturada e de azeite obtido, na campanha de 2003.

A região agrária com maior número de lagares é a BEIRA INTERIOR, com 34% dos mesmos, não coincidindo, portanto, com nenhuma das duas mais importantes regiões produtoras de azeitona, TRÁS-OS-MONTES e ALENTEJO, nas quais se situam, respectivamente, apenas

20% e 13% dos lagares com entregas. No entanto, são os lagares de TRÁS-OS-MONTES e do ALENTEJO que recebem e laboram as maiores quantidades de azeitona, 32% em cada região, enquanto que na BEIRA INTERIOR só é entregue 14% da azeitona total laborada no país.

É curioso comparar as proporções registadas pela região do ALENTEJO, por um lado, quanto à azeitona colhida pelos olivicultores, 40% do total do país, e, por outro lado, quanto à azeitona entregue nos lagares da região, 32% do total da azeitona entregue a nível nacional; estes valores sugerem que parte da azeitona colhida no ALENTEJO e efectivamente entregue para laboração é entregue em lagares de outras regiões. A tendência contrária é registada nas regiões da BEIRA LITORAL e do RIBATEJO E OESTE em cujos lagares são entregues quantidades de azeitona que representam praticamente o dobro das quantidades de azeitona colhida em cada uma das regiões em causa. Os lagares do ENTRE DOURO E MINHO e do ALGARVE recebem apenas quantidades residuais de azeitona, ficando-se pelos 2% da azeitona total entregue no país.

A distribuição regional das quantidades de azeite obtido nos lagares segue de perto a das quantidades de azeitona entregue: destacam-se as regiões de TRÁS-OS-MONTES e do ALENTEJO em cujos lagares são produzidos 35% e 34% respectivamente do total nacional, muito à frente da BEIRA INTERIOR onde são obtidos 12% do azeite produzido no país.

Quadro 2.1.2.2.2 – AZEITONA TRITURADA, AZEITE PRODUZIDO E BAGAÇO OBTIDO POR REGIÃO

Região Agrária	(ton)		
	Azeitona Triturada	Azeite Produzido	Bagaço Obtido
Entre Douro e Minho	2.037	272	927
Trás-os-Montes	71.909	11.571	40.623
Beira Litoral	26.193	3.491	12.367
Beira Interior	35.823	4.402	17.815
Ribatejo e Oeste	22.921	2.873	9.948
Alentejo	72.046	11.117	50.741
Algarve	3.832	532	1.720
Total	234.761	34.259	134.141

Os lagares portugueses declaram, na campanha de 2003, a trituração de perto de 235 mil toneladas de azeitona proveniente quer das entregas de azeitona efectuadas pelos olivicultores do território nacional, apresentadas no quadro 2.1.2.2.1., quer das existências em azeitona armazenada nos lagares desde a campanha anterior. A produção

de azeite ultrapassa um pouco as 34 mil toneladas, rondando a quantidade de bagaço resultante as 134 mil toneladas.

Os lagares das regiões de TRÁS-OS-MONTES e do ALENTEJO são responsáveis pela laboração, em partes iguais, de 62% do total de azeitona triturada, neles se obtendo cerca de 66% da produção nacional de azeite.

Os lagares nacionais laboram, em média, 415 toneladas de azeitona, obtendo 61 toneladas de azeite. Nas regiões do ALENTEJO, de TRÁS-OS-MONTES e do ALGARVE estes indicadores mostram-se superiores à média nacional em cerca de 2,5, 1,6 e 1,5 vezes, respectivamente. As restantes regiões agrárias apresentam valores inferiores aos valores médios nacionais.

Quadro 2.1.2.2.3 – LAGARES, AZEITONA TRITURADA, AZEITE PRODUZIDO E BAGAÇO OBTIDO POR SISTEMA DE EXTRACÇÃO DE AZEITE

		(ton)			
Sistema de Extracção	Nº de Lagares	Azeitona Triturada	Azeite Obtido	Bagaço Obtido	
Tradicional	368	66.340	8.787	27.060	
Contínuo	2 Fases	92	98.056	15.613	69.824
	3 Fases	92	56.670	7.761	29.399
	2 e 3 Fases	5	5.094	693	3.234
Misto	9	8.602	1.404	4.624	

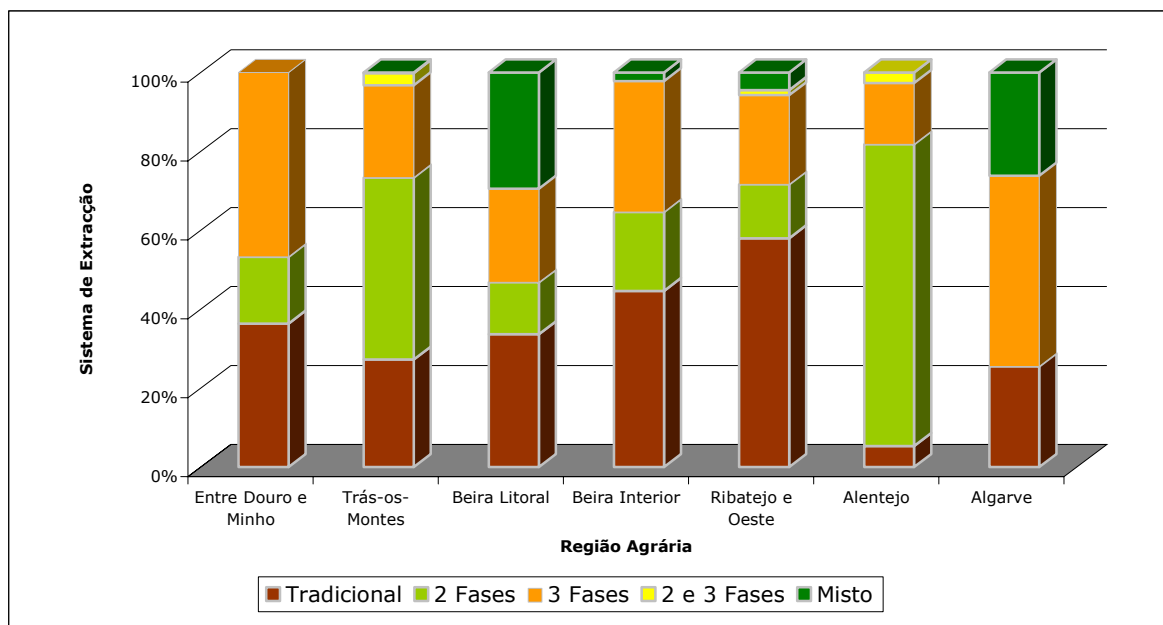
Chegadas aos lagares e após uma série de operações preliminares como a separação das folhas e a lavagem, as azeitonas são submetidas à moenda ou trituração, que tem como objectivo a obtenção de uma pasta ou massa de azeitona da qual é, então, feita a extracção, propriamente dita, do azeite. Esta extracção pode realizar-se através de sistemas de pressão (clássicos) ou através de sistemas de centrifugação (contínuos).

O sistema clássico de extracção de azeite, baseado na utilização de capachos que extraem o azeite exercendo pressão sobre as azeitonas, é ainda o sistema mais comum no país, sendo o único sistema presente em 65% dos lagares nacionais. O sistema contínuo, através do qual se obtém o azeite submetendo a pasta de azeitona a centrifugação, existe, em exclusivo, em 33% dos lagares: 16% possuem sistemas de apenas 2 fases, outros 16% possuem sistemas de 3 fases e somente 1% possui os dois tipos de fases. Mistos, isto é, possuindo sistemas tradicionais e sistemas contínuos em simultâneo, são apenas 2% dos lagares portugueses.

O grosso da produção nacional de azeite, 71%, é obtido em lagares equipados com sistemas de extracção contínuos: na verdade, 46% daquela produção provém de lagares

com sistemas de 2 fases e 23% de lagares com sistemas de 3 fases, sendo os restantes 2% provenientes de lagares com sistemas dos dois tipos de fases. O sistema de extracção tradicional é responsável, não obstante a sua preponderância nos lagares portugueses, pela produção de apenas 26% do total de azeite produzido no país, proveniente de uma quantidade correspondente a 28% da azeitona total triturada a nível nacional.

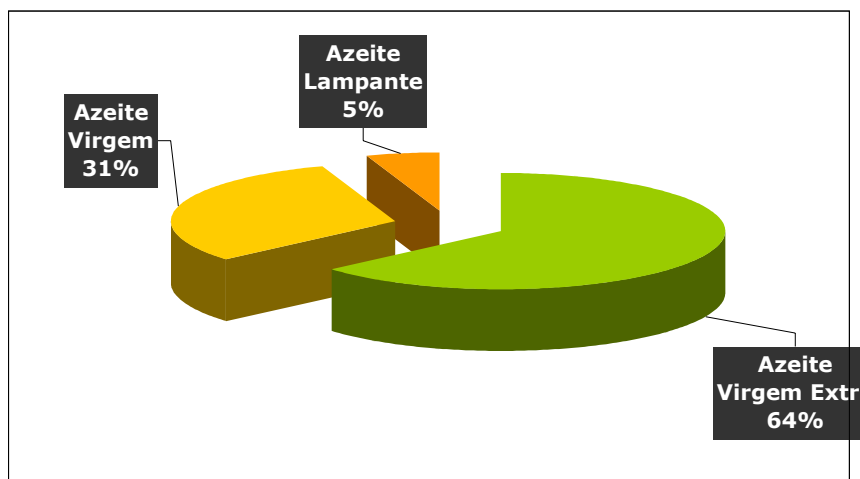
Gráfico 2.1.2.2.1 – DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DO AZEITE PRODUZIDO PELOS DIFERENTES SISTEMAS DE EXTRACÇÃO DE AZEITE



Em termos regionais, a distribuição dos vários sistemas de extracção pelo território nacional não é homogénea. Nas maiores regiões produtoras, TRÁS-OS-MONTES e ALENTEJO, o peso relativo dos sistemas de extracção contínuos ultrapassa largamente os valores médios nacionais, enquanto nas restantes regiões, excepção feita para o ALGARVE, a predominância do sistema tradicional é mais acentuada do que no país, em termos médios. Assim, no ALENTEJO, os sistemas contínuos estão presentes em 68% dos lagares assegurando a produção de 95% do azeite obtido; os sistemas de 2 fases representam 35% dos lagares e 76% da produção em azeite da região. Em TRÁS-OS-MONTES, 51% dos lagares estão equipados exclusivamente com sistemas de extracção contínuos, os quais são responsáveis por 72% do azeite obtido; predominam, como no ALENTEJO, os sistemas de 2 fases, presentes em 35% dos lagares, deles se obtendo 46% do azeite produzido na região; o sistema de extracção tradicional, representando 49% dos lagares, assegura 27% da produção de azeite. No ENTRE DOURO E MINHO, nas BEIRAS e no RIBATEJO E OESTE, a proporção de lagares com sistema de extracção tradicional é superior a 70%; todavia, verifica-se que apenas no RIBATEJO E OESTE a produção de azeite obtida com este sistema ultrapassa os 50% da produção total da região. No ALGARVE, 50% dos lagares estão equipados com sistema de extracção contínua de 3 fases, os quais produzem pouco menos de metade do azeite obtido nesta região; os lagares com sistema tradicional, representando 33% do total de lagares, e os lagares mistos, que representam 17% dos

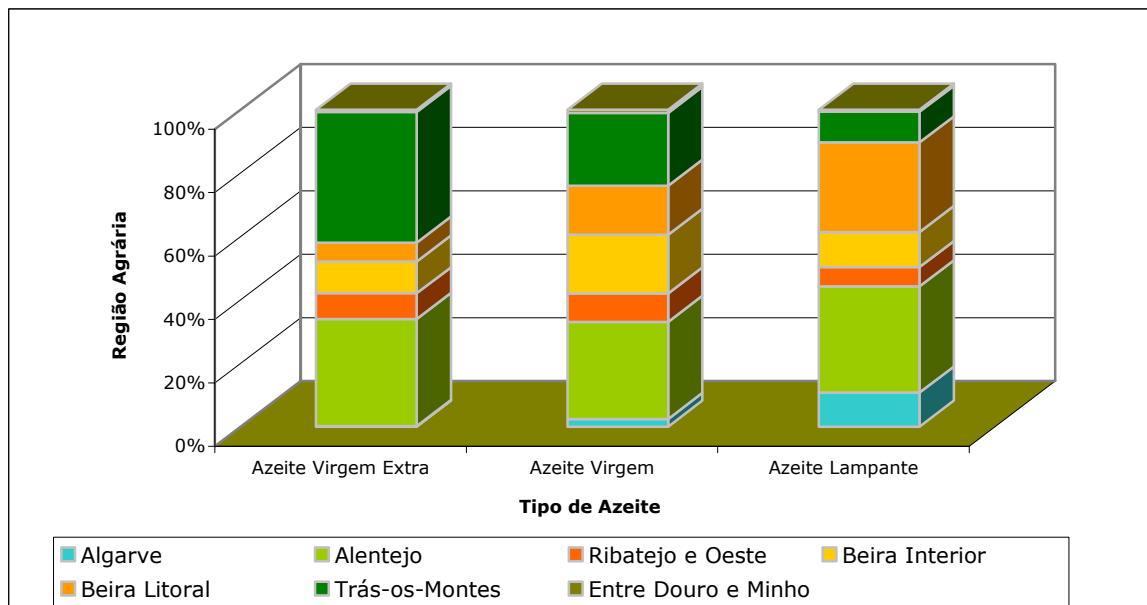
mesmos, são responsáveis, em partes iguais, pela produção da outra metade do azeite obtido na região.

Gráfico 2.1.2.2.2 – TIPOLOGIA DO AZEITE PRODUZIDO

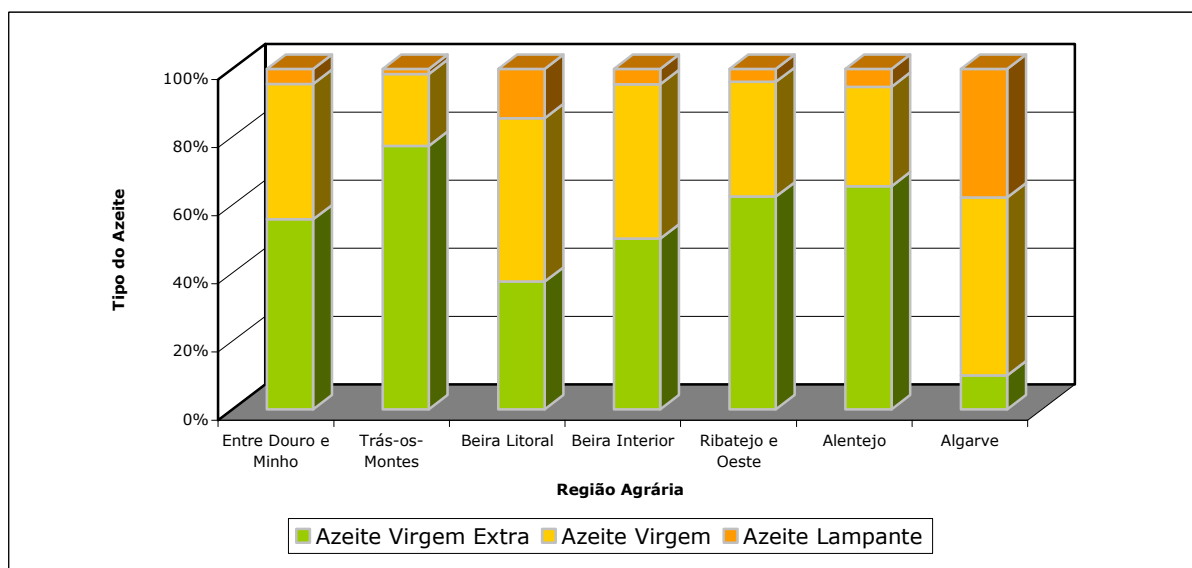


Os azeites produzidos nos lagares portugueses exclusivamente através de processos mecânicos ou outros processos físicos, são classificados, de acordo com a legislação comunitária vigente, como Azeites Virgens. Os Azeites Virgens são tipificados, tendo em conta a respectiva acidez e outras características organolépticas, como Azeite Virgem Extra ($\text{Acidez} \leq 1,0^\circ$), Azeite Virgem ($1,0^\circ \leq \text{Acidez} \leq 2,0^\circ$), Azeite Virgem Corrente ($2,0^\circ \leq \text{Acidez} \leq 3,3^\circ$) e Azeite Virgem Lampante ($3,3^\circ \leq \text{Acidez}$).

O gráfico 2.1.2.2.2 mostra que cerca de dois terços do azeite produzido (64%) em Portugal é Azeite Virgem Extra, sendo que na categoria Azeite Virgem é classificado pouco menos de um terço do mesmo (31%). Os restantes 5% da produção constituem Azeite Lampante. Chama-se a atenção para o facto de não se registar produção de azeite do tipo Virgem Corrente.

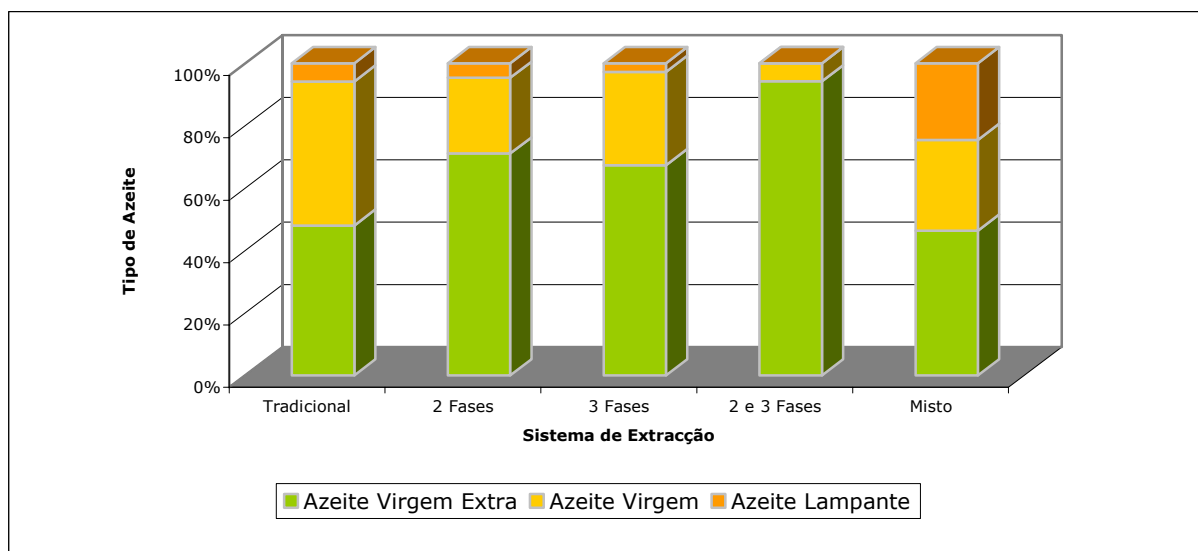
Gráfico 2.1.2.2.3 – DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DA PRODUÇÃO DOS DIFERENTES TIPOS DE AZEITE

O Azeite Virgem Extra é produzido sobretudo pelos lagares de TRÁS-OS-MONTES que asseguram a produção de 41% do total deste tipo de azeite, enquanto no ALENTEJO se obtém 33% do mesmo. A produção do azeite do tipo Virgem está mais distribuída pelo país, embora se destaque o ALENTEJO com 33% da mesma. O Azeite Lampante é obtido principalmente no ALENTEJO (33%) e na BEIRA LITORAL (28%).

Gráfico 2.1.2.2.4 – TIPOLOGIA DO AZEITE PRODUZIDO POR REGIÃO AGRÁRIA

As proporções segundo as quais os diferentes tipos de azeite são produzidos em cada região agrícola variam de região para região, como se pode observar no Gráfico 2.1.2.2.4. Cerca de 80% do azeite produzido em TRÁS-OS-MONTES é azeite Virgem Extra, ficando-se a produção de azeite Virgem, nesta região, pelos 20%. No ALENTEJO e no RIBATEJO E OESTE os pesos relativos dos vários tipos de azeite são relativamente semelhantes, representando o azeite Virgem Extra 66% e 63% da produção e o azeite Virgem 29% e 34%, respectivamente na primeira e na segunda destas regiões. Nas restantes regiões, a representatividade do azeite Virgem Extra diminui sensivelmente, ganhando maior visibilidade especialmente a produção do azeite Virgem. O azeite Lampante é produzido em proporções quase residuais em todas as regiões agrícolas com excepção do ALGARVE e da BEIRA LITORAL onde atinge os 38% e os 14%, respectivamente.

Gráfico 2.1.2.2.5 – TIPOLOGIA DO AZEITE OBTIDO POR SISTEMA DE EXTRACÇÃO



A observação do gráfico 2.1.2.2.5 permite constatar que mais de dois terços do azeite obtido nos lagares equipados com sistemas de extracção contínuos é classificado como Azeite Virgem Extra. Nos lagares com o sistema tradicional, as produções, quer de Azeite Virgem Extra quer de Azeite Virgem, rondam os 50%. Nos lagares mistos, pouco menos de metade do azeite produzido é Azeite Virgem Extra, sendo de notar que o Azeite Lampante representa um quarto da produção.

2.1.2.3 AZEITONA DE MESA

Os 1.953 olivicultores com olivais orientados no sentido da produção de AZEITONA DE MESA, entregam a totalidade da colheita realizada na campanha de 2003, 8.216 ton, nas 26 empresas que, nesta campanha, são reconhecidas como capazes de aplicarem às azeitonas os tratamentos necessários com vista a torná-las aptas para consumo humano sob aquela forma.

Quadro 2.1.2.3.1 – EMPRESAS TRANSFORMADORAS, PRODUTORES E AZEITONA CERTIFICADA POR REGIÃO, SEGUNDO A LOCALIZAÇÃO DAS EMPRESAS

Região Agrária	Nº de Empresas	Nº de Produtores (*)	(ton)
			Azeitona Certificada (ton)
Entre Douro e Minho	2	75	192
Trás-os-Montes	13	993	3.661
Beira Litoral	2	352	1.210
Beira Interior	3	385	1.331
Ribatejo e Oeste			
Alentejo	6	305	1.822
Algarve			
Total	26	1.953	8.216

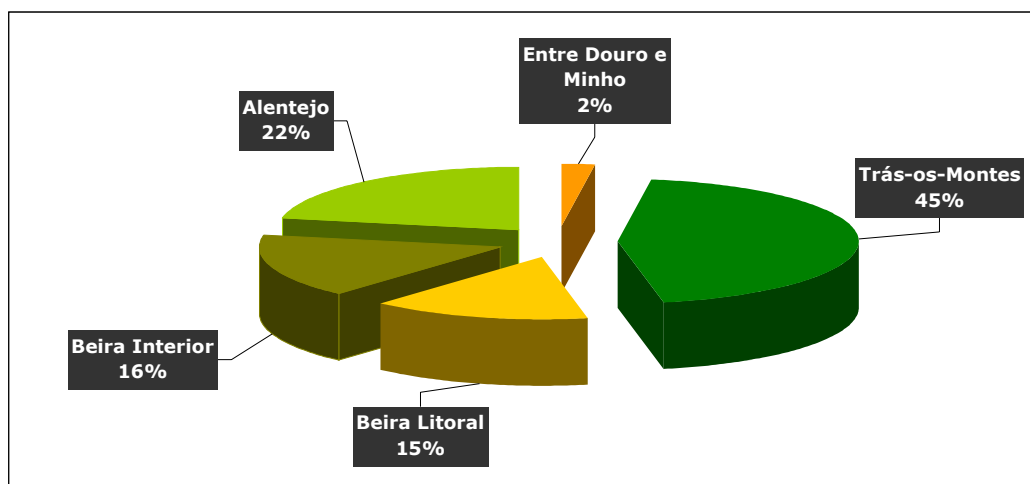
(*) O total de olivicultores não corresponde à soma dos olivicultores das DRAs por alguns olivicultores entregarem azeitona em mais do que uma empresa transformadora.

É na região de TRÁS-OS-MONTES que se concentra o maior número de empresas transformadoras, 13, correspondendo este número a 50% das mesmas; no ALENTEJO localizam-se 6 empresas, o que perfaz 23%, e na BEIRA INTERIOR situam-se 12% das mesmas. As regiões do ENTRE DOURO E MINHO e da BEIRA LITORAL detêm em partes iguais os restantes 15% das empresas de transformação.

A distribuição regional das quantidades de azeitona certificada segue de perto a distribuição das empresas. De facto, a região de TRÁS-OS-MONTES é responsável pela certificação de 45% da azeitona entregue para transformação no país, o ALENTEJO por 22% e a BEIRA INTERIOR por 16% da mesma; a contrariar este padrão estão, no entanto, as regiões do ENTRE DOURO E MINHO e da BEIRA LITORAL pois, embora possuindo o mesmo número de empresas, a primeira certifica apenas 2% do total de azeitona certificada a nível nacional, enquanto que a segunda certifica 15% da mesma.

As empresas de transformação de azeitona de mesa declararam terem produzido 8.432 ton de azeitona de mesa, quantidade ligeiramente superior à quantidade total que receberam por parte dos olivicultores, o que aponta para que tenham colocado em transformação azeitona de que dispunham em stock.

Gráfico 2.1.2.3.1 – DISTRIBUIÇÃO REGIONAL DA PRODUÇÃO DE AZEITONA DE MESA TRANSFORMADA



A distribuição regional das quantidades de azeitona transformada produzidas coincide, como seria de esperar, com a das quantidades entregues nas empresas das várias regiões agrárias: em TRÁS-OS-MONTES é produzida 45% da azeitona transformada e no ALENTEJO 22%, as BEIRAS, no seu conjunto e em partes quase iguais, produzem 31% da mesma; no ENTRE DOURO E MINHO obtém-se somente 2% da azeitona de mesa produzida no país.

As empresas de transformação de azeitona transformam, em média, 324 toneladas de azeitona. Nas regiões da BEIRA LITORAL e da BEIRA INTERIOR este indicador assume valores cerca de 2 e de 1,5 vezes superior à média nacional, contrariamente ao que acontece em todas as outras regiões, onde é inferior.

A salmoura é o processo de transformação que as empresas aplicam, por excelência; apenas uma empresa da região de ENTRE DOURO E MINHO utiliza outros processos de transformação, obtendo 15 toneladas de azeitona desta forma.

2.1.3 TABACO

O PRÉMIO AOS PRODUTORES DE TABACO EM RAMA é atribuído aos produtores de tabaco dos tipos *Virgínia P* e *Burley P* produzido nas zonas de produção reconhecidas que detenham quota de produção e que celebrem contratos de cultura com empresas de primeira transformação.

O prémio é composto por uma parte fixa, uma parte variável e uma ajuda específica.

Parte Fixa – é paga aos agrupamentos de produtores que a redistribuirão, na íntegra, pelos seus associados, e aos produtores não membros de um agrupamento; é calculada em função do peso de tabaco correspondente à qualidade mínima exigida e tomado a cargo pela empresa de primeira transformação.

Parte Variável – é paga apenas aos produtores membros de um agrupamento, através desse mesmo agrupamento; é calculada para cada lote de tabaco entregue em função do preço de compra pago pela empresa de primeira transformação para a aquisição do lote em causa.

Ajuda Específica – corresponde a 2% do prémio e é atribuída ao agrupamento de produtores.

Os produtores dos AÇORES têm ainda direito a uma ajuda concedida no âmbito do POSEIMA, relativamente ao tabaco com direito a prémio.

É aplicada uma retenção de 3% ao valor total do prémio que se destina a financiar o Fundo Comunitário do Tabaco.

Os limiares de garantia foram estabelecidos, para a colheita de 2004, em:

Virgínia P – 4.883 ton.

Burley P – 920 ton.

Quadro 2.1.3.1 – PRODUTORES E ÁREAS DECLARADAS POR REGIÃO

Região Agrária	Nº de Produtores	Área Declarada (ha)
Entre Douro e Minho	1	1
Trás-os-Montes		
Beira Litoral	234	170
Beira Interior	65	1.240
Ribatejo e Oeste	2	32
Alentejo	14	342
Algarve		
Açores	63	48
Madeira		
Total	379	1.832

O PRÉMIO AOS PRODUTORES DE TABACO EM RAMA mobiliza, na colheita de 2004, 379 produtores, os quais declaram uma área de 1.832 hectares.

A região da Beira Interior concentra cerca de 70% da área declarada, enquanto que no Alentejo se situa 19% da superfície. Os produtores de tabaco são, todavia, mais numerosos na Beira Litoral, onde se encontra 62% dos mesmos, enquanto que na Beira Interior estão estabelecidos apenas 17%, proporção que se regista também nos Açores.

A área média declarada por produtor apenas atinge 4,8 hectares, em termos globais para o país. No entanto, este indicador apresenta variações acentuadas de região para região. Assim, no Alentejo atinge um valor máximo de 24,4 hectares por produtor, cinco vezes superior à média nacional; na Beira Litoral, contrariamente, não ultrapassa os 0,7 hectares por produtor.

Quadro 2.1.3.2 – EVOLUÇÃO POR CAMPANHA

Campanha	Nº de Produtores	Área Declarada (ha)
1998	622	2.553
1999	568	2.180
2000	523	2.077
2001	487	1.977
2002	401	1.859
2003	401	1.904
2004	379	1.832

O número de produtores e as áreas declaradas de tabaco sofreram consideráveis decréscimos, de 39% e de 28% respectivamente, entre as campanhas de 1998 e de 2004.

Esta evolução registou-se, embora de forma não homogénea, ao longo de todo o período considerado, excepção feita para a campanha de 2003/04, em que não se registou variação no número de produtores e a área declarada aumentou 2%.

Quadro 2.1.3.3 – PRODUTORES, PARCELAS E ÁREAS POR REGIÃO

Região Agrária		Nº de Produtores	Nº de Parcelas	Área Declarada (ha)
Entre Douro e Minho	Sequeiro			
	Regadio	1	1	1
	<i>Sub-total</i>	<i>1</i>	<i>1</i>	<i>1</i>
Trás-os-Montes	Sequeiro			
	Regadio			
	<i>Sub-total</i>			
Beira Litoral	Sequeiro	7	18	4
	Regadio	227	638	166
	<i>Sub-total</i>	<i>234</i>	<i>656</i>	<i>170</i>
Beira Interior	Sequeiro	2	4	29
	Regadio	64	190	1.211
	<i>Sub-total</i>	<i>65</i>	<i>194</i>	<i>1.240</i>
Ribatejo e Oeste	Sequeiro			
	Regadio	2	3	32
	<i>Sub-total</i>	<i>2</i>	<i>3</i>	<i>32</i>
Alentejo	Sequeiro			
	Regadio	14	36	342
	<i>Sub-total</i>	<i>14</i>	<i>36</i>	<i>342</i>
Algarve	Sequeiro			
	Regadio			
	<i>Sub-total</i>			
Açores	Sequeiro	63	119	48
	Regadio			
	<i>Sub-total</i>	<i>63</i>	<i>119</i>	<i>48</i>
Madeira	Sequeiro			
	Regadio			
	<i>Sub-total</i>			
Total	Sequeiro	72	141	81
	Regadio	308	868	1.751
	Total	379	1.009	1.832

A cultura do tabaco em rama em PORTUGAL é, essencialmente, uma cultura de regadio, com excepção do tabaco cultivado nos AÇORES que é, na íntegra, produzido sob condições de sequeiro. Com efeito, 86% das parcelas e 96% da superfície de tabaco do país são regadas, correspondendo a 81% dos produtores.

A nível nacional, o produtor de tabaco explora, em média, 2,7 parcelas, cada uma das quais ocupa uma área média de 1,8 hectares. Estes valores alteram-se um pouco conforme se considera o sequeiro ou o regadio. Na verdade, o número médio de parcelas por produtor é, no caso do tabaco de regadio, 2,8, enquanto que no caso do tabaco de sequeiro se detém em 2,0 parcelas; a área média de cada parcela é, no primeiro caso, 2,0 hectares, um pouco acima do valor médio nacional, não ultrapassando no segundo caso os 0,6 hectares, valor que representa cerca de 1/3 da média do país.

Quadro 2.1.3.4 – CLASSES DE ÁREA POR REGIÃO

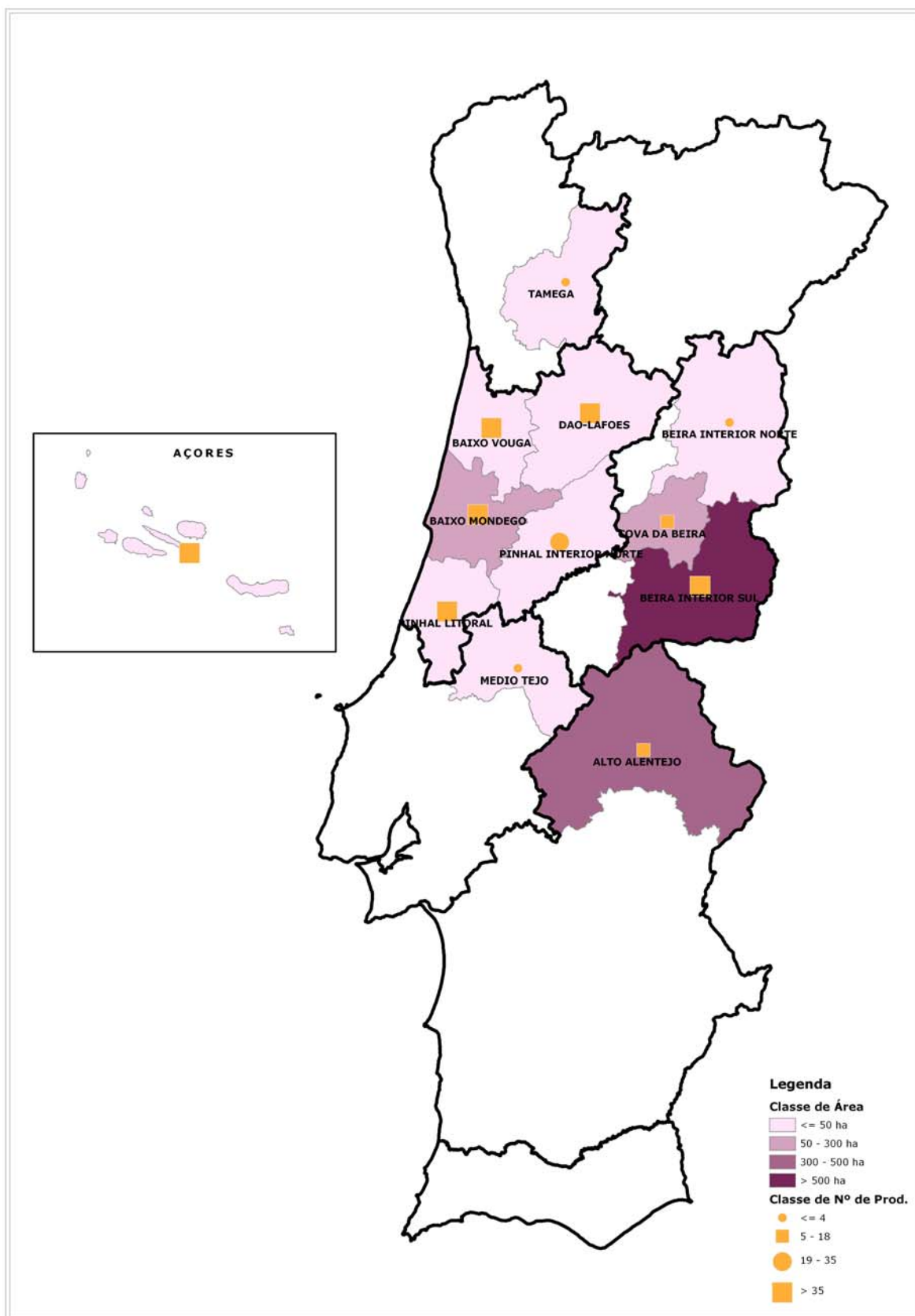
Região Agrária	≤ 2 ha			2-5 ha			5-10 ha			10-20 ha		
	Nº de Produtores	Área (ha)	Parcelas (nº)	Nº de Produtores	Área (ha)	Parcelas (nº)	Nº de Produtores	Área (ha)	Parcelas (nº)	Nº de Produtores	Área (ha)	Parcelas (nº)
Entre Douro e Minho	1	1	1									
Trás-os-Montes												
Beira Litoral	228	128	589	5	12	56						
Beira Interior	4	2	5	6	23	6	7	60	15	22	340	54
Ribatejo e Oeste										1	11	1
Alentejo				2	7	2	3	24	3	1	19	3
Algarve												
Açores	59	36	97	4	11	22						
Madeira												
Total	292	168	692	17	53	86	10	84	18	24	370	58

Região Agrária	20-50 ha			50-100 ha		
	Nº de Produtores	Área (ha)	Parcelas (nº)	Nº de Produtores	Área (ha)	Parcelas (nº)
Entre Douro e Minho						
Trás-os-Montes						
Beira Litoral	1	29	11			
Beira Interior	24	685	99	2	131	15
Ribatejo e Oeste	1	21	2			
Alentejo	7	233	24	1	60	4
Algarve						
Açores						
Madeira						
Total	33	967	136	3	191	19

Mais de 3/4 dos produtores de tabaco explora uma área igual ou inferior a 2 hectares, correspondendo a 69% do número de parcelas mas representando, apenas, 9% da área total dedicada à cultura do tabaco em Portugal. As explorações com uma área compreendida entre os 20 e os 50 hectares, resumindo-se a 9% do número total das mesmas e a 13% do número de parcelas, concentram 53% da área nacional de tabaco. A classe 10-20 ha, com apenas 6% do número de produtores e de parcelas, representa 20% da área total.

A Beira Litoral, no que concerne à classe 0-2 ha, e a Beira Interior, em relação às classes 10-20 ha e 20-50 ha, são as regiões com maior representatividade no que respeita quer aos números de produtores e parcelas quer à área de tabaco, rondando os 80%, e ultrapassando um pouco 90% e os 70%, respectivamente, para cada classe.

Mapa 2.1.3.1 – PRODUTORES E ÁREA DE TABACO POR CLASSE E POR NUT III



A cultura do tabaco encontra-se, sobretudo, nas regiões do centro de PORTUGAL CONTINENTAL e também, como já vimos, nos AÇORES, como se pode observar no mapa “Área de Tabaco por Classe e por NUT III”. As NUTs da BEIRA INTERIOR SUL e do ALTO ALENTEJO, no interior do país, são claramente aquelas onde a cultura do tabaco é mais expressiva: pode encontrar-se na primeira mais de 500 hectares desta cultura e na segunda entre 300 e 500 hectares da mesma. Nestas NUTs cultiva-se, exclusivamente, tabaco do tipo Virgínia. No litoral, é apenas na NUT do BAIXO MONDEGO que a área de tabaco supera os 50 hectares, não ultrapassando, porém, os 300 hectares. Nesta NUT, a variedade cultivada é, essencialmente, a variedade Burley.

Os produtores concentram-se, pelo contrário, nas NUTs do litoral e dos AÇORES, as quais apresentam, cada uma por si, mais de 35 produtores, enquanto que nas NUTs do interior o número de produtores não excede os 18 produtores, excepção feita para a BEIRA INTERIOR SUL que se evidencia também em relação a esta variável, com mais de 35 produtores.

Quadro 2.1.3.5 – PRODUTORES, ÁREAS E QUANTIDADES CONTRATADAS POR REGIÃO

Região Agrária	Burley			Virgínia		
	Nº de Produtores	Área Contratada (ha)	Quantidades (ton)	Nº de Produtores	Área Contratada (ha)	Quantidades (ton)
Entre Douro e Minho	1	1	2			
Trás-os-Montes						
Beira Litoral	228	139	696	1	29	68
Beira Interior	3	1	5	62	1.247	3.794
Ribatejo e Oeste				2	32	114
Alentejo				15	346	947
Algarve						
Açores	63	48	164			
Madeira						
Total	295	189	867	80	1.654	4.923

Os produtores de tabaco que desejem beneficiar do PRÉMIO AOS PRODUTORES DE TABACO EM RAMA devem estabelecer contratos com as empresas de primeira transformação de tabaco, ao abrigo dos quais se comprometem a entregar determinadas quantidades de tabaco em rama, no limite da sua quota de produção e da sua produção efectiva, indicando igualmente as superfícies que pretendem, para o efeito, dedicar a esta cultura.

São 375 os produtores com contratos celebrados com as empresas de primeira transformação de tabaco, na colheita de 2004. Os contratos abrangem uma área de 1.842 hectares e a uma quantidade de tabaco em rama de 5.790 toneladas. Os 295 produtores de tabaco do tipo BURLEY planeiam afectar a esta variedade uma área de 189 hectares, prevendo obter 867 toneladas de rendimento. Os produtores de tabaco do tipo VIRGÍNIA contratam 1.654 hectares e 4.923 toneladas de tabaco em rama.

As regiões da BEIRA LITORAL, no que se refere ao tabaco do tipo BURLEY, e da BEIRA INTERIOR, relativamente à variedade VIRGÍNIA, concentram praticamente $\frac{3}{4}$ quer do número de produtores com contratos quer das áreas e das quantidades totais contratadas. Os AÇORES e o ALENTEJO representam, por sua vez, cerca de 20% dos produtores, áreas e quantidades contratadas, a primeira região em relação à variedade BURLEY e a segunda à variedade VIRGÍNIA. A expressão da cultura de tabaco nas restantes regiões é apenas residual.

As áreas e as quantidades médias por produtor diferem muito de uma variedade para outra, como facilmente se apercebe atentando nos números acima indicados.

A área média contratada por produtor de tabaco da variedade BURLEY é de apenas 0,6 hectares e a quantidade média contratada fica-se pelas 3 toneladas. Vê-se, assim, que os referidos produtores estimam obter uma produtividade de 5 toneladas por hectare. A BEIRA LITORAL, principal região produtora de Burley, evidencia valores médios por produtor idênticos aos valores médios nacionais. As restantes regiões apresentam produtividades médias estimadas inferiores, mas no ENTRE DOURO E MINHO e nos AÇORES a área média contratada por produtor, 0,8 hectares, ultrapassa a média nacional.

Os produtores de VIRGÍNIA contratam, em média, 20,7 hectares e 62 toneladas de tabaco em rama, o que sugere que estimam obter rendimentos da ordem das 3 toneladas por hectare. Os produtores da BEIRA INTERIOR contratam apenas 20,1 hectares e 61 toneladas por produtor, valores ligeiramente aquém dos valores médios nacionais e ainda inferiores aos que se registam na região do ALENTEJO. A maior produtividade é esperada no RIBATEJO E OESTE, 4 toneladas por hectare, enquanto que na BEIRA INTERIOR e no ALENTEJO os produtores estimam obter 3 toneladas de tabaco em rama por hectare cultivado, valor este coincidente com o valor médio nacional.

São apenas duas as fábricas de transformação de tabaco, sedeadas em território nacional, actualmente em actividade: uma situada no RIBATEJO E OESTE e outra na Ilha de S. Miguel, nos AÇORES. A fábrica micaelense é, naturalmente, o destino escolhido pelos produtores açorianos para a sua produção de tabaco em rama, enquanto que a fábrica ribatejana absorve praticamente todo o tabaco produzido no CONTINENTE; apenas 3 produtores celebram contratos com uma empresa de transformação estrangeira, situada na ITÁLIA, comprometendo-se entregar na mesma 132 toneladas de tabaco da variedade VIRGÍNIA, as quais representam 3% da quantidade total contratada desta variedade.

Quadro 2.1.3.6 – PRODUTORES COM ENTREGAS DE TABACO ÀS EMPRESAS DE TRANSFORMAÇÃO E QUANTIDADES ENTREGUES POR REGIÃO

Regiões	Burley		Virgínia	
	Nº de Produtores	Quantidade Entregue (ton)	Nº de Produtores	Quantidade Entregue (ton)
Entre Douro e Minho	1	2		
Trás-os-Montes				
Beira Litoral	227	534	1	79
Beira Interior	2	1	62	3.712
Ribatejo e Oeste			2	64
Alentejo			14	902
Algarve				
Açores	62	134		
Madeira				
Total	292	671	79	4.757

Procedem a entregas de tabaco em rama 292 produtores de tabaco do tipo BURLEY e 79 produtores de tabaco do tipo VIRGÍNIA. As entregas totalizam as 671 toneladas de BURLEY e as 4.757 toneladas de VIRGÍNIA.

A região da BEIRA LITORAL representa cerca de 80% tanto dos produtores de BURLEY como das respectivas quantidades entregues. A região dos AÇORES, por seu lado, corresponde a perto 20% dos totais em consideração. Proporções semelhantes são assumidas pelas regiões da BEIRA INTERIOR e do ALENTEJO em relação à variedade VIRGÍNIA: com efeito, os produtores da BEIRA INTERIOR, bem como as quantidades por eles entregues, representam 78% dos totais nacionais para esta variedade, enquanto o ALENTEJO é responsável por cerca de 20% dos mesmos totais.

Os produtores de tabaco do tipo BURLEY entregam, pois, em média, 2,3 toneladas de tabaco, enquanto que os de VIRGÍNIA entregam 60,2 toneladas. Os produtores da BEIRA LITORAL são aqueles que, relativamente ao tabaco do tipo BURLEY, entregam maiores quantidades de tabaco, 2,4 toneladas por produtor; seguem-se os produtores dos AÇORES com 2,2 toneladas por produtor. O ALENTEJO regista, relativamente à variedade VIRGÍNIA, a mais elevada quantidade média entregue por produtor, 64,4 toneladas por produtor, sendo os produtores da BEIRA INTERIOR, a região mais importante em termos de produção de tabaco desta variedade, responsáveis pela entrega, em média, de 59,9 toneladas por produtor.

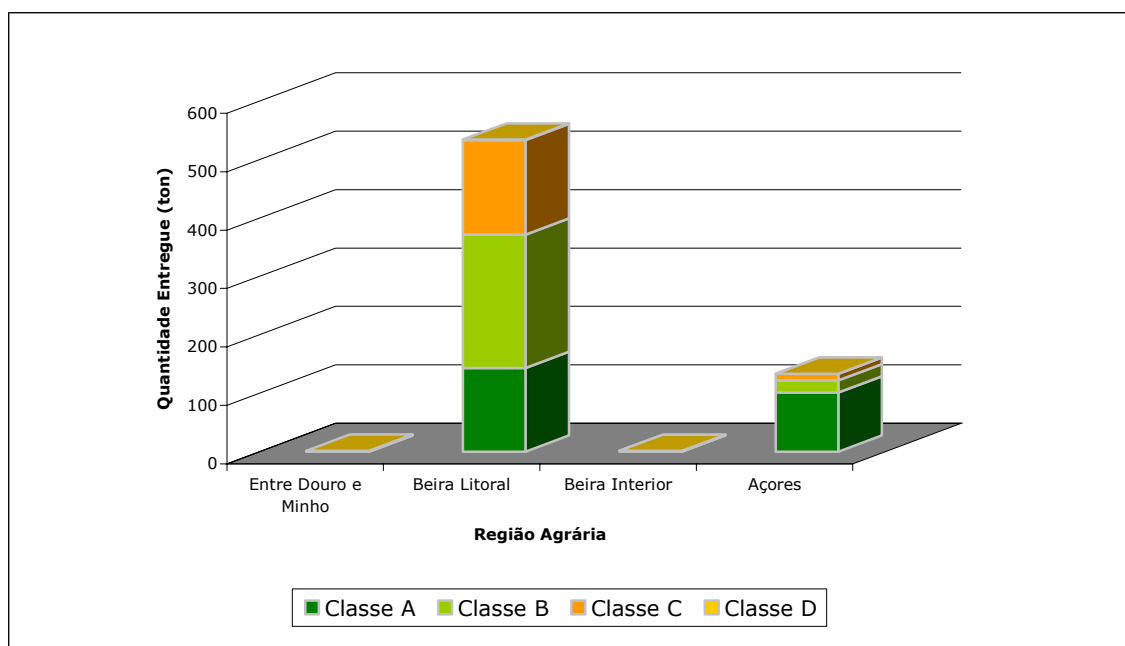
Quadro 2.1.3.7 – PRODUTORES COM ENTREGAS DE TABACO ÀS EMPRESAS DE TRANSFORMAÇÃO E QUANTIDADES ENTREGUES POR CLASSE DE TABACO

Classes de Tabaco	Burley		Virgínia	
	Nº de Produtores	Quantidade Entregue (ton)	Nº de Produtores	Quantidade Entregue (ton)
A	269	245	64	162
B	287	250	73	541
C	287	175	79	1.777
D	18	0,9	79	1.290
E			79	381
F			78	541
G			51	65
Total	292	671	79	4.757

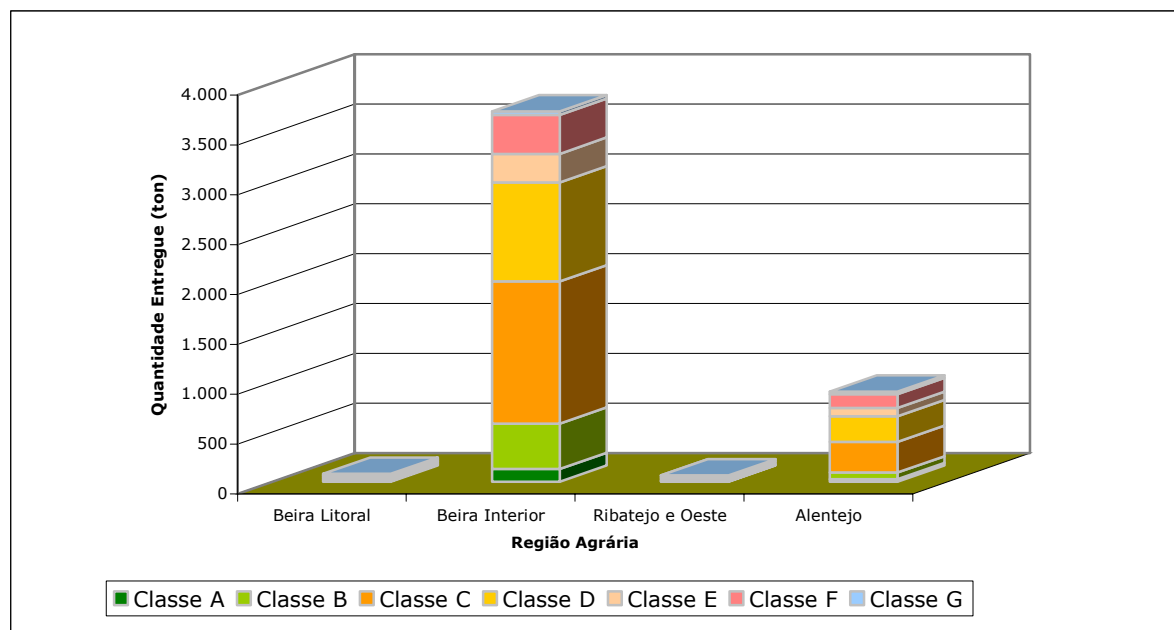
O quadro 2.1.3.7 apresenta uma caracterização resumida das entregas de tabaco em rama efectivadas pelos agricultores às empresas de primeira transformação de tabaco, tendo em conta o número de produtores e as quantidades entregues por classe de tabaco. As classes de tabaco são estabelecidas pelas empresas de primeira transformação tendo em conta a qualidade do tabaco em causa, correspondendo a classe A à qualidade máxima.

O tabaco do tipo BURLEY atinge, claramente, níveis de qualidade superiores aos do tabaco VIRGÍNIA, sendo classificado, praticamente na íntegra, nas primeiras três classes: em cada uma das classes A e B cabem 37% das quantidades entregues, enquanto que na classe C são classificadas 26% das mesmas. Apenas 8% dos produtores de BURLEY não produzem tabaco da classe A. O tabaco entregue do tipo VIRGÍNIA mostra-se mais heterogéneo no que se refere à qualidade apresentada. De facto, apenas 3% do mesmo é classificado na classe A e 11% na classe B; a classe mais representativa é a classe C, onde cabem 37% das quantidades entregues, sendo logo seguida pela classe D que representa 27% do total; como pertencendo às classes E e F são categorizados, respectivamente, 8% e 11% do tabaco entregue. Cerca de 20% dos produtores não produzem tabaco da classe A.

Gráfico 2.1.3.1 – QUANTIDADES ENTREGUES POR CLASSE DE TABACO E POR REGIÃO – VARIEDADE BURLEY



A qualidade do tabaco produzido e entregue varia conforme as principais regiões produtoras, como se pode constatar nos gráficos 2.1.3.1 e 2.1.3.2. Assim, verifica-se para a variedade BURLEY que, enquanto na BEIRA LITORAL as classes A, B e C estão as três bem representadas, com proporções acima dos 27%, ainda que com destaque para a classe A, à qual pertence 43% do tabaco produzido, nos AÇORES, $\frac{3}{4}$ do tabaco produzido pertence à classe A, sendo classificados nas classes B e C apenas 16% e 9% do tabaco entregue, respectivamente. No que respeita à variedade VIRGÍNIA, por outro lado, 38% do tabaco produzido da BEIRA INTERIOR é classificado como C, 27% como D e 12% como B, enquanto que o tabaco entregue pelos produtores do ALENTEJO cabe, sobretudo, nas classes C (34%), D (29%) e F (15%).

Gráfico 2.1.3.2 – QUANTIDADES ENTREGUES POR CLASSE DE TABACO E POR REGIÃO - VARIEDADE VIRGÍNIA**Quadro 2.1.3.8 – EVOLUÇÃO POR CAMPANHA DAS QUANTIDADES ENTREGUES**

Colheitas	Burley		Virgínia	
	Nº de Produtores	Quantidade Entregue (ton)	Nº de Produtores	Quantidade Entregue (ton)
1999	470	921	90	5.370
2000	416	888	99	5.149
2001	384	761	95	4.933
2002	308	629	85	4.943
2003	309	700	83	4.974
2004	292	671	79	4.757

Entre as colheitas de 1999 a 2004 o número de produtores que efectivaram entregas de tabaco em rama às empresas de primeira transformação e as quantidades entregues diminuíram em ambas as variedades de tabaco. A redução destas grandezas, todavia, foi significativamente mais acentuada no tabaco do tipo BURLEY. O número de produtores e a quantidade entregue desta variedade sofreram, de facto, reduções de 38% e de 27%, respectivamente, enquanto que para a variedade VIRGÍNIA, os decréscimos ficaram-se apenas pelos 12% e 11%.

As variações foram um pouco irregulares ao longo das várias campanhas tanto no que se referiu à variedade Burley como no que disse respeito à variedade Virgínia. Assim, e para o tabaco do tipo Burley, na colheita de 2003 chegou mesmo a inverter-se a tendência decrescente, verificada nas colheitas anteriores, quanto à evolução da quantidade entregue, a qual aumentou 11%, não se verificando alteração no número de produtores

nesta colheita relativamente à precedente. Na colheita de 2004, quer o número de produtores quer a quantidade entregue voltaram a diminuir. O número de produtores de Virgínia, por seu lado, tendo aumentado 10% na colheita de 2000 relativamente à de 1999, passou a manifestar um declínio não superior a 5% senão na colheita de 2002 em que foi de 11%; quanto às quantidades entregues de tabaco da variedade considerada, os mesmos registaram diminuições da ordem dos 4% nas colheitas de 2000, 2001 e 2004, tendo intercalado este comportamento descendente com a estagnação da colheita de 2002 e mesmo com um ligeiríssimo aumento na colheita de 2003.

2.1.4 TOMATE

A AJUDA NO SECTOR DOS PRODUTOS TRANSFORMADOS À BASE DE TOMATE é concedida às Organizações de Produtores Reconhecidas (OPs) que entreguem para transformação o tomate fresco produzido pelos produtores seus associados, ao abrigo de contratos previamente celebrados entre, por um lado, as OPs e, por outro, as empresas transformadoras aprovadas para o efeito.

A ajuda é paga em relação às quantidades de tomate fresco entregue e está sujeita a um regime de limiares de transformação que fixa um limiar para Portugal de 1.050.000 toneladas de tomate fresco.

Quadro 2.1.4.1 – PRODUTORES COM DECLARAÇÃO DE SUPERFÍCIE E RESPECTIVAS ÁREAS DECLARADAS

Região Agrária	Nº de Produtores	Área Declarada (ha)
Beira Litoral	5	35
Ribatejo e Oeste	623	11.278
Alentejo	199	2.710
Total	825	14.023

Apresentaram Declaração de Superfície, na campanha de 2004, 825 produtores de tomate fresco, os quais declararam 14 mil hectares de cultura. Destes, 80% situaram-se na região do RIBATEJO E OESTE e 19% no ALENTEJO.

A área declarada média por produtor estabeleceu-se em 17 hectares em termos nacionais. No RIBATEJO E OESTE, este indicador atingiu um valor um pouco mais elevado, 18,1 hectares por produtor, enquanto que os produtores do ALENTEJO exploraram, em média, 13,6 hectares por produtor.

Quadro 2.1.4.2 – EVOLUÇÃO POR CAMPANHA

Campanha	Nº de Produtores	Área Declarada (ha)
2001	1.271	11.725
2002	998	11.897
2003	873	12.466
2004	825	14.023

Pode acompanhar-se, no quadro 2.1.4.2, a evolução registada no número de produtores e nas áreas declaradas entre as campanhas de 2001 e 2004. Verifica-se, assim, que as variáveis consideradas evoluíram em sentido inverso: enquanto o número de produtores decresceu 35%, a superfície declarada aumentou 19%. As variações não se registaram de forma homogénea mas, em vez disso, foram mais acentuadas a princípio, atenuando-se no final do período considerado. A maior redução no número de produtores, 17%, ocorreu entre as campanhas de 2001 e 2002, enquanto que da campanha 2003 para a campanha 2004 esta variável diminui apenas 5%. A área declarada, por seu lado, sofreu um acréscimo pouco significativo de 1% entre as campanhas de 2001 e 2002, aumentando 12% de 2003 para 2004.

A área média por produtor, tendo atingido apenas 9,2 hectares por produtor na campanha de 2001, quase duplicou durante o período considerado, como consequência daquelas evoluções, atingindo os 17 hectares por produtor, na campanha de 2004.

Quadro 2.1.4.3 – PRODUTORES, PARCELAS E ÁREAS DECLARADAS

Região Agrária		Nº de Produtores	Nº de Parcelas	Área Declarada (ha)
Beira Litoral	Sequeiro			
	Regadio	5	21	35
	<i>Sub-total</i>	<i>5</i>	<i>21</i>	<i>35</i>
Ribatejo e Oeste	Sequeiro	1	1	1
	Regadio	622	3.158	11.278
	<i>Sub-total</i>	<i>623</i>	<i>3.159</i>	<i>11.278</i>
Alentejo	Sequeiro	1	2	20
	Regadio	198	547	2.690
	<i>Sub-total</i>	<i>199</i>	<i>549</i>	<i>2.710</i>
Total	Sequeiro	2	3	20
	Regadio	823	3.726	14.002
	Total	825	3.729	14.023

A cultura do tomate é essencialmente uma cultura regada, sendo perfeitamente residuais as áreas onde foi praticada sob condições de sequeiro, como se pode observar no quadro 2.1.4.3.

Os produtores de tomate portugueses exploraram, em média, 4,5 parcelas por produtor e uma área média por parcela de 3,8 hectares. A cada produtor do RIBATEJO E OESTE correspondeu 5,1 parcelas, e uma área média por parcela de 3,8 hectares. No ALENTEJO, porém, o número de parcelas por produtor foi significativamente menor, limitando-se a 2,8 parcelas, mas cada parcela apresentou, em termos médios, uma superfície de 4,9 hectares.

Quadro 2.1.4.4. – CLASSES DE ÁREA POR REGIÃO

Região Agrária	≤ 2 ha			2-5 ha			5-10 ha			10-20 ha		
	Nº de Produtores	Área (ha)	Parcelas (nº)	Nº de Produtores	Área (ha)	Parcelas (nº)	Nº de Produtores	Área (ha)	Parcelas (nº)	Nº de Produtores	Área (ha)	Parcelas (nº)
Entre Douro e Minho												
Trás-os-Montes												
Beira Litoral	1	2	5	2	6	9	1	6	1			
Beira Interior												
Ribatejo e Oeste	58	75	92	90	309	239	112	845	463	165	2.345	773
Alentejo	23	31	25	44	163	69	50	379	109	50	765	145
Algarve												
Total	81	108	122	136	478	317	163	1.231	573	215	3.110	918

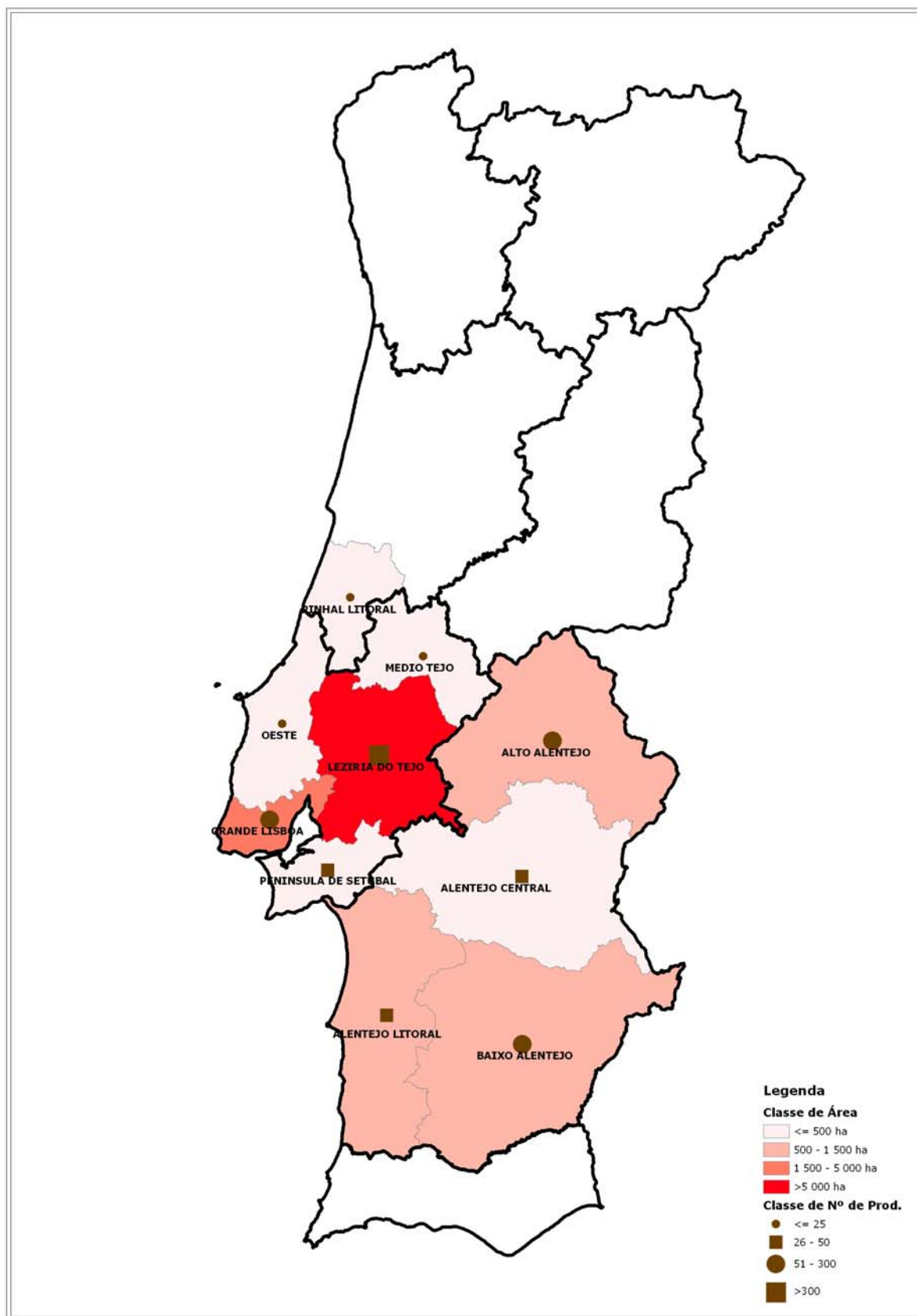
Região Agrária	20-50 ha			50-100 ha			100-150 ha		
	Nº de Produtores	Área (ha)	Parcelas (nº)	Nº de Produtores	Área (ha)	Parcelas (nº)	Nº de Produtores	Área (ha)	Parcelas (nº)
Entre Douro e Minho									
Trás-os-Montes									
Beira Litoral	1	21	6						
Beira Interior									
Ribatejo e Oeste	155	4.938	1.100	42	2.637	482	1	130	10
Alentejo	25	840	140	6	402	51	1	129	10
Algarve									
Total	181	5.798	1.246	48	3.039	533	2	259	20

O quadro 2.1.4.4 mostra que cerca de 70% dos produtores foram responsáveis por explorações com áreas compreendidas entre os 5 e os 50 hectares, enquanto que as explorações com mais de 10 e menos de 100 hectares representaram 85% da superfície declarada de tomate.

As classes ≤ 2 ha e 2-5 ha representaram 26% dos produtores e apenas 4% da área, enquanto que nas classes 50-100 ha e 100-150 ha figuraram 6% dos produtores e 24% da área total de tomate do país.

A classe das explorações entre 20 e 50 hectares destacou-se das restantes, pois nela se classificaram 41% da superfície total de tomate do país, 33% das parcelas e 22% dos produtores. É interessante notar, por outro lado, que a classe correspondente às explorações com área entre os 10 e os 20 hectares apresentou proporções do número de produtores (26%), da área (22%) e do número de parcelas (25%) relativamente próximas e ainda importantes.

Mapa 2.1.4.1 – PRODUTORES E ÁREA DE TOMATE POR CLASSE E POR NUT III



A cultura do tomate distribuiu-se um pouco por todas as NUTs que coincidem com as regiões agrárias do Ribatejo e Oeste e do Alentejo. Contudo a NUT LEZÍRIA DO TEJO sobressaiu com grande destaque, das restantes pois situaram-se nesta NUT mais de 5.000 hectares dedicados à cultura de tomate e mais de 300 produtores. A GRANDE LISBOA apresentou uma área entre 1.500 e 5.000 hectares de tomate e um número de produtores entre 51 e 300, tendo-se evidenciado como a segunda NUT mais importante em termos de produção de tomate fresco. As NUTs do ALTO ALENTEJO, do ALENTEJO LITORAL e do BAIXO ALENTEJO detiveram áreas de tomate superiores a 500 mas inferiores a 1.500 hectares e entre 26 e 300 produtores. Em cada uma das restantes NUTs, um número de produtores inferior a 50 cultivou menos de 500 hectares de tomate.

Quadro 2.1.4.5 – OPs, ÁREAS E QUANTIDADES CONTRATADAS POR REGIÃO

Região Agrária	Nº de OPs	Área Contratada (ha)	Quantidades (ton)		
			Contrato Normal	Aditamento	Total
Ribatejo e Oeste	21	13.077	1.038.971	47.794	1.086.765
Alentejo	7	2.212	161.250	13.600	174.850
Total	28	15.289	1.200.221	61.394	1.261.615

Na campanha de 2004, celebraram contratos, com empresas de transformação de tomate, 28 organizações de produtores reconhecidas. Os contratos envolveram uma área de pouco mais de 15 mil hectares e uma quantidade de tomate fresco à volta de 1 milhão e 300 mil toneladas, a qual resultou do aditamento de pouco mais de 61 mil toneladas a uma quantidade de 1 milhão e 200 mil toneladas estabelecida no âmbito de contratos normais.

As organizações de produtores encontram-se estabelecidas apenas nas regiões do RIBATEJO E OESTE e do ALENTEJO. As OPs do RIBATEJO E OESTE, além de terem sido mais numerosas (21 OPs), tendo constituído 75% do total de OPs da campanha, foram responsáveis pela contratação de 86% quer da superfície total quer da quantidade total de tomate fresco contratada do país.

Foram 18 as empresas transformadoras com as quais as organizações de produtores estabeleceram contratos, situando-se 11 em território nacional e 7 em Espanha.

As empresas transformadoras nacionais contrataram 86% das áreas e 85% das quantidades totais objecto de contrato, tendo sido as indústrias do RIBATEJO E OESTE responsáveis pela contratação de cerca de 70% das mesmas. As 3 empresas do ALENTEJO e as 7 empresas espanholas foram responsáveis pela contratação dos restantes 30% das áreas e das quantidades, praticamente em partes iguais.

Quadro 2.1.4.6 – EMPRESAS, OPs, QUANTIDADES ENTREGUES À TRANSFORMAÇÃO POR PAÍS E POR REGIÃO

País/Região Agrária	Nº de Empresas	Quantidade Entregue (ton)
Portugal		
Ribatejo e Oeste	8	861.129
Alentejo	3	209.108
Sub-total	11	1.070.237
Espanha	7	168.236
Sub-total	7	168.236
Total	18	1.238.473

Uma das OPs da região do Alentejo acabou por não efectuar qualquer entrega de tomate fresco às empresas. As restantes 27 OPs colocaram à disposição do sector da transformação cerca de 1 milhão e 240 mil toneladas de tomate fresco.

A distribuição regional das quantidades entregues manteve as proporções encontradas para as quantidades contratadas: as 21 OPs do RIBATEJO E OESTE foram responsáveis por 86% das quantidades entregues, cabendo, portanto, às 6 empresas do ALENTEJO apenas 14% das mesmas.

Foram colocadas nas indústrias do país cerca de 1 milhão e 70 mil toneladas de tomate fresco. Estas quantidades perfizeram 86% dos respectivos totais nacionais. As empresas de transformação da região do RIBATEJO E OESTE absorveram a maior porção da quantidade total de tomate fresco entregue, 70%.

As empresas espanholas que celebraram contratos com OPs portuguesas receberam destas pouco mais de 168 mil toneladas de tomate. Estes números representaram 14% das quantidades totais entregues.

Quadro 2.1.4.7 – EVOLUÇÃO POR CAMPANHA

Campanha	Nº de OPs	Quantidade Entregue (ton)
2001	46	929.317
2002	38	884.368
2003	34	936.247
2004	27	1.238.473

O quadro 2.1.4.7 mostra a evolução registada pelo número de OPs que concretizaram entregas de tomate fresco às empresas de transformação e pelas quantidades entregues, durante as campanhas de 2001 a 2004. Entre o início e o termo deste período, o número de OPs diminuiu 41%, enquanto que a quantidade de tomate fresco entregue aumentaram 33%. Entre a campanha de 2001 e 2002, porém, as quantidades de tomate fresco entregue diminuíram 5%, só registando acréscimos a partir da campanha de 2003, os quais foram mais acentuados na campanha de 2004.

2.1.5 FRUTOS DE CASCA RIJA

A AJUDA AOS PRODUTORES DE FRUTOS DE CASCA RIJA é concedida por superfície, aos agricultores cujos pomares tenham uma superfície mínima de 0,1 ha e um número mínimo de árvores. No caso das avelaneiras o mínimo é 125, as amendoeiras, nogueiras e pistaceiras é 50 e as alfarrobeiras 30.

Quadro 2.1.5.1 – PRODUTORES E ÁREAS POR REGIÃO

Região Agrária	Nº Produtores	Área(ha)
Entre Douro e Minho	6	8
Trás-os-Montes	4.728	11.140
Beira Litoral	45	66
Beira Interior	228	420
Ribatejo e Oeste	29	89
Alentejo	38	274
Algarve	491	2.379
Açores		
Madeira		
Total	5.546	14.376

Analisando o quadro, verifica-se que o maior número de produtores assim como a maior área se encontra em TRÁS-OS-MONTES. Nesta região estão representados 85% dos produtores de FRUTOS DE CASCA RIJA e 77% da área do país.

O ALGARVE é a segunda região com o maior número de produtores, 9%, com 17% da área total.

Quadro-2.1.5.2 – ÁREAS POR CULTURA E POR REGIÃO

Região Agrária	Amêndoa		Alfarroba		Noz		Avelã		Pistácios		Total	
	Nº Prod.	Área(ha)	Nº Prod.	Área(ha)	Nº Prod.	Área(ha)	Nº Prod.	Área(ha)	Nº Prod.	Área(ha)	Nº Prod.	Área(ha)
Entre Douro e Minho	Regadio				3	6	2	1			4	7
	Sequeiro				2	1					2	1
	<i>Sub-total</i>				5	7	2	1			6	8
Trás-os-Montes	Regadio	8	147		20	21	4	6			32	173
	Sequeiro	4.504	10.629		275	284	38	53			4.707	10.966
	<i>Sub-total</i>	4.508	10.776		294	305	41	59			4.728	11.140
Beira Litoral	Regadio				13	17	3	5			16	22
	Sequeiro				21	23	10	22			29	45
	<i>Sub-total</i>				34	40	13	27			45	66
Beira Interior	Regadio	3	27		5	5	8	10			16	42
	Sequeiro	195	356		10	15	9	7			212	378
	<i>Sub-total</i>	198	383		15	20	17	17			228	420
Ribatejo e Oeste	Regadio	3	5		16	54	1	0,3			16	59
	Sequeiro	3	5		12	25					15	30
	<i>Sub-total</i>	6	9		26	79	1	0,3			29	89
Alentejo	Regadio	2	9	1	2	24	125	2	2		26	138
	Sequeiro	7	35			7	98		1	3	13	136
	<i>Sub-total</i>	9	45	1	2	31	223	2	2	1	38	274
Algarve	Regadio	2	5	3	44						5	49
	Sequeiro	354	1.444	228	882	1	3				487	2.330
	<i>Sub-total</i>	355	1.450	231	926	1	3				491	2.379
Açores	Regadio											
	Sequeiro											
	<i>Sub-total</i>											
Madeira	Regadio											
	Sequeiro											
	<i>Sub-total</i>											
Total	Regadio	18	192	4	46	81	228	19	25		115	491
	Sequeiro	5.045	12.470	228	882	327	449	56	81	1	5.446	13.885
	Sub-total	5.058	12.663	232	928	405	677	74	106	1	5.546	14.376

Da análise do quadro com distribuição dos FRUTOS DE CASCA RIJA por região agrária, observa-se que a amêndoa é o fruto que tem maior área a nível nacional, com 88% da área total de FRUTOS DE CASCA RIJA.

Os FRUTOS DE CASCA RIJA são essencialmente de sequeiro, no entanto importa referir que no caso da nogueira cerca de um terço da sua área é regada.

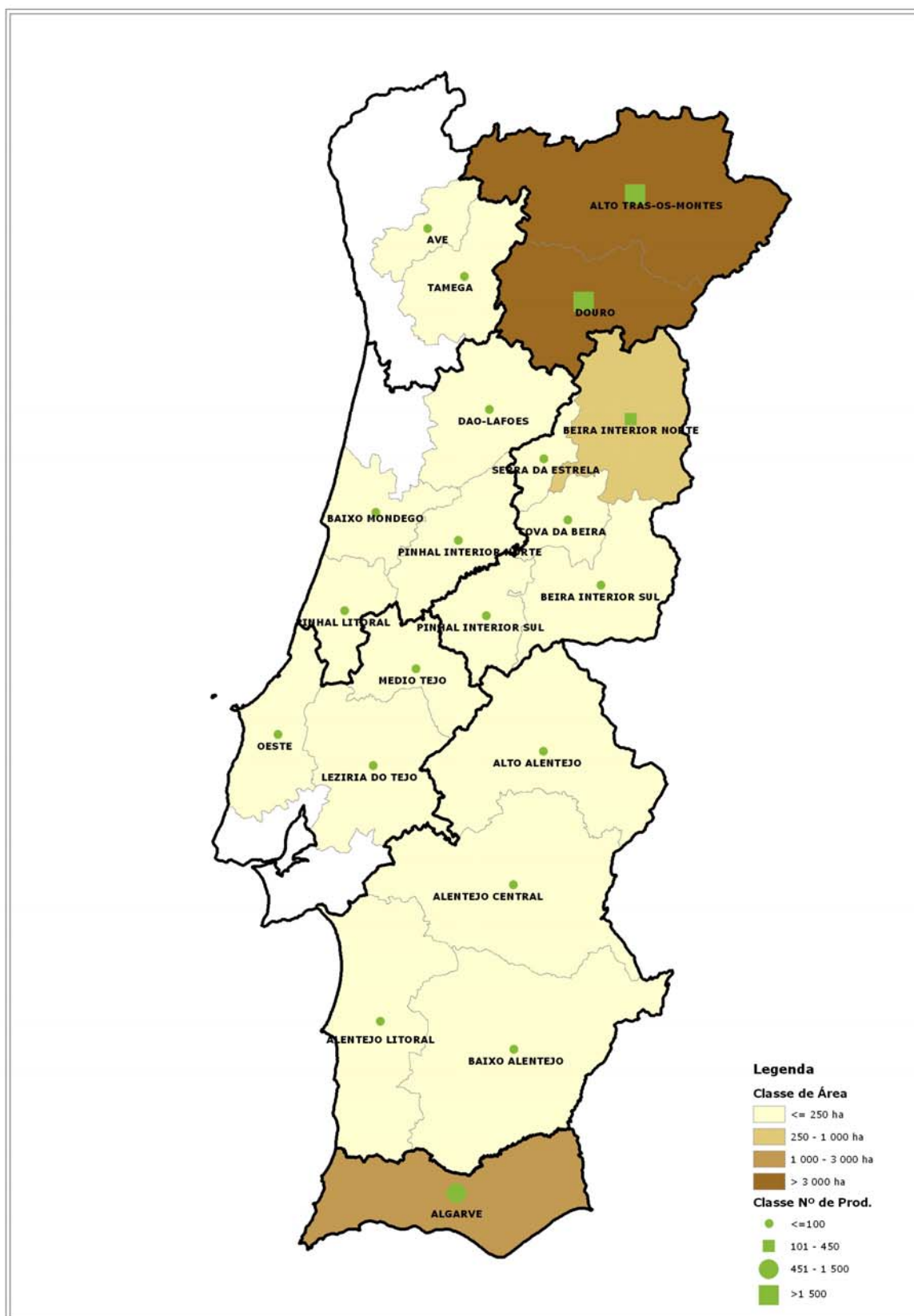
A área de amendoal concentra-se em TRÁS-OS-MONTES com 89% dos produtores e 85% da área total da cultura.

As alfarrobeiras encontram-se predominantemente no ALGARVE com aproximadamente 100% dos produtores e cerca de 100% do total da cultura no país

No que diz respeito às nogueiras, a maior área encontra-se em TRÁS-OS-MONTES com 45% da área total desta cultura, correspondendo a 73% dos produtores.

TRÁS-OS-MONTES é a região agrária com maior área de FRUTOS DE CASCA RIJA assim como maior número de produtores, com 77% e 85% respectivamente. Nesta região, a amêndoa detém 97 % da área declarada e 95% produtores.

Mapa 2.1.5.1 – PRODUTORES E ÁREA DE FRUTOS DE CASCA RIJA POR CLASSE E POR NUT III



Ao observarmos o mapa 2.1.5.1 verificamos que nas NUTs do ALTO TRÁS-OS-MONTES e do DOURO se encontra a maior área de FRUTOS DE CASCA RIJA, área essa que é superior a 3.000 hectares. A estas NUTs segue-se a do ALGARVE com uma área entre os 1.000 e os 3.000 hectares e depois temos a BEIRA INTERIOR NORTE com áreas que oscilam entre os 250 e os 1.000 hectares.

As NUTs do MINHO-LIMA, CÁVADO, GRANDE PORTO, ENTRE DOURO E VOUGA, BAIXO VOUGA, GRANDE LISBOA e PENÍNSULA DE SETÚBAL, não apresentam área de FRUTOS DE CASCA RIJA.

As NUTs que apresentam o maior número de produtores são as do ALTO TRÁS-OS-MONTES e do DOURO, com mais de 1.500 produtores, seguida do ALGARVE cujos produtores variam entre os 451 e os 1.500. Na BEIRA INTERIOR NORTE os produtores variam entre 101 e 450.

2.1.6 OUTROS PRODUTOS VEGETAIS

Neste ponto vamos analisar em conjunto uma série de ajudas independentes das quais fazemos em seguida uma breve descrição.

A AJUDA À PRODUÇÃO DE FORRAGENS SECAS é concedida às empresas industriais que transformem forragem por conta dos produtores com os quais estabeleçam contratos, empresas agrícolas que transformem forragem proveniente das suas próprias explorações e aos agrupamentos de produtores que transformem forragem produzida pelos seus membros.

A AJUDA À PRODUÇÃO DE LEGUMINOSAS PARA GRÃO é concedida aos produtores cujas superfícies objecto de declaração tenham sido completamente semeadas e colhidas.

A AJUDA À PRODUÇÃO DE LÚPULO é concedida aos produtores, através do agrupamento de produtores reconhecido, cujas superfícies tenham sido plantadas e colhidas com a variedade Nugget. A ajuda à retirada temporária e/ou arranque definitivo refere-se às superfícies que tenham estado em produção em 1997, e em relação às quais não se efectuem os trabalhos normais de cultura, no caso da retirada temporária ou se proceda ao respectivo arranque.

A AJUDA AOS PRODUTORES DE SEMENTES CERTIFICADAS é concedida relativamente às quantidades de sementes e está dependente da apresentação da Declaração de Certificação emitida pela Direcção-Geral de Protecção das Culturas.

A AJUDA AOS PRODUTORES DE BETERRABA SACARINA é uma ajuda nacional aos produtores de beterraba produzida em Portugal continental que tenham estabelecido contratos com empresa de transformação, até ao limite da quota Nacional.

A AJUDA AOS PRODUTORES DE ALGODÃO é concedida aos agricultores que tenham feito a declaração de superfície semeada com esta cultura e que tenham celebrado contrato com empresa descaroçadora.

A AJUDA À PRODUÇÃO DE CITRINOS PARA TRANSFORMAÇÃO é concedida em relação às quantidades de limões, toranjas, laranjas, mandarinas e clementinas destinadas à transformação em sumo.

A AJUDA NO SECTOR DOS PRODUTOS TRANSFORMADOS À BASE DE PÊRA é uma ajuda a conceder às organizações de produtores reconhecidas ou pré-reconhecidas que entreguem para transformação pêra colhida na Comunidade.

Quadro 2.1.6.1 – PRODUTORES E ÁREAS POR REGIÃO

Região Agrária	Nº Produtores	Área(ha)
Entre Douro e Minho	9	30
Trás-os-Montes	316	320
Beira Litoral	661	254
Beira Interior	143	46
Ribatejo e Oeste	548	5.005
Alentejo	685	10.211
Algarve	721	4.111
Açores	1	0,4
Madeira		
Total	3.082	19.977

O ALGARVE apresenta um maior número de produtores, 23% e o ALENTEJO tem a maior área, que corresponde a 51% da área total.

A área média do País é 6,5 ha/produtor. O RIBATEJO E OESTE e o ALENTEJO são as únicas regiões agrárias que têm uma área média superior à média do País, 9,1 hectares e 14,9 hectares respectivamente.

Quadro 2.1.6.2 – ÁREAS POR CULTURA E POR REGIÃO

Região Agrária		Forragens Secas		Leguminosas para Grão		Lúpulo		Sementes Certificadas		Beterraba		Algodão		Citrinos		Pêra		Total	
		Nº Prod.	Área(ha)	Nº Prod.	Área(ha)	Nº Prod.	Área(ha)	Nº Prod.	Área(ha)	Nº Prod.	Área(ha)	Nº Prod.	Área(ha)	Nº Prod.	Área(ha)	Nº Prod.	Área(ha)	Nº Prod.	Área(ha)
Entre Douro e Minho	Regadio	1	1			2	11			1	0,2			4	18			8	30
	Sequeiro	1	0,1															1	0
	Sub-total	2	1			2	11			1	0,2			4	18			9	30
Trás-os-Montes	Regadio	2	2	16	4	6	26			2	1			55	46			80	78
	Sequeiro	66	52	159	158	6	16	2	1	1	0,1			21	12	2	3	236	241
	Sub-total	68	54	175	161	12	41	2	1	3	1			76	59	2	3	316	320
Beira Litoral	Regadio	330	45	136	10					47	151			2	1	1	1	436	208
	Sequeiro	75	17	187	24			6	2	2	3							250	46
	Sub-total	396	62	320	34			6	2	49	154			2	1	1	1	661	254
Beira Interior	Regadio	1	7	12	3									3	3	2	13	17	26
	Sequeiro	41	10	95	10									1	1			126	21
	Sub-total	42	17	107	12									4	4	2	13	143	46
Ribatejo e Oeste	Regadio	17	151	3	2			1	361	390	3.970			95	162	12	91	510	4.737
	Sequeiro	19	223	20	14			1	1							8	30	45	268
	Sub-total	36	374	23	16			2	362	390	3.970			95	162	15	121	548	5.005
Alentejo	Regadio	7	104	4	77			1	19	178	3.709	17	273	34	256	2	68	225	4.506
	Sequeiro	70	745	398	4.917					4	38			3	4			469	5.704
	Sub-total	76	849	401	4.994			1	19	181	3.747	17	273	37	260	2	68	685	10.211
Algarve	Regadio			1	3			3	12					630	3.924			634	3.939
	Sequeiro	16	62	75	105									6	5			94	172
	Sub-total	16	62	76	107			3	12					633	3.929			721	4.111
Açores	Regadio																		
	Sequeiro													1	0,4			1	0,4
	Sub-total													1	0,4			1	0,4
Madeira	Regadio																		
	Sequeiro																		
	Sub-total																		
Total	Regadio	358	310	172	97	8	37	5	392	618	7.831	17	273	822	4.412	17	173	1.909	13.524
	Sequeiro	288	1.109	934	5.228	6	16	9	4	7	41			32	22	10	33	1.222	6.453
	Total	636	1.419	1.102	5.325	14	52	14	396	624	7.872	17	273	851	4.434	22	205	3.082	19.977

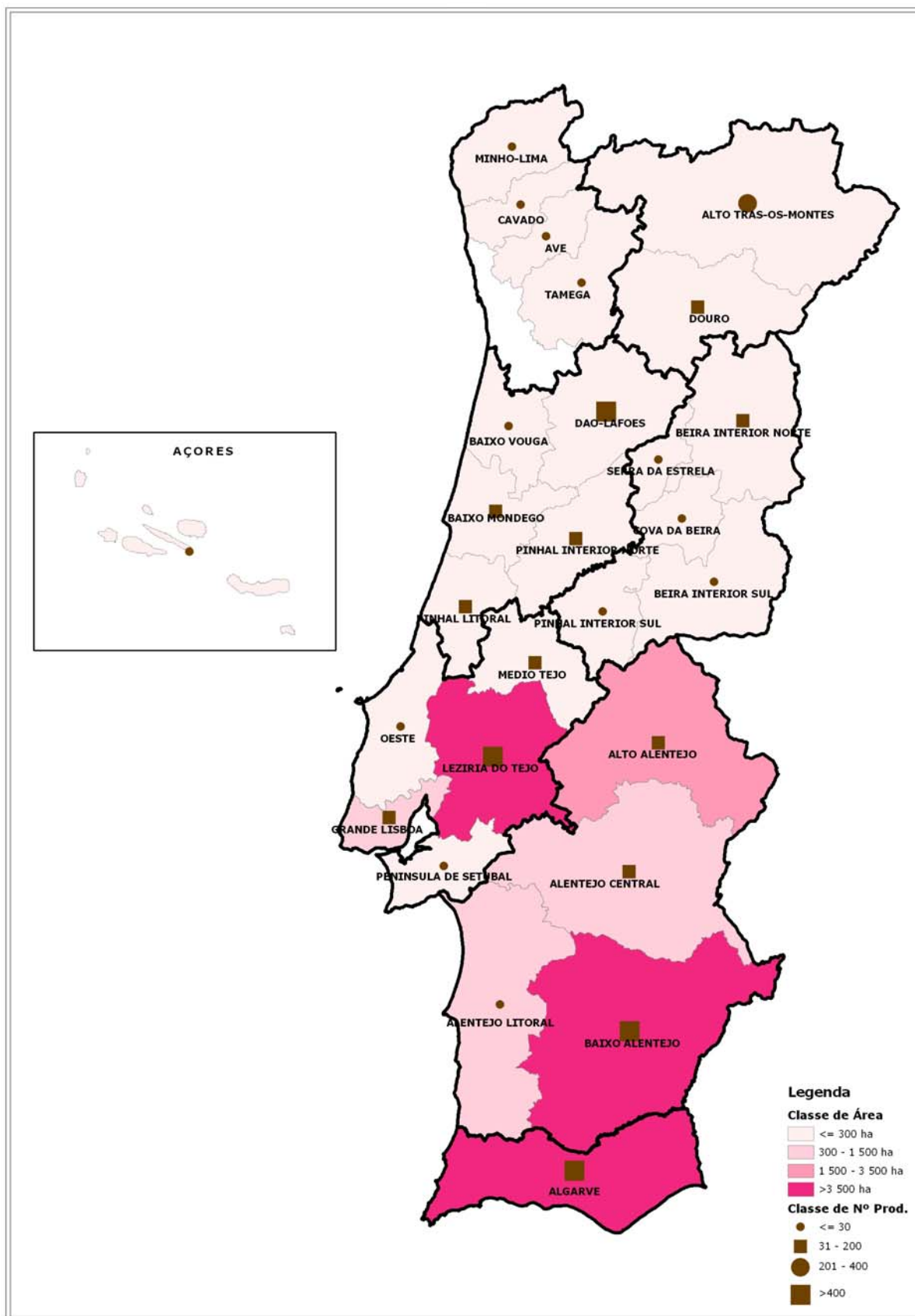
Da análise do quadro anterior verifica-se que, a beterraba é o produto que tem maior representatividade a nível da área total de OUTROS PRODUTOS VEGETAIS do País, com 39% da área total dos outros produtos vegetais, seguido da área de leguminosas para grão com 27% e da área de citrinos com 22%. Em termos globais verifica-se que 62% dos produtores fazem culturas de regadio e a estes correspondem 68% da área total declarada do país.

A beterraba é uma cultura essencialmente de regadio, 99% dos produtores fazem regadio e 99% da área é regada. A beterraba concentra-se fundamentalmente no RIBATEJO E OESTE com 63% dos produtores e 50% da área total da cultura, seguida do Alentejo com 29% dos produtores e 48% da área.

As leguminosas para grão são predominantemente de sequeiro, 85% dos produtores fazem a cultura em sequeiro, utilizando 98% da área total da cultura. Esta cultura concentra-se no ALENTEJO com 36% dos produtores e 94% da área.

Os citrinos são fundamentalmente de regadio, 97% dos produtores fazem a cultura de regadio e utilizam 99% da área total da cultura. A maior área centra-se no ALGARVE com 89% do total da área da cultura e 74% dos produtores.

Mapa 2.1.6.1 – PRODUTORES E ÁREA DE OUTROS PRODUTOS VEGETAIS POR CLASSE E POR NUT III



Ao observarmos o mapa 2.1.6.1 verificamos que a Sul do País se concentra a maior área de OUTROS PRODUTOS VEGETAIS. As Nuts da LEZÍRIA DO TEJO, do BAIXO ALENTEJO e do ALGARVE detêm a maior classe de área, com uma área superior a 3.500 hectares. A estas segue-se a do ALTO ALENTEJO com área que varia entre os 1.500 e os 3.500 hectares. As NUTs da GRANDE LISBOA, do ALENTEJO CENTRAL e do ALENTEJO LITORAL tem áreas que variam entre os 300 e os 1.500 hectares.

A nível dos produtores verificamos que são as NUTs que têm maior área que também têm maior número de produtores, contudo existe uma excepção que é a NUT de DÃO-LAFÕES. Esta NUT embora se encontre na classe com maior número de produtores, a nível de área está na classe menor, ou seja, com área inferior a 300 hectares.

A NUT do ALTO TRÁS-OS-MONTES é a única que se encontra na classe que varia entre os 201 e os 400 produtores.

2.2 ACTIVIDADES ANIMAIS

2.2.1 BOVINOS MACHOS

O PRÉMIO ESPECIAL AOS BOVINOS MACHOS é atribuído aos produtores que candidatam animais que se destinam ao abate para consumo, e é concedido no máximo uma vez durante a vida aos BOVINOS MACHOS NÃO CASTRADOS a partir dos 9 meses, ou concedido duas vezes durante a vida de cada BOVINO MACHO CASTRADO, a primeira vez quando o animal atingir 9 meses de idade; a segunda vez, após o animal ter atingido 21 meses.

O pagamento está condicionado a uma retenção obrigatória nos locais declarados pelo produtor. Esse período de retenção é de 2 meses, com início no dia seguinte ao da entrega do pedido, ou em data à escolha do requerente dentro dos 2 meses subsequentes.

Quadro 2.2.1.1 – PRODUTORES E ANIMAIS POR REGIÃO

Região Agrária	Nº de Produtores	Nº Animais
Entre Douro e Minho	13.649	50.828
Trás-os-Montes	3.688	15.376
Beira Litoral	8.611	28.254
Beira Interior	1.470	9.155
Ribatejo e Oeste	2.650	44.349
Alentejo	2.518	73.584
Algarve	252	2.262
Açores	4.688	31.766
Madeira	691	1.328
Total	38.217	256.902

Analisando a distribuição regional dos produtores candidatos por região agrária, 36% encontram-se no ENTRE DOURO E MINHO, 23% na BEIRA LITORAL e 12% nos AÇORES.

Quanto aos animais 29% foram inscritos no ALENTEJO, 20% no ENTRE DOURO E MINHO e 17% no RIBATEJO E OESTE.

O ALENTEJO apresenta em média 29 animais por produtor, sendo a região com o maior número médio de animais, seguido do RIBATEJO E OESTE com 17 animais por produtor, sendo a MADEIRA a região com menor número médio de animais por produtor, apenas 2.

Quadro 2.2.1.2 – EVOLUÇÃO POR CAMPANHA

Campanha	Nº de Produtores	Nº Animais
1998	40.064	192.662
1999	34.814	175.782
2000	40.085	216.446
2001	38.706	223.229
2002	40.395	240.459
2003	39.704	252.687
2004	38.217	256.902

Quanto à evolução por campanha dos produtores inscritos, verifica-se uma pequena oscilação, seguida de um decréscimo progressivo dos mesmos, sempre acompanhado de um aumento gradual do número de bovinos machos inscritos. Houve apenas uma excepção na campanha de 1999, em que o número de produtores e de animais decresceu muito relativamente à campanha de 1998, tendo ambos aumentado na campanha de 2000.

Como consequência deste comportamento, o número médio de animais por produtor era de 5 na campanha de 1998 e aumentou para 7 na campanha de 2004.

Quadro 2.2.1.3 - PRODUTORES E ANIMAIS POR CLASSE ETÁRIA

Região Agrária	CASTRADOS				NÃO CASTRADOS	
	1ª Classe		2ª Classe			
	Nº de Produtores	Nº Animais	Nº de Produtores	Nº Animais	Nº de Produtores	Nº Animais
Entre Douro e Minho	544	1.295	318	761	13.132	48.772
Trás-os-Montes	69	143	12	19	3.662	15.214
Beira Litoral	66	80	22	40	8.558	28.134
Beira Interior	23	34	16	20	1.445	9.101
Ribatejo e Oeste	9	24	2	11	2.645	44.314
Alentejo	15	455	5	47	2.509	73.082
Algarve			2	2	251	2.260
Açores	22	131	8	91	4.676	31.544
Madeira					691	1.328
Total	748	2.162	385	991	37.569	253.749

Para se fazer uma caracterização mais aprofundada dos animais inscritos (e respectivos produtores) fez-se a distribuição dos animais por idade, tendo sido classificados em ANIMAIS CASTRADOS de 1ª Classe (dos 7 aos 19 meses) e de 2ª Classe (com pelo menos 20 meses) e em ANIMAIS NÃO CASTRADOS (com pelo menos 7 meses).

Analisando o peso das diferentes classes no total, os produtores e o número de ANIMAIS NÃO CASTRADOS são os que têm maior peso em todas as regiões agrárias, com valores iguais ou superiores a 96%.

Os produtores de ANIMAIS NÃO CASTRADOS encontram-se em maior número no ENTRE DOURO E MINHO com 35%, seguido da BEIRA LITORAL com 23% e dos AÇORES com 12%. A região agrária com mais animais inscritos é o ALENTEJO com 29%, seguido do ENTRE DOURO E MINHO com 19% e do RIBATEJO E OESTE com 17%. O ALENTEJO teve em média 29 animais por produtor, sendo a região com maior encabeçamento por produtor, seguido do RIBATEJO E OESTE com 17. A Madeira apresenta apenas 2 animais por produtor.

Na 1ª Classe de ANIMAIS CASTRADOS, 73% dos produtores inscritos e 60% dos animais inscritos encontraram-se no ENTRE DOURO E MINHO, com apenas 2 animais por produtor, enquanto que no ALENTEJO com 2% dos produtores e 21% dos animais desta classe, cada produtor tem em média 30 animais.

Na 2ª Classe de ANIMAIS CASTRADOS, no ENTRE DOURO E MINHO verifica-se a mesma tendência observada na 1ª Classe, tendo-se inscrito 83% dos produtores com 77% dos animais desta classe, registando cada produtor uma média de 2 animais. Nos AÇORES, com 2% dos produtores e 9% dos animais desta classe cada produtor teve uma média de 11 animais.

Quadro 2.2.1.4 – ESCALÕES DE EFECTIVO

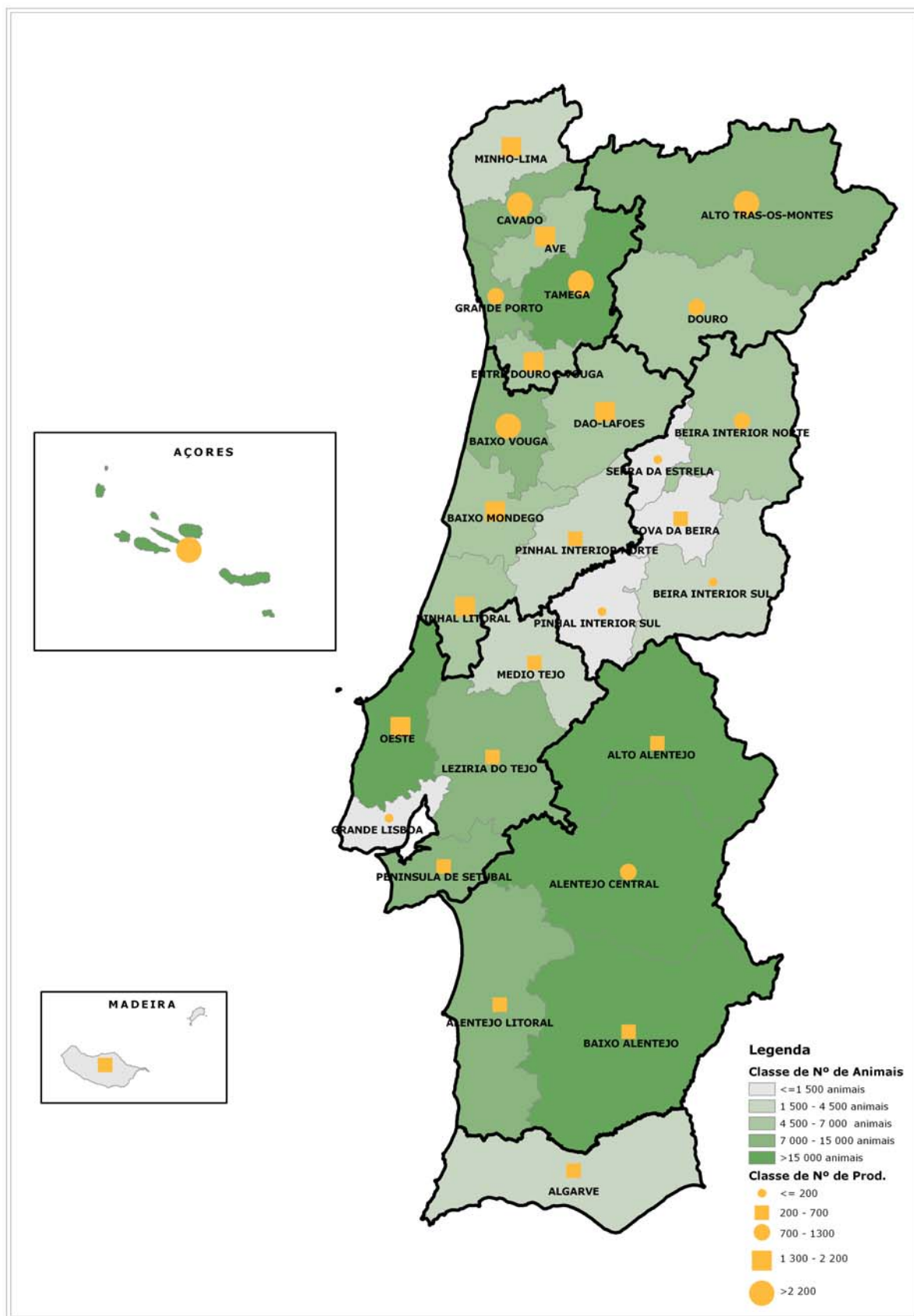
Região Agrária	≤ 3 Animais		4 - 10 Animais		11 - 25 Animais		26 - 50 Animais		>50 Animais	
	Nº de Produtores	Nº Animais	Nº de Produtores	Nº Animais	Nº de Produtores	Nº Animais	Nº de Produtores	Nº Animais	Nº de Produtores	Nº Animais
Entre Douro e Minho	9.891	16.016	2.732	15.730	1.001	18.125	20	628	5	329
Trás-os-Montes	2.606	4.136	767	4.412	241	3.952	63	2.115	11	761
Beira Litoral	6.847	10.252	1.209	6.853	536	10.336	15	513	4	300
Beira Interior	942	1.529	296	1.791	167	2.939	50	1.734	15	1.162
Ribatejo e Oeste	968	1.614	474	2.974	930	20.101	73	2.578	205	17.082
Alentejo	619	1.010	466	3.122	474	8.213	359	13.216	600	48.023
Algarve	147	229	59	370	24	402	12	452	10	809
Açores	2.239	4.041	1.542	9.475	825	14.482	57	1.921	25	1.847
Madeira	642	857	33	163	15	278	1	30		
Total	24.901	39.684	7.578	44.890	4.213	78.828	650	23.187	875	70.313

Fazendo uma apreciação global do peso dos diferentes escalões, conclui-se que, ao nível dos produtores o escalão com maior representatividade é o de ≤ 3 animais, com 65% do total de produtores inscritos, sendo os escalões com mais de 26 animais os que têm o menor número de produtores inscritos. Quando observamos o peso dos diferentes escalões por região agrária, sobressaem algumas excepções. Nos AÇORES o escalão de 4-10 animais tem uma expressão de 33% dos produtores desta região e no ALENTEJO o escalão > 50 animais teve um peso relevante de 24%.

Relativamente à apreciação global do peso dos diferentes escalões nos animais inscritos, o escalão de 11-25 animais é o mais representativo, com um total de 31% dos animais inscritos. Quanto ao peso dos diferentes escalões por região agrícola, há excepções em TRÁS-OS-MONTES onde o escalão mais representativo foi o de 4-10 animais com 29%, na BEIRA LITORAL e na MADEIRA o escalão ≤ 3 animais teve 36% e 65% dos animais inscritos nestas regiões, respectivamente. O escalão > 50 animais foi o que teve maior peso no RIBATEJO E OESTE com 39% dos animais, no ALENTEJO com 65% e no ALGARVE com 36% dos animais destas regiões.

Quanto ao peso das regiões agrícolas e dos escalões no total dos produtores inscritos, 26% do total de produtores inscritos encontram-se no ENTRE DOURO E MINHO no escalão ≤ 3 animais, seguido de 18% na BEIRA LITORAL neste mesmo escalão. Relativamente aos animais inscritos, 19% do total de animais encontram-se no ALENTEJO no escalão > 50 animais, seguido do RIBATEJO E OESTE no escalão de 11-25 animais com 8% do total de animais inscritos.

Mapa 2.2.1.1 – PRODUTORES E NÚMERO DE BOVINOS MACHOS POR CLASSE E POR NUT III



Ao observarmos o mapa 2.2.1.1 podemos concluir que é nas NUTs do TÂMEGA, do OESTE, do ALENTEJO, excluindo o ALENTEJO LITORAL e dos AÇORES onde se situa o maior número de novilhos, acima dos 15.000 animais. O ALTO TRÁS-OS-MONTES, CAVADO, GRANDE PORTO, BAIXO VOUGA, LEZÍRIA DO TEJO, PENÍNSULA DE SETÚBAL e ALENTEJO LITORAL apresentam valores ainda consideráveis de novilhos, entre os 7.000 e os 15.000 animais. Quanto à SERRA DA ESTRELA, COVA DA BEIRA, PINHAL INTERIOR SUL, GRANDE LISBOA e MADEIRA são as NUTs que apresentam a menor quantidade de animais, com valores até aos 1.500.

Quanto ao número de produtores de novilhos, denota-se um maior número nas NUTs do Litoral que se encontram acima da GRANDE LISBOA, no ALTO TRÁS-OS-MONTES e nos AÇORES com valores superiores a 1.300 produtores, havendo nas restantes NUTs um decréscimo dos mesmos para valores superiores a 200 mas inferiores e os 1.300 produtores, sendo a SERRA DA ESTRELA, BEIRA INTERIOR SUL, PINHAL INTERIOR SUL e a GRANDE LISBOA as NUTs com menos de 200 produtores.

2.2.2 VACAS ALEITANTES

Os Produtores que possuam na sua exploração vacas aleitantes podem beneficiar, a seu pedido, de um PRÉMIO PARA A MANUTENÇÃO DE VACAS ALEITANTES. O prémio baseia-se num regime de quotas individuais e limitações no encabeçamento ou seja na relação n.º de animais/área forrageira disponível.

Por definição, VACA ALEITANTE será a vaca pertencente a uma raça de vocação "carne" ou resultante de um cruzamento com uma dessas raças, e que faça parte de uma manada destinada à criação de vitelos para produção de carne.

As vacas e as novilhas de raças leiteiras não serão elegíveis para o prémio das vacas aleitantes, mesmo que tenham sido cobertas ou inseminadas por touros de raças produtoras de carne.

Quadro 2.2.2.1 - PRODUTORES E ANIMAIS POR REGIÃO

Região Agrária	Nº de Produtores	Nº Animais
Entre Douro e Minho	11.052	28.717
Trás-os-Montes	3.959	20.570
Beira Litoral	3.378	6.695
Beira Interior	685	16.562
Ribatejo e Oeste	433	26.627
Alentejo	3.617	251.850
Algarve	305	2.918
Açores	1.001	9.945
Madeira	400	1.166
Total	24.830	365.050

Quanto à distribuição regional dos produtores candidatos por região agrária, 45% encontram-se no ENTRE DOURO E MINHO, 16% dos produtores em TRÁS-OS-MONTES e 15% no ALENTEJO.

Quanto aos animais, 69% foram inscritos no ALENTEJO, 8% no ENTRE DOURO E MINHO e 7% no RIBATEJO E OESTE.

O ALENTEJO é a região com maior número de animais por produtor com 70 animais, seguido do RIBATEJO E OESTE com 61 animais por produtor, sendo a BEIRA LITORAL a região com menor número de animais por produtor, apenas 2.

Quadro 2.2.2.2 - EVOLUÇÃO POR CAMPANHA

Campanha	Nº de Produtores	Nº Animais
1998	36.398	321.948
1999	32.610	303.700
2000	31.347	307.093
2001	28.828	307.731
2002	27.093	321.978
2003	25.067	332.243
2004	24.830	365.050

Quanto à evolução por campanha dos produtores e de animais inscritos, denota-se um decréscimo gradual do número de produtores inscritos de 32%, acompanhado de um aumento progressivo no número de animais inscritos de 13%. Houve apenas uma excepção da campanha de 1998 para a de 1999 em que o número de produtores sofreu um decréscimo acentuado, da ordem dos 10%, acompanhado do decréscimo de 6% do número de vacas aleitantes inscritas.

Como consequência deste comportamento, o número de animais por produtor passou de 9 na campanha de 1998 para 15 na campanha de 2004.

Quadro 2.2.2.3 - PRODUTORES E ANIMAIS POR TIPO DE ANIMAL

Região Agrária	Novilhas		Vacas	
	Nº de Produtores	Nº Animais	Nº de Produtores	Nº Animais
Entre Douro e Minho	979	1.534	11.052	27.183
Trás-os-Montes	806	1.873	3.959	18.697
Beira Litoral	125	302	3.378	6.393
Beira Interior	360	2.771	685	13.791
Ribatejo e Oeste	255	5.598	433	21.029
Alentejo	2.523	53.057	3.617	198.793
Algarve	83	322	305	2.596
Açores	260	979	1.001	8.966
Madeira	160	210	400	956
Total	5.551	66.646	24.830	298.404

Para uma caracterização mais aprofundada dos animais inscritos (e respectivos produtores) fez-se a distribuição dos animais por idade, tendo sido classificados em

Novilhas (fêmeas da espécie bovina a partir de oito meses de idade que ainda não tenham parido) e em Vacas (fêmeas da espécie bovina que já tenham parido).

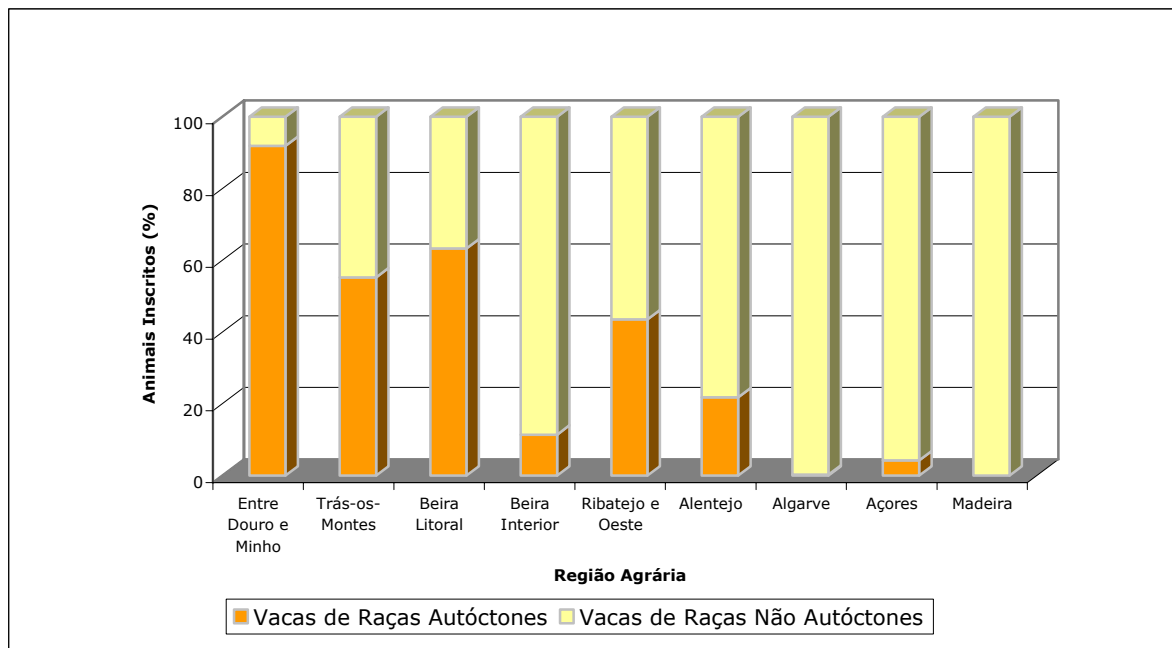
Analisando o peso das duas classes no total, 22% do total de produtores inscreveram NOVILHAS. Quanto à representatividade do número de NOVILHAS inscritas, o seu peso foi de 18% do total dos animais, sendo os restantes 82% de animais inscritos VACAS.

No que respeita às VACAS, o ENTRE DOURO E MINHO regista o valor mais elevado com 45% dos produtores inscritos, seguido de TRÁS-OS-MONTES com 16% e do ALENTEJO com 15%. O número de animais inscritos sobressai no ALENTEJO com 67% do total, seguido do ENTRE DOURO E MINHO com 9% e do RIBATEJO E OESTE com 7%. O ALENTEJO foi a região que teve o maior valor médio do número de animais por produtor, mais concretamente com 55 vacas, logo seguido do RIBATEJO E OESTE com uma média de 49 vacas por produtor. Tanto o ENTRE DOURO E MINHO, como a BEIRA LITORAL e a MADEIRA foram as regiões onde a média de vacas inscritas por produtor foi a menor com apenas 2.

Relativamente às NOVILHAS concluímos que a maior incidência ocorreu no ALENTEJO com 45% dos produtores e com 80% dos animais, mas o RIBATEJO E OESTE foi a região com maior média de animais por produtor, com 22, logo seguida do ALENTEJO com uma média de 21 novilhas por produtor.

Para completar a caracterização deste capítulo fez-se uma desagregação dos animais inscritos em dois grandes grupos, o das RAÇAS AUTÓCTONES e o das RAÇAS NÃO AUTÓCTONES e dentro de cada um destes grupos foi feita a distribuição regional por tipo de raça.

Gráfico 2.2.2.1 – DISTRIBUIÇÃO DOS ANIMAIS POR TIPO DE RAÇA



Comparando a representatividade dos animais inscritos de RAÇAS AUTÓCTONES e NÃO AUTÓCTONES por região agrícola, conclui-se que o ENTRE DOURO E MINHO é a região que tem uma maior proporção de animais de RAÇAS AUTÓCTONES, seguido da BEIRA LITORAL e de TRÁS-OS-MONTES onde predominam os animais destas raças. Nas restantes regiões agrícolas prevalecem os animais de RAÇAS NÃO AUTÓCTONES, sendo a MADEIRA, a única região onde só existem animais de RAÇAS NÃO AUTÓCTONES inscritos.

Quadro 2.2.2.4 - ANIMAIS DE RAÇAS AUTÓCTONES POR REGIÃO

(nº de animais)

Região Agrária	Alentejana	Algarvia	Arouquesa	Barrosã	Brava	Cachena	Garvonesa	Marinhosa
Entre Douro e Minho		2	3.733	8.763	1	776		18
Trás-os-Montes	3		340	2.452				5
Beira Litoral	1	1	1.683	1	159			1.299
Beira Interior	440	1	49	5	338			1
Ribatejo e Oeste	180		2	26	3.476			9
Alentejo	20.854	13	6	166	7.148	464	96	
Algarve	3							
Açores					80			
Madeira								
Total	21.481	17	5.813	11.413	11.202	1.240	96	1.332

(nº de animais)

Região Agrária	Maronesa	Mertolenga	Minhota	Mirandesa	Preta	Ramo Grande	Total
Entre Douro e Minho	2.978	2	10.120	6		1	26.400
Trás-os-Montes	3.490	8	326	4.739		1	11.364
Beira Litoral	2	69	1	1.023	2		4.241
Beira Interior		719		131	209		1.893
Ribatejo e Oeste		6.276		66	1.553		11.588
Alentejo		22.500		732	3.004	10	54.993
Algarve		4					7
Açores						342	422
Madeira							0
Total	6.470	29.578	10.447	6.697	4.768	354	110.908

Comparando a representatividade das várias RAÇAS AUTÓCTONES verifica-se a que Raça Mertolenga tem a maior expressão, com 27% do total de animais inscritos. No ALENTEJO encontra-se a maior concentração de Vacas Mertolengas com 76% do total dos animais desta raça, seguido do RIBATEJO E OESTE com apenas 21%.

A Raça Alentejana é a segunda mais importante, com 19% dos animais de RAÇAS AUTÓCTONES. A sua distribuição regional concentra-se maioritariamente no ALENTEJO, onde se encontram 97% das Vacas Alentejanas.

As Raças Barrosã e a Brava detêm cada uma 10% do total de animais de RAÇAS AUTÓCTONES inscritos. As vacas Barrosã encontram-se centralizadas no ENTRE DOURO E MINHO com 77%, seguida de TRÁS-OS-MONTES com 21% do total de animais desta raça. Quanto às vacas Brava concentram-se no ALENTEJO com 64% do total dos animais desta raça, seguido do RIBATEJO E OESTE com 31%.

Fazendo uma análise regional, o ALENTEJO teve 50% do total de animais de RAÇAS AUTÓCTONES inscritas seguido do ENTRE DOURO E MINHO com 24% dos animais. Quanto às regiões onde há uma menor representatividade de animais de RAÇAS AUTÓCTONES inscritos, os AÇORES têm apenas 0,4% de animais destas raças e o ALGARVE tem um valor residual de animais, com 0,01%.

Quadro 2.2.2.5 - ANIMAIS DE RAÇAS NÃO AUTÓCTONES POR REGIÃO

(nº de animais)

Região Agrária	Charolesa	Cruzado de Carne	Fleckvieh	Limousine	Salers	Outras	Total
Entre Douro e Minho	86	1.762	67	20	1	381	2.317
Trás-os-Montes	892	7.085	297	122	2	1.612	9.206
Beira Litoral	157	1.963	6	106	7	427	2.454
Beira Interior	1.014	12.734	11	472	47	763	14.669
Ribatejo e Oeste	924	11.932	51	1.221	195	1.415	15.039
Alentejo	5.000	175.931	154	11.381	2.166	4.270	196.857
Algarve	31	2.346	1	504	1	56	2.911
Açores	919	6.977	740	609		554	9.523
Madeira	18	33	3	3		2.218	1.166
Total	9.041	220.763	1.330	14.438	2.419	11.696	254.142

Comparando as RAÇAS NÃO AUTÓCTONES mais representativas, verifica-se que a Cruzado de Carne é a que tem a maior expressão, com 87% do total de animais inscritos. O ALENTEJO é a região onde se encontra a maior concentração de vacas de Cruzado de Carne, com 80% do total dos animais desta raça, seguido da BEIRA INTERIOR com apenas 6%.

A Raça Limousine é a segunda mais importante, com 6% dos animais de RAÇAS NÃO AUTÓCTONES. A sua distribuição regional concentra-se também no ALENTEJO, com 79% das Vacas Limousine.

Analisando a distribuição por região agrícola, conclui-se que no ALENTEJO encontra-se o maior número de animais com 77%, seguido do RIBATEJO E OESTE e da BEIRA INTERIOR ambas com 6% dos animais inscritos de RAÇAS NÃO AUTÓCTONES.

Quadro 2.2.2.6 - ESCALÕES DE EFECTIVO

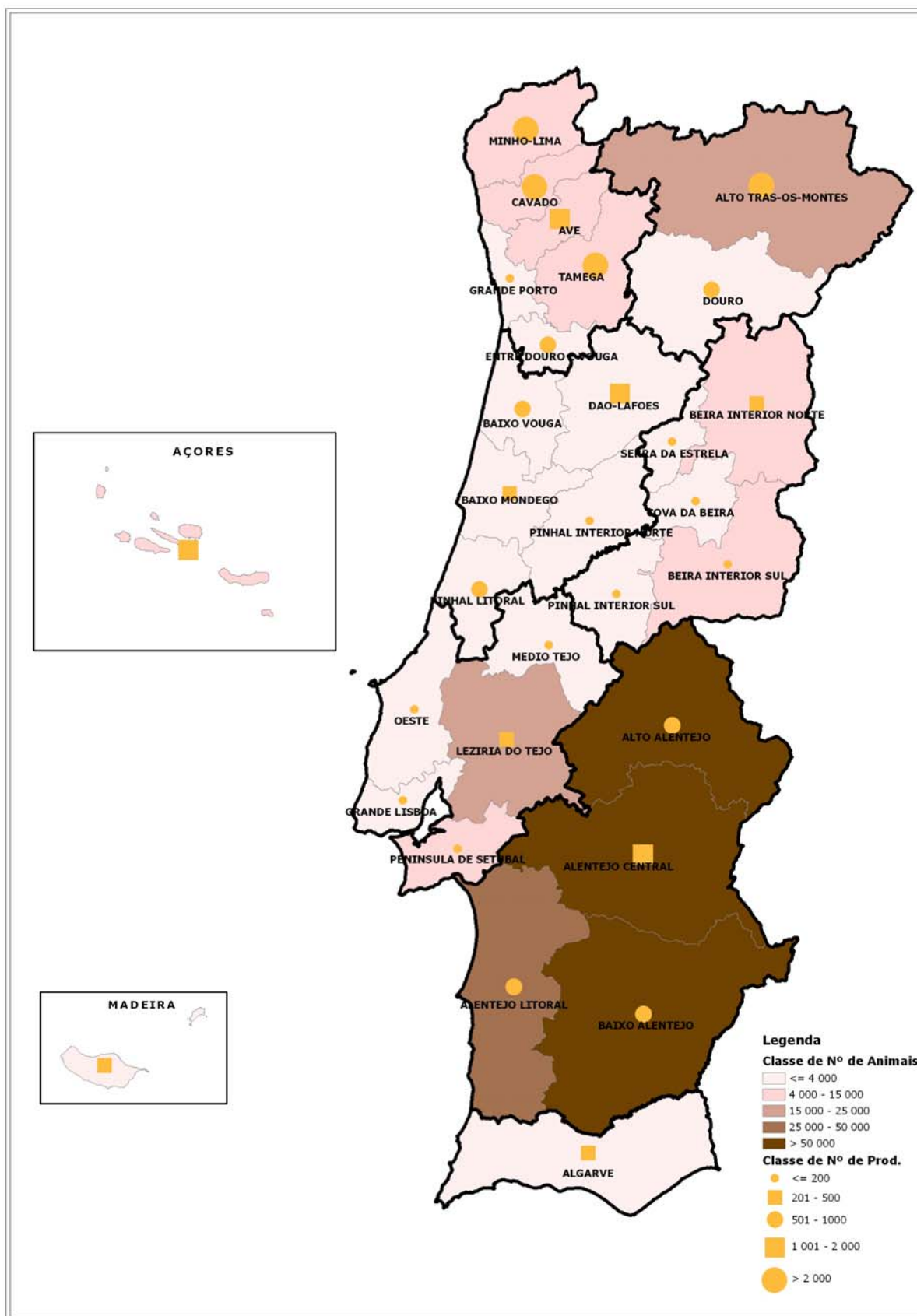
Região Agrária	≤ 3 Animais		4 - 10 Animais		11 - 25 Animais		26 - 50 Animais		>50 Animais	
	Nº Prod	Nº Animais	Nº Prod	Nº Animais	Nº Prod	Nº Animais	Nº Prod	Nº Animais	Nº Prod	Nº Animais
Entre Douro e Minho	9.126	15.690	1.706	9.080	185	2.704	32	1.064	3	179
Trás-os-Montes	2.189	4.444	1.335	7.785	369	5.737	57	1.983	9	621
Beira Litoral	3.131	4.547	199	1.075	38	626	8	312	2	135
Beira Interior	163	300	170	1.115	169	2.960	103	3.760	80	8.427
Ribatejo e Oeste	80	156	61	439	71	1.225	69	2.548	152	22.259
Alentejo	189	398	574	4.013	647	11.194	611	22.713	1.596	213.532
Algarve	119	246	114	699	50	832	14	507	8	634
Açores	291	582	415	2.643	216	3.399	64	2.141	15	1.180
Madeira	281	464	112	613	7	89				
Total	15.569	26.827	4.686	27.462	1.752	28.766	958	35.028	1.865	246.967

Fazendo uma apreciação global do peso dos diferentes escalões, conclui-se que, ao nível dos produtores, o escalão com maior representatividade é o de ≤ 3 animais, com 63% do total de produtores inscritos, sendo o escalão de 26-50 animais o menos representativo, com apenas 4% dos produtores inscritos. Ao observar o peso dos diferentes escalões por região agrária, evidenciam-se umas excepções. Na BEIRA INTERIOR, os escalões de 4-25 animais são os mais representativos com 50% dos produtores desta região. No RIBATEJO E OESTE e no ALENTEJO o escalão >50 animais foi o mais relevante com 35% e 44% dos produtores inscritos nestas regiões agrárias, respectivamente. Nos AÇORES o escalão que sobressaiu foi o de 4-10 animais com 41% dos produtores desta região.

Relativamente à apreciação global do peso dos diferentes escalões nos animais inscritos, o escalão >50 animais é o mais representativo, com um total de 68% dos animais inscritos. O escalão ≤ 3 animais é o que tem o menor número de animais inscritos, com apenas 7%. Quanto ao peso dos diferentes escalões por região agrária, há excepções no ENTRE DOURO E MINHO e na BEIRA LITORAL, onde o escalão mais representativo é o de ≤ 3 animais, com 55% e 68% dos animais de cada uma das respectivas regiões. Em TRÁS-OS-MONTES e na MADEIRA o escalão 4-10 animais teve 38% e 53% dos animais inscritos nestas regiões, respectivamente. O escalão de 11-25 animais foi o que teve maior peso no ALGARVE e nos AÇORES, com 29% e 34% dos animais destas regiões, respectivamente.

Quanto à distribuição regional, 37% do total de produtores inscritos encontram-se no ENTRE DOURO E MINHO no menor escalão, seguido de 13% na BEIRA LITORAL neste mesmo escalão. Relativamente aos animais inscritos, 58% do total de animais encontram-se no ALENTEJO no último escalão, seguido nesta mesma região do escalão 11-25 animais com 6% dos animais e do RIBATEJO E OESTE no último escalão com 6% do total de animais inscritos.

Mapa 2.2.2.1 – PRODUTORES E NÚMERO DE VACAS ALEITANTES E POR CLASSE E POR NUT III



Ao observarmos o mapa 2.2.2.1 torna-se bastante visível que o maior número de vacas se encontra nas NUTs do ALENTEJO (ALTO, CENTRAL e BAIXO), com mais de 50.000 animais, havendo a excepção do ALENTEJO LITORAL cujos produtores têm entre 25.000 a 50.000 animais. Há apenas duas NUTs com valores entre os 15.000 e os 25.000 animais que são a LEZÍRIA DO TEJO e ALTO TRÁS-OS-MONTES. As NUTs que têm menor número de vacas encontram-se no LITORAL entre a GRANDE LISBOA, inclusive, e o GRANDE PORTO, inclusive, numa faixa adjacente entre as NUTs do LITORAL e as NUTs do interior do País, no ALGARVE e na MADEIRA, em que os produtores têm até 4.000 animais.

Quanto ao número de produtores, as NUTs MINHO-LIMA, CAVADO, TÂMEGA e ALTO TRÁS-OS-MONTES foram as que tiveram um maior número de produtores com mais de 2.000, logo seguidas de AVE, DÃO-LAFÕES, ALENTEJO CENTRAL e dos AÇORES, com valores entre 1.000 e os 2.000 produtores. As NUTs com menor número de produtores foram o GRANDE PORTO, SERRA DA ESTRELA, COVA DA BEIRA, PINHAL INTERIOR NORTE e SUL, BEIRA INTERIOR SUL, MÉDIO TEJO, OESTE e PENÍNSULA DE SETÚBAL.

2.2.3 OVINOS E CAPRINOS

O PRÉMIO AOS PRODUTORES DE CARNE DE OVINO E CAPRINO é concedido aos produtores que possuam na sua exploração ovinos e caprinos, sendo obrigados a declarar pelo menos dez animais elegíveis ao Prémio. Os produtores têm que ter um limite individual de direitos e os animais são sujeitos a um período de retenção de 100 dias, contados a partir do dia seguinte ao último dia do período de apresentação dos pedidos de ajuda.

São elegíveis os animais que no último dia do período de retenção, tenham parido pelo menos uma vez, ou tenham pelo menos, um ano, havendo uma excepção para as cabras nos Açores.

Quadro 2.2.3.1 – PRODUTORES E ANIMAIS POR REGIÃO

Região Agrária	Nº de Produtores	Nº Animais
Entre Douro e Minho	3.176	80.614
Trás-os-Montes	3.515	292.077
Beira Litoral	4.216	110.782
Beira Interior	4.341	386.165
Ribatejo e Oeste	2.869	198.027
Alentejo	8.201	1.175.791
Algarve	650	54.766
Açores	25	1.010
Madeira	8	1.149
Total	27.001	2.300.381

Analisando a distribuição regional dos produtores e dos animais inscritos, verifica-se que as REGIÕES AUTÓNOMAS têm valores residuais, pelo que a análise vai incidir apenas nas regiões agrárias do Continente.

Quanto aos produtores candidatos, 30% encontram-se no ALENTEJO, 16% na BEIRA LITORAL e 13% em TRÁS-OS-MONTES. O ALGARVE é a região com menor número de produtores inscritos, apenas 2%.

No que diz respeito aos animais, 51% foram inscritos no ALENTEJO, 17% na BEIRA INTERIOR e 13% em TRÁS-OS-MONTES. O ALGARVE é a região que tem o menor número de animais inscritos, com apenas 2%.

O ALENTEJO é a região que tem o maior número médio de animais por produtor, com 143 animais por produtor, sendo o ENTRE DOURO E MINHO e a BEIRA LITORAL as regiões com menor número médio de animais por produtor, apenas 25 e 26, respectivamente.

Quadro 2.2.3.2 – EVOLUÇÃO POR CAMPANHA

Campanha	Nº de Produtores	Nº Animais
1998	31.252	2.552.344
1999	29.727	2.506.128
2000	28.376	2.436.616
2001	27.101	2.330.659
2002	26.410	2.271.922
2003	26.553	2.271.822
2004	27.001	2.300.381

Quanto à evolução por campanha dos produtores e dos animais inscritos, entre a campanha de 1998 e a campanha de 2004 houve uma tendência de decréscimo gradual do número de produtores, acompanhada da diminuição progressiva do número de animais inscritos. Verificou-se ainda no período um ligeiro aumento do número médio de animais por produtor, passando de 82 para 85 animais.

Quadro 2.2.3.3 – PRODUTORES E ANIMAIS POR TIPO DE ANIMAL

Região Agrária	Ovelhas de Carne		Ovelhas de Leite		Cabras	
	Nº de Produtores	Nº Animais	Nº de Produtores	Nº Animais	Nº de Produtores	Nº Animais
Entre Douro e Minho	2.780	48.472	3	674	1.030	31.468
Trás-os-Montes	2.498	193.393	486	50.351	921	48.333
Beira Litoral	2.622	48.266	1.020	37.577	2.210	24.939
Beira Interior	1.454	82.654	2.070	264.831	1.766	38.680
Ribatejo e Oeste	2.376	127.105	238	43.325	953	27.597
Alentejo	7.536	1.034.033	259	81.316	1.321	60.442
Algarve	531	43.795			277	10.971
Açores	25	1.010				
Madeira	7	999	1	150		
Total	19.829	1.579.727	4.077	478.224	8.478	242.430

Para fazer uma caracterização mais aprofundada do tipo de animais inscritos (e respectivos produtores) optou-se pela separação em OVELHAS DE CARNE, OVELHAS DE LEITE e em CABRAS.

Analisando o peso dos diferentes tipos de animais no total, as ovelhas têm a maior representatividade. Tanto ao nível dos produtores como dos animais inscritos, as OVELHAS DE CARNE têm um peso de 73% do total de produtores de ovinos e de caprinos inscritos e de 69% do total de animais inscritos.

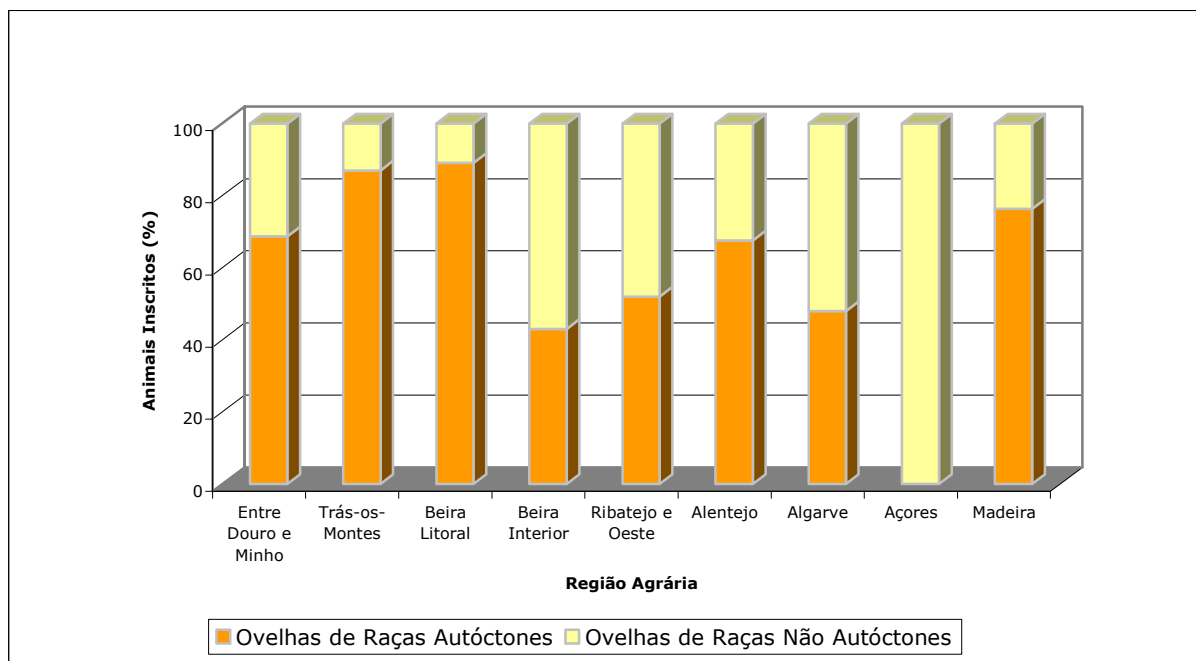
Observando os produtores de OVELHAS DE CARNE inscritos, concluímos que a maior incidência de produtores ocorre no ALENTEJO com 38%, seguido do ENTRE DOURO E MINHO com 14% e da BEIRA LITORAL com 13% de produtores, sendo o ALGARVE a região com menor número de produtores, com apenas 3%. Quanto ao número de OVELHAS DE CARNE inscritas, o ALENTEJO é a região agrária com maior número de animais inscritos, com 65%, seguido de TRÁS-OS-MONTES com 12% e do RIBATEJO E OESTE com 8%. O ALGARVE é a região com menor número de produtores e de animais inscritos com apenas 3%. Quanto ao número médio de OVELHAS DE CARNE inscritas por produtor, foi maior no ALENTEJO com uma média de 137 animais por produtor, tendo o ENTRE DOURO E MINHO apenas uma média de 17 animais por produtor.

No que respeita aos produtores e número de OVELHAS DE LEITE inscritas, verifica-se que na BEIRA INTERIOR há 51% dos produtores inscritos, seguida da BEIRA LITORAL com 25% e de TRÁS-OS-MONTES com 12%. O número de OVELHAS DE LEITE inscritas sobressai na BEIRA INTERIOR onde se encontram 55% dos animais, seguida do ALENTEJO com 17% e de TRÁS-OS-MONTES com 11%. O ENTRE DOURO E MINHO é a região que tem o maior valor médio de animais por produtor, com 225, seguido do RIBATEJO E OESTE com uma média de 182 animais por produtor. A BEIRA LITORAL é a região com o menor número médio de animais por produtor, apenas 37 animais por produtor.

Relativamente aos produtores e ao número de CABRAS inscritas, na BEIRA LITORAL encontram-se 26% dos produtores inscritos, seguida da BEIRA INTERIOR com 21% e do ALENTEJO com 16%. Quanto ao número de CABRAS inscritas, este foi maior no ALENTEJO com 25% do total, seguido de TRÁS-OS-MONTES com 20% e da BEIRA INTERIOR com 16%. TRÁS-OS-MONTES é a região com maior número médio de animais por produtor, com 52, seguido do ALENTEJO com 46 animais por produtor. A BEIRA LITORAL é a região com a menor média, apenas 11 animais por produtor.

É possível fazer uma distribuição dos animais em RAÇAS AUTÓCTONES e NÃO AUTÓCTONES mas apenas para as Ovelhas, não havendo este tipo de informação para as Cabras. Esta classificação foi feita apenas para os rebanhos que têm ovelhas com uma só raça, que corresponde a cerca de 90% do total de ovelhas inscritas.

Gráfico 2.2.3.1 - ANIMAIS POR RAÇA AUTÓCTONE E NÃO AUTÓCTONE



Comparando a representatividade dos animais inscritos de RAÇAS AUTÓCTONES e NÃO AUTÓCTONES por região agrícola, conclui-se que no ENTRE DOURO E MINHO, em TRÁS-OS-MONTES, na BEIRA LITORAL, no ALENTEJO e na MADEIRA sobressaem os animais de RAÇAS AUTÓCTONES, enquanto que nas restantes regiões agrícolas predominam os animais de RAÇAS NÃO AUTÓCTONES, sendo os AÇORES, a única região onde só existem animais inscritos de RAÇAS NÃO AUTÓCTONES.

Quadro 2.2.3.4 - OVELHAS DE RAÇAS AUTÓCTONES

Região Agrária	(nº de animais)								
	Badana	Bordaleira	Bordaleira Entre Douro e Minho	Bordaleira Serra da Estrela	Campaniça	Churra	Churra Algarvia	Churra Badana	Galega
ENTRE DOURO E MINHO		21.233	8.055	45	40	342			791
TRÁS-OS-MONTES	23.762	4.499	227	1.816		67.670		4.306	47.593
BEIRA LITORAL	27	35.997		25.507		21		5	93
BEIRA INTERIOR		18.050		47.328		8.145			57
RIBATEJO E OESTE		20		172					
ALENTEJO				350	13.668				
ALGARVE					6.818	2.016	4.056		
AÇORES									
MADEIRA						846			
TOTAL	23.789	79.808	8.282	75.218	20.526	79.040	4.056	4.311	48.534

Região Agrária	(nº de animais)							
	Galega Bragançana	Galega Mirandesa	Merina	Merina Preta	Merino Beira Baixa	Mondegueira	Saloia	TOTAL
ENTRE DOURO E MINHO	49		1.025				30	31.610
TRÁS-OS-MONTES	23.163	6.094	11.409			553		191.092
BEIRA LITORAL			12.840	13	40	154	91	74.788
BEIRA INTERIOR		130	26.630	771	15.874	1.791	63	118.839
RIBATEJO E OESTE			63.940	30	20		11.374	75.556
ALENTEJO			673.492	7.585	69		4.037	699.201
ALGARVE			2.380			60		15.330
AÇORES								
MADEIRA								846
TOTAL	23.212	6.224	791.716	8.399	16.003	2.558	15.595	1.207.262

Comparando a representatividade das várias RAÇAS AUTÓCTONES, verifica-se que a Raça Merina se destaca com 66% dos animais inscritos. Os animais desta raça encontram-se um pouco por todas as regiões agrárias, sendo o ALENTEJO a região onde se encontra a maior concentração, com 85% do total dos animais desta raça.

As Raças Bordaleira e Churra são as segundas mais importantes, ambas com 7% do total de animais de RAÇAS AUTÓCTONES inscritas. A distribuição da Raça Bordaleira concentra-se no Norte e Centro do País, encontrando-se maioritariamente na BEIRA LITORAL com 45% do total de animais inscritos desta raça, seguida do ENTRE DOURO E MINHO com 27% dos animais. A Raça Churra encontra-se dominantemente em TRÁS-OS-MONTES com 86% dos animais inscritos.

Fazendo uma análise regional, o ALENTEJO tem 58% do total de animais de Raças Autóctones inscritas, seguido de TRÁS-OS-MONTES com apenas 16% dos animais. O ALGARVE foi a região com menor número de animais de RAÇAS AUTÓCTONES inscritas, com apenas 1%.

Quadro 2.2.3.5. - OVELHAS DE RAÇAS NÃO AUTÓCTONES

(nº de animais)

Região Agrária	Awassi ou Assaf	Charolais	Friserra	Frísia	Ile de France	Lacaune	Manchega	Romney Marsh	Sufpolk	Outras	Total
Entre Douro e Minho				11	62	318			15	14.014	14.420
Trás-os-Montes	749				340	1.650	202			25.615	28.556
Beira Litoral	41		87	30	287	12				8.748	9.205
Beira Interior	29.792			828	735	7.039	2.076		24	116.782	157.276
Ribatejo e Oeste	972	42	15		2.513	5.730	100		114	60.272	69.758
Alentejo	6.660	160			5.305	24.064	133		401	298.457	335.180
Algarve					357					16.263	16.620
Açores								715		285	1.000
Madeira										263	263
Total	38.214	202	102	869	9.599	38.813	2.511	715	554	540.699	632.278

Observando o quadro das RAÇAS NÃO AUTÓCTONES mais representativas, verifica-se que a coluna das Outras Raças tem uma expressão muito elevada, de 89% do total de animais inscritos de RAÇAS NÃO AUTÓCTONES, uma vez que tem uma grande quantidade de animais resultantes de cruzamentos.

Fazendo a análise da representatividade das RAÇAS NÃO AUTÓCTONES, excluindo os animais supra mencionados, a raça Laucune e a raça Awassi ou Assaf são as que detêm o maior número de animais, ambas com 6% dos animais de RAÇAS NÃO AUTÓCTONES. A distribuição da raça Laucune encontra-se maioritariamente no ALENTEJO, com 62% dos animais desta raça, seguido da BEIRA INTERIOR com 18% e do RIBATEJO E OESTE com 15% das Ovelhas Lacune. A Raça Awassi ou Assaf encontra-se predominantemente na BEIRA INTERIOR com 78% do efectivo, seguida do ALENTEJO com 17%.

Fazendo a análise regional dos animais inscritos de RAÇAS NÃO AUTÓCTONES, conclui-se que é no ALENTEJO onde se encontra o maior número de animais, com 49%, seguido da BEIRA INTERIOR com 27%. A BEIRA LITORAL é a região com menor número de animais de RAÇAS NÃO AUTÓCTONES inscritas, com apenas 1%.

Quadro 2.2.3.6. - ESCALÕES DE EFECTIVO

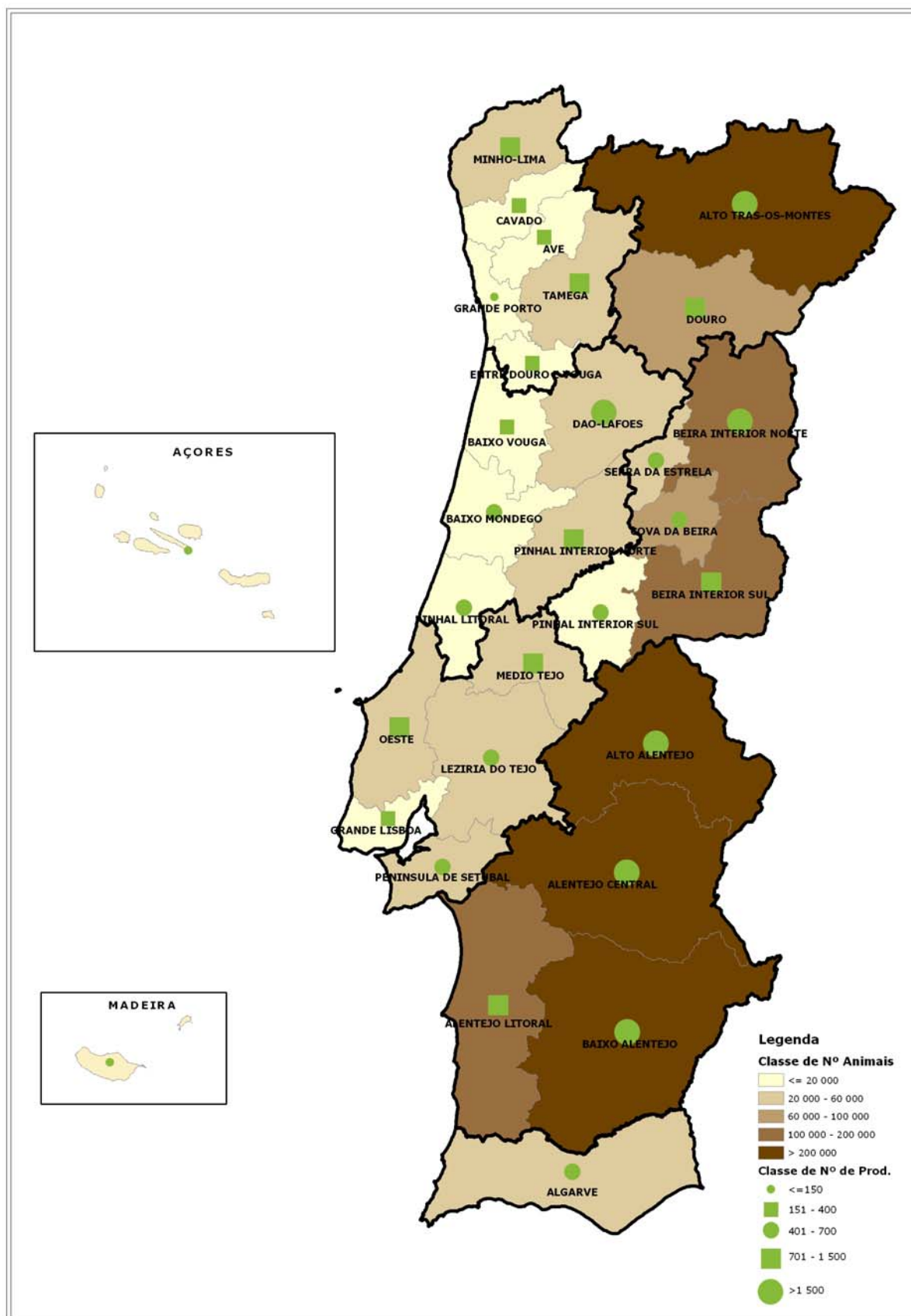
Região Agrária	≤ 20 Animais		21 - 50 Animais		51 - 100 Animais		101 - 500 Animais		>500 Animais	
	Nº de Produtores	Nº Animais	Nº de Produtores	Nº Animais	Nº de Produtores	Nº Animais	Nº de Produtores	Nº Animais	Nº de Produtores	Nº Animais
Entre Douro e Minho	2.274	28.777	588	18.464	196	14.181	118	19.192		
Trás-os-Montes	693	9.947	750	26.628	977	75.747	1.088	174.844	7	4.911
Beira Litoral	2.861	36.387	907	29.075	315	21.894	131	21.777	2	1.649
Beira Interior	1.325	18.278	1.127	39.062	896	66.707	889	181.372	104	80.746
Ribatejo e Oeste	1.141	16.021	798	26.169	457	33.457	437	90.944	36	31.436
Alentejo	1.858	27.345	2.123	72.339	1.341	100.483	2.334	539.286	545	436.338
Algarve	170	2.477	193	6.988	141	10.685	137	26.543	9	8.073
Açores	15	206	6	173	1	55	3	576		
Madeira	2	26	3	98	1	75	1	150	1	800
Total	10.339	139.464	6.495	218.996	4.325	323.284	5.138	1.054.684	704	563.953

Fazendo uma apreciação global do peso dos diferentes escalões, conclui-se que, ao nível dos produtores inscritos o escalão com maior representatividade é o de ≤ 20 animais, com 38% do total de produtores inscritos, sendo o escalão de >500 animais o menos expressivo, com apenas 3% dos produtores inscritos. Ao observar o peso dos diferentes escalões por região agrícola, evidenciam-se umas excepções. Em TRÁS-OS-MONTES e no ALENTEJO o escalão de 101-500 animais é o mais representativo, com 31% e 28% dos produtores de cada uma destas regiões, respectivamente. No ALGARVE e na MADEIRA o escalão 21-50 animais é o mais relevante, com 30% e 38% dos produtores inscritos nestas regiões agrícolas, respectivamente.

Relativamente à apreciação global do peso dos diferentes escalões nos animais inscritos, o escalão 101-500 animais é o mais representativo, com um total de 46% dos animais inscritos. O escalão >500 animais é o que tem o menor número de produtores inscritos, com apenas 3%. Quanto ao peso dos diferentes escalões por região agrícola, há excepções no ENTRE DOURO E MINHO e na BEIRA LITORAL, onde o escalão mais representativo é o de ≤ 20 animais, com 36% e 33% dos animais de cada uma das respectivas regiões. Na MADEIRA o escalão >500 animais tem 70% dos animais inscritos nesta região.

Quanto à distribuição regional, 11% do total de produtores inscritos encontram-se na BEIRA LITORAL, no escalão ≤ 20 animais, seguido de 9% do total dos produtores no ALENTEJO, no escalão de 101-500 animais. Relativamente aos animais inscritos, 23% do total de animais encontram-se no ALENTEJO, no escalão 101-500 animais, seguido nesta mesma região do escalão >500 animais com 19% do total de animais inscritos.

Mapa 2.2.3.1. – PRODUTORES E NÚMERO DE OVINOS E CAPRINOS POR CLASSE E POR NUT III



A observação do mapa 2.2.3.1 deixa salientar que os Ovinos e Caprinos se encontram sobretudo no interior do País. As NUTs ALTO TRÁS-OS-MONTES, ALTO ALENTEJO, ALENTEJO CENTRAL e BAIXO ALENTEJO são as que têm um maior número de animais, com mais de 200.000. Nas NUTs BEIRA INTERIOR NORTE e SUL e no ALENTEJO LITORAL o número de animais é ainda bastante significativo, com valores entre os 100.000 e os 200.000 animais. As NUTs localizadas mais a LITORAL, desde CAVADO até à GRANDE LISBOA, com excepção do OESTE, e o PINHAL INTERIOR SUL são aquelas que têm o menor número de animais, com menos de 20.000 animais. Ressalta uma faixa intermédia localizada entre as NUTs do Litoral e as do Interior do Continente, o MINHO-LIMA, o ALGARVE, os AÇORES e a MADEIRA onde se encontram rebanhos com valores entre os 20.000 e os 60.000 animais.

Quanto aos produtores detentores de Ovinos e Caprinos, o maior número encontra-se nas NUTs do ALTO TRÁS-OS-MONTES, BEIRA INTERIOR NORTE, DÃO-LAFÕES, ALTO ALENTEJO, ALENTEJO CENTRAL e BAIXO ALENTEJO, com mais de 1.500 produtores, seguidas das NUTs MINHO-LIMA, TÂMEGA, DOURO, BEIRA INTERIOR SUL, MÉDIO TEJO, OESTE, e ALENTEJO LITORAL, com valores entre o 700 e os 1.500 produtores. As NUTs com menos produtores são as do GRANDE PORTO, AÇORES e MADEIRA com menos de 150 produtores.

3 DESENVOLVIMENTO RURAL

3.1 INDEMNIZAÇÕES COMPENSATÓRIAS

Para beneficiar da INDEMNIZAÇÃO COMPENSATÓRIA, os agricultores em nome individual ou colectivo, têm que reunir um certo número de requisitos:

- residir habitualmente ou ter a sua sede em zona desfavorecida, e ser agricultores a título principal na R.A. DOS AÇORES;
- ser titulares de uma exploração agrícola, no CONTINENTE, com uma dimensão económica máxima de 40 UDE (Unidade de Dimensão Europeia), situada na totalidade ou em parte em zona desfavorecida;
- ter a Superfície Agrícola Útil (SAU) mínima igual ou superior a 0,5 hectares em zona desfavorecida no CONTINENTE e na R.A. DOS AÇORES e igual ou superior a 0,15 ha na R. A. DA MADEIRA;
- ser titulares de uma exploração em zona desfavorecida cujo encabeçamento em pastoreio seja igual ou inferior a:
 - 3 CN/ha de SAU, no caso de se tratar de explorações em zona de montanha ou de explorações até 2 ha de SAU,
 - 2 CN/ha de superfície forrageira para efeitos de encabeçamento, no caso de se tratar de explorações nas restantes zonas desfavorecidas e com mais de 2 ha de SAU,
 - na R.A. DA MADEIRA, o encabeçamento máximo permitido é de 2 CN/ha de SAU para explorações com efectivo pecuário superior a 2CN e na R.A. dos Açores de 2,5 CN/ha de superfície forrageira.

O beneficiário tem que comprometer-se, durante um período de 5 anos a contar do ano a que respeita o primeiro pagamento de uma INDEMNIZAÇÃO COMPENSATÓRIA, a manter as condições de acesso, manter a actividade agrícola em zona desfavorecida e a aplicar, em toda a área da exploração situada em zona desfavorecida, as Boas Práticas Agrícolas.

Quadro 3.1.1 - PRODUTORES E ÁREAS POR REGIÃO

Região Agrária	Nº de Produtores	Área (ha)
Entre Douro e Minho	25.193	101.765
Trás-os-Montes	45.186	397.380
Beira Litoral	16.543	50.819
Beira Interior	16.403	223.015
Ribatejo e Oeste	915	18.264
Alentejo	14.555	611.949
Algarve	3.063	42.425
Açores	3.945	79.478
Madeira	5.514	3.918
Total	130.469	1.529.013

Analisando a distribuição regional dos produtores candidatos, 35% encontram-se em TRÁS-OS-MONTES com apenas 26% da área inscrita, 19% no ENTRE DOURO E MINHO e 13% tanto na BEIRA LITORAL como na BEIRA INTERIOR.

Quanto à área candidata 40% foi inscrita no ALENTEJO, 26% em TRÁS-OS-MONTES e 15% na BEIRA INTERIOR.

O ALENTEJO teve em média 42 hectares por produtor, sendo a região com o maior número médio de hectares, seguido do RIBATEJO E OESTE e dos AÇORES com 20 hectares por produtor, sendo a MADEIRA a região com menor número médio de hectares por produtor, apenas 1.

Quadro 3.1.2 - EVOLUÇÃO POR CAMPANHA

Campanha	Nº Produtores
1998	144.122
1999	129.615
2000	69.616
2001	111.824
2002	117.735
2003	125.884
2004	130.469

Quanto à evolução por campanha dos produtores inscritos, verifica-se um decréscimo de 52% entre a campanha de 1998 e de 2000, seguido de um aumento gradual do número de produtores inscritos nas restantes campanhas, nunca chegando aos valores da campanha de 1998.

Para se fazer uma caracterização mais aprofundada das áreas inscritas (e respectivos produtores) fez-se a distribuição das áreas por tipo de região, REGIÕES DE MONTANHA e OUTRAS ZONAS DESFAVORECIDAS, e dentro de cada REGIÃO fez-se uma desagregação por titularidade do agricultor.

Quadro 3.1.3 - PRODUTORES E ÁREAS POR TIPO DE REGIÃO DESFAVORECIDA

Região Agrária	Desfavorecida		Montanha	
	Nº Produtores	Área (ha)	Nº Produtores	Área (ha)
Entre Douro e Minho	0	0	25.193	101.765
Trás-os-Montes	0	0	45.186	397.380
Beira Litoral	4.399	15.191	12.676	35.627
Beira Interior	3.499	67.498	13.189	155.517
Ribatejo e Oeste	899	18.156	20	109
Alentejo	14.210	592.421	441	19.529
Algarve	63	1.437	3.030	40.988
Açores	3.945	79.478	0	0
Madeira	5.514	3.918	0	0
Total	32.491	778.097	99.053	750.915

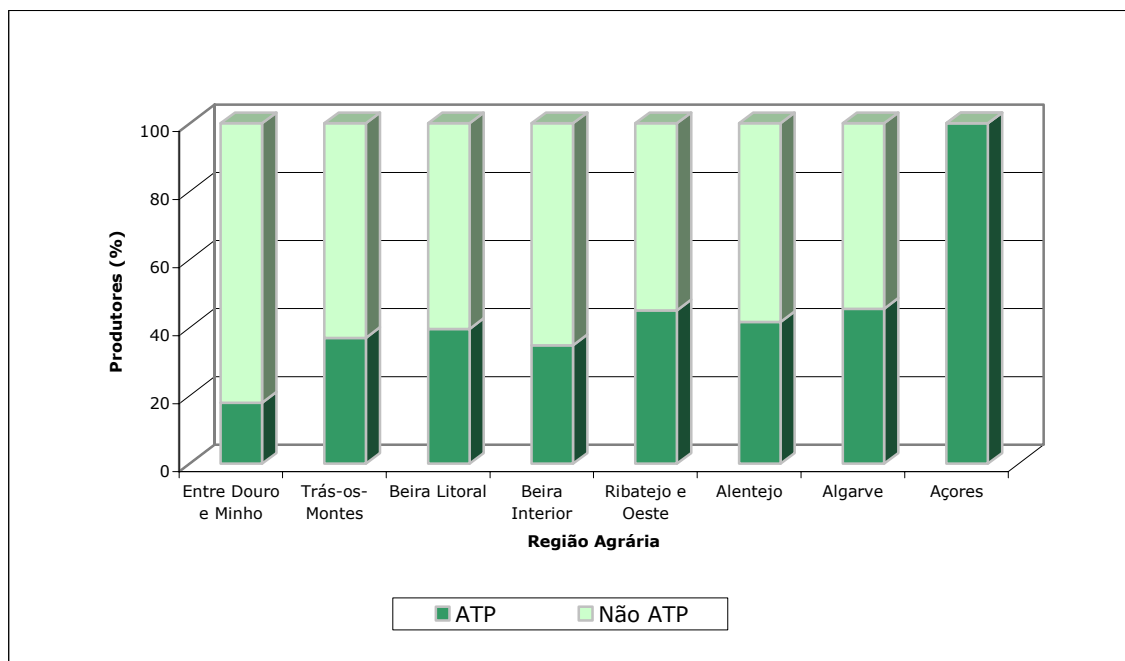
Fazendo uma apreciação global do peso dos dois tipos de REGIÃO nos produtores inscritos, as REGIÕES DE MONTANHA têm maior representatividade, com 76% do total de

produtores candidatos a INDEMNIZAÇÕES COMPENSATÓRIAS. Quando observamos o peso das OUTRAS ZONAS DESFAVORECIDAS por região agrícola, sobressai o RIBATEJO E OESTE e o ALENTEJO, ambas com 98% dos produtores de cada uma destas regiões agrícolas e os AÇORES e a MADEIRA, com 100% dos produtores destas regiões agrícolas.

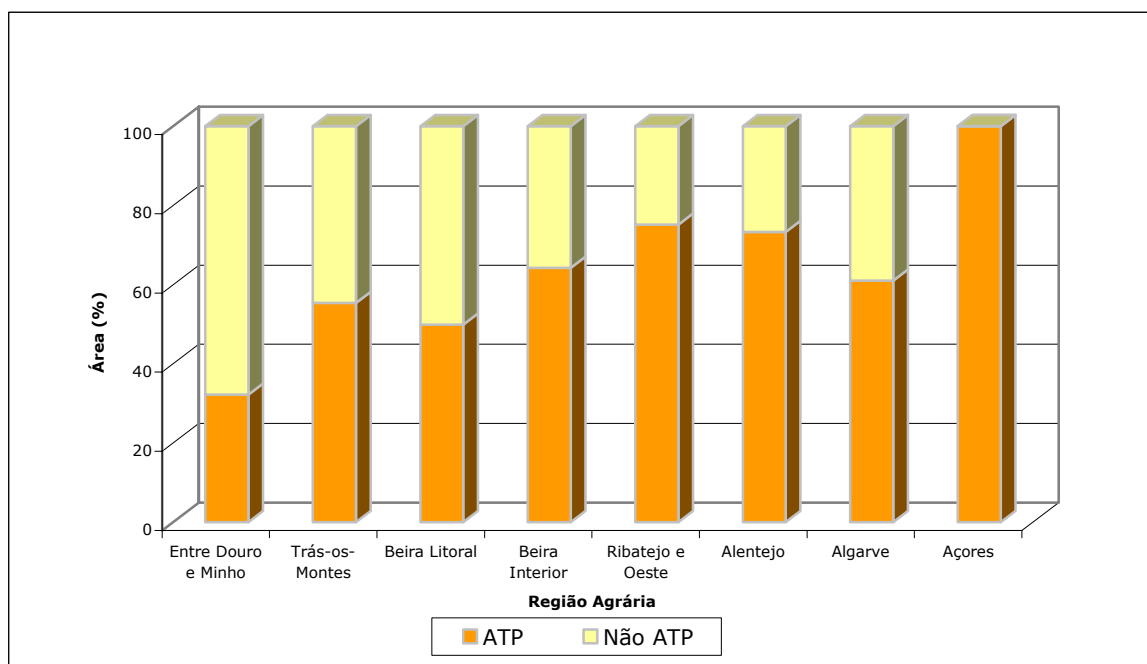
Relativamente ao peso dos dois tipos de REGIÃO na área candidata, as OUTRAS ZONAS DESFAVORECIDAS têm um peso ligeiramente superior, com 51% da área total candidata a INDEMNIZAÇÕES COMPENSATÓRIAS. Quanto ao peso dos dois tipos de REGIÃO por zona agrícola, tanto no ENTRE DOURO E MINHO como em TRÁS-OS-MONTES, a área inscrita é 100% em REGIÕES DE MONTANHA, na BEIRA LITORAL e na BEIRA INTERIOR 70% da área também é de REGIÕES DE MONTANHA, tal como acontece no ALGARVE onde a área inscrita nas REGIÕES DE MONTANHA é de 97%.

Fez-se a distribuição dos produtores e das áreas pela TITULARIDADE dos agricultores, nas diversas regiões agrárias e seguidamente classificaram-se os produtores em ATP (Agricultor a Título Principal) e NÃO ATP, por REGIÕES DE MONTANHA e por OUTRAS ZONAS DESFAVORECIDAS, por região agrária.

Gráfico 3.1.1 - PRODUTORES POR TITULARIDADE DO AGRICULTOR



Analisando a representatividade da titularidade dos produtores no total, 61% do total de produtores são NÃO ATP, ou seja, NÃO são AGRICULTORES A TÍTULO PRINCIPAL. Quando observamos o peso da TITULARIDADE por região agrária, o comportamento é semelhante havendo apenas a excepção nos AÇORES, onde 100% dos produtores são ATP, por imposição regulamentar.

Gráfico 3.1.2 - ÁREAS POR TITULARIDADE DO AGRICULTOR

Quanto à importância da TITULARIDADE na área candidata, 65% da área total pertence a AGRICULTORES A TÍTULO PRINCIPAL. Quanto ao peso da TITULARIDADE por região agrária, sobressai apenas uma excepção no ENTRE DOURO E MINHO onde 68% da área inscrita pertence a produtores NÃO ATP.

Quadro 3.1.4 - PRODUTORES E ÁREAS POR TITULARIDADE EM CADA REGIÃO DESFAVORECIDA

Região Agrária	Outras Zonas Desfavorecidas				Regiões de Montanha			
	ATP		Não ATP		ATP		Não ATP	
	Nº Produtores	Área (ha)	Nº Produtores	Área (ha)	Nº Produtores	Área (ha)	Nº Produtores	Área (ha)
Entre Douro e Minho	0	0	0	0	4.505	32.777	20.688	68.988
Trás-os-Montes	0	0	0	0	16.699	220.076	28.487	177.304
Beira Litoral	1.039	5.378	3.360	9.813	5.599	19.975	7.077	15.652
Beira Interior	775	38.909	2.724	28.589	5.056	104.330	8.133	51.187
Ribatejo e Oeste	398	13.614	501	4.542	17	106	3	3
Alentejo	5.792	431.995	8.418	160.425	343	16.358	98	3.170
Algarve	30	1.025	33	412	1.380	24.863	1.650	16.125
Açores	3.945	79.478	-	-	-	-	-	-
Madeira	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	11.959	570.399	15.018	203.781	33.251	418.486	65.802	332.429

Fazendo uma análise global da distribuição dos produtores e áreas inscritas de ATP e NÃO ATP, nas OUTRAS ZONAS DESFAVORECIDAS, conclui-se que, ao nível dos produtores inscritos, os NÃO ATP são os que têm uma maior representatividade, com 46% do total de produtores inscritos e ao nível da área inscrita, a área de produtores ATP é a que tem maior expressão, com 73% da área total. Ao observar o peso da titularidade nas OUTRAS

ZONAS DESFAVORECIDAS por região agrária, a nível dos produtores e das áreas verifica-se a mesma tendência evidenciada na análise global, havendo apenas uma excepção a nível da área inscrita na BEIRA LITORAL em que 65% pertence a produtores Não ATP

Quando fazemos uma análise global da distribuição da titularidade dos produtores e áreas inscritas, nas REGIÕES DE MONTANHA, conclui-se que, ao nível dos produtores inscritos, os que têm uma maior representatividade são os Não ATP, com 66% do total de produtores inscritos e ao nível da área inscrita, a área de produtores ATP é a que tem maior representatividade, com 56% da área total. Relativamente ao peso da titularidade nas REGIÕES DE MONTANHA por região agrária, tanto nos produtores como nas áreas verifica-se a mesma tendência ocorrida na análise global, havendo apenas excepções no RIBATEJO E OESTE e no ALENTEJO, onde a 85% e 78% dos produtores inscritos, respectivamente, são ATP, e na área inscrita a excepção encontra-se no ENTRE DOURO E MINHO onde 68% da área pertence a produtores Não ATP.

Quadro 3.1.4 - PRODUTORES E ÁREAS POR CULTURA

Região Agrária	Culturas Arvenses		Forrageiras		Outras	
	Nº Prod.	Área (ha)	Nº Prod.	Área (ha)	Nº Prod.	Área (ha)
Entre Douro e Minho	21.263	25.074	18.430	64.059	19.895	12.631
Trás-os-Montes	17.879	40.678	26.248	155.235	42.829	201.467
Beira Litoral	13.270	14.533	9.559	21.341	14.549	14.945
Beira Interior	8.999	39.749	9.547	116.744	15.429	66.522
Ribatejo e Oeste	384	3.038	407	9.735	732	5.491
Alentejo	6.143	144.419	6.641	346.304	10.924	121.226
Algarve	859	3.379	1.410	18.757	2.769	20.290
Açores	2.221	5.335	3.870	72.894	1.270	1.248
Madeira	60	39	463	336	5.504	3.542
Total	70.826	276.244	76.173	805.406	113.402	447.362

Relativamente à análise do peso das várias CULTURAS feitas pelos produtores inscritos e áreas correspondentes, verifica-se que, ao nível dos produtores inscritos, os que fazem OUTRAS são os que prevalecem, tendo um peso de 87% enquanto que ao nível da área inscrita, a área ocupada por FORRAGEIRAS é a que tem maior representatividade, com 53% da área total.

Quanto ao peso das diversas CULTURAS por região agrária, contrariando a análise global, nos AÇORES 98% dos produtores faz FORRAGEIRAS. Há que salientar que no ENTRE DOURO E MINHO grande parte dos produtores faz mais do que uma CULTURA.

Quadro 3.1.5 - ESCALÕES DE EFECTIVO

Região Agrária	≤ 2		2 - 5		5 - 10		10 - 20	
	Nº Produtores	Área (ha)	Nº Produtores	Área (ha)	Nº Produtores	Área (ha)	Nº Produtores	Área (ha)
Entre Douro e Minho	11.432	14.060	8.975	28.215	2.875	19.893	1.264	17.464
Trás-os-Montes	9.013	11.459	14.080	47.285	10.576	75.249	6.951	97.221
Beira Litoral	8.898	10.777	5.486	16.779	1.487	10.144	486	6.537
Beira Interior	3.662	4.596	4.830	15.961	3.179	22.477	2.246	31.198
Ribatejo e Oeste	243	293	233	742	176	1.252	89	1.273
Alentejo	1.981	2.448	2.595	8.744	2.284	16.398	2.065	29.389
Algarve	273	370	709	2.463	878	6.419	676	9.366
Açores	96	139	386	1.424	794	5.911	1.275	18.339
Madeira	5.337	3.009	139	396	21	145	10	129
Total	40.935	47.151	37.433	122.010	22.270	157.888	15.062	210.916

Região Agrária	20 - 50		50 - 100		100 - 500		>500	
	Nº Produtores	Área (ha)	Nº Produtores	Área (ha)	Nº Produtores	Área (ha)	Nº Produtores	Área (ha)
Entre Douro e Minho	564	16.498	76	4.763	7	873		
Trás-os-Montes	3.864	114.752	625	41.032	77	10.382		
Beira Litoral	163	4.915	21	1.422	2	243		
Beira Interior	1.583	48.660	586	40.626	313	56.865	4	2.632
Ribatejo e Oeste	96	3.042	42	3.060	35	7.466	1	1.136
Alentejo	2.273	73.845	1.487	106.391	1.836	351.732	34	23.003
Algarve	405	12.279	92	6.299	30	5.229		
Açores	1.136	34.677	233	15.268	25	3.719		
Madeira	7	239						
Total	10.091	308.907	3.162	218.861	2.325	436.508	39	26.771

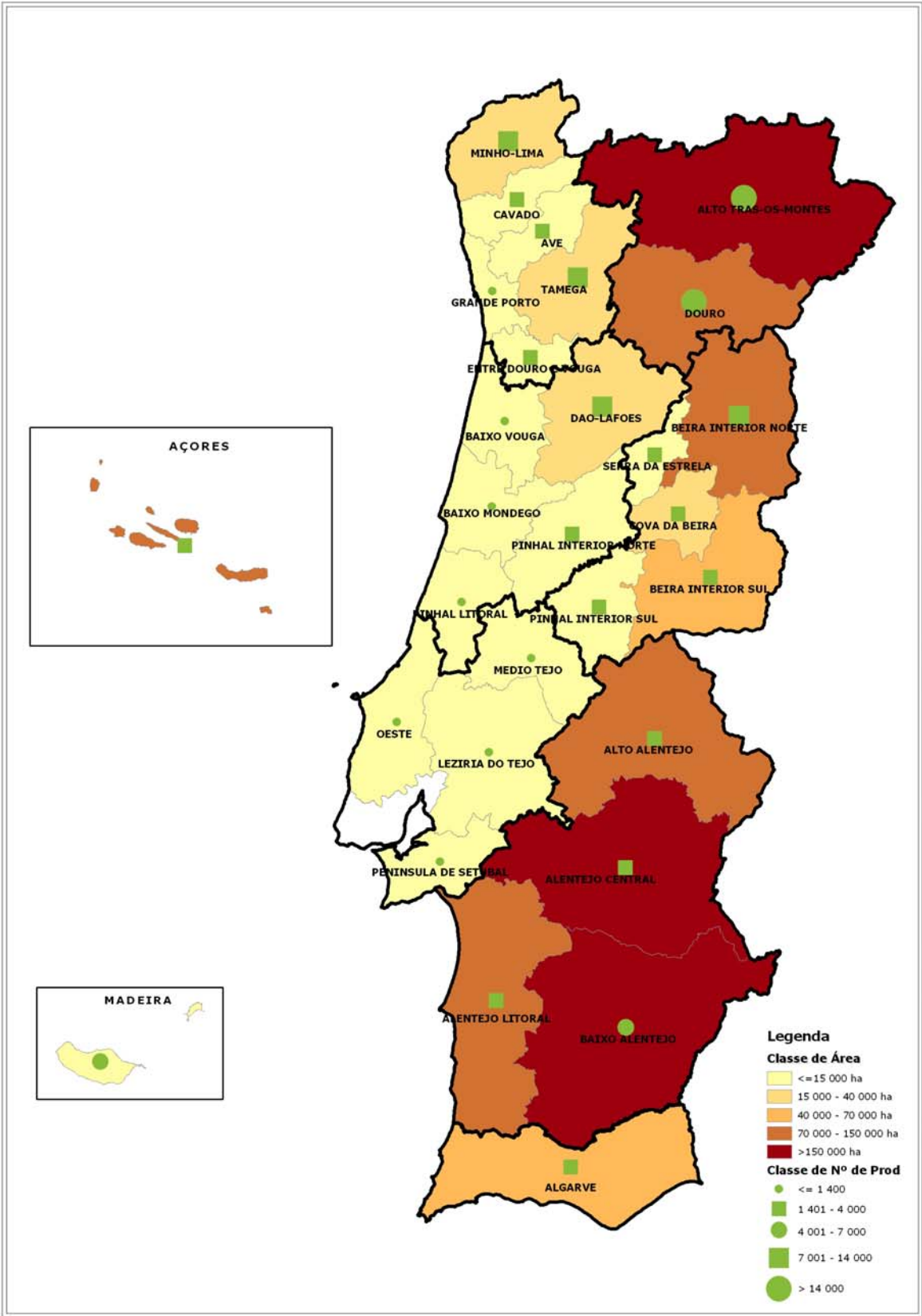
Fazendo uma apreciação global do peso dos diferentes escalões, conclui-se que, ao nível dos produtores, o escalão com maior representatividade é o de ≤ 2 hectares, com 31% do total de produtores inscritos, logo seguido do escalão 2-5 hectares com 29%, sendo o escalão > 500 hectares o menos representativo, com apenas 0,03% dos produtores inscritos. Ao observar o peso dos diferentes escalões por região agrária, evidenciam-se umas excepções. No ALGARVE, o escalão de 5-10 hectares é o mais representativo com 29% dos produtores desta região. Nos AÇORES o escalão 10-20 hectares foi o mais relevante com 32% dos produtores inscritos nesta região agrária.

Relativamente à apreciação global do peso dos diferentes escalões na área inscrita, o escalão 100-500 hectares é o mais representativo, com um total de 29% da área inscrita. O escalão >500 hectares é o que tem a menor área inscrita, com apenas 2%, logo seguido de escalão ≤ 2 hectares com 3%. Quanto ao peso dos diferentes escalões por região agrária, há excepções no ENTRE DOURO E MINHO e na BEIRA LITORAL, onde o escalão mais representativo é o de 2-5 hectares, com 28% e 33% da área de cada uma das respectivas regiões. Em TRÁS-OS-MONTES, no Algarve e nos Açores o escalão 20-50 hectares teve 29%, 29% e 44% da área inscrita nestas regiões, respectivamente. O

escalão ≤ 2 hectares foi o que teve maior peso na MADEIRA, com 77% da área desta região.

Quanto à distribuição regional, 11% do total de produtores inscritos encontram-se em TRÁS-OS-MONTES no escalão 2-5 hectares, seguido de 9% no ENTRE DOURO E MINHO no escalão ≤ 2 hectares. Relativamente à área inscrita, 23% do total da área encontra-se no ALENTEJO, no escalão 100-500 hectares, seguido de TRÁS-OS-MONTES com 8% da área, no escalão 20-50 hectares.

Mapa 3.1.1 – PRODUTORES E ÁREA DE INDEMNIZAÇÕES COMPENSATÓRIAS POR CLASSE E POR NUT III



A observação do mapa 3.1.1 deixa salientar que as maiores áreas de Indemnizações Compensatórias se encontram nas NUTs do Interior e Sul do País. As NUTS ALTO TRÁS-OS-MONTES, ALENTEJO CENTRAL e BAIXO ALENTEJO são as que têm maiores áreas com valores superiores a 150.000 ha. O DOURO, BEIRA INTERIOR NORTE, ALTO ALENTEJO, ALENTEJO LITORAL e AÇORES também apresentam áreas consideráveis de Indemnizações Compensatórias, entre os 70.000 ha e os 150.000 ha. As NUTs que apresentam as menores áreas de Indemnizações Compensatórias encontram-se no Litoral do Continente da PENÍNSULA DE SETÚBAL até ao CAVADO, numa faixa mais central da LEZÍRIA DO TEJO até à SERRA DA ESTRELA e na MADEIRA com áreas inferiores aos 15.000 ha.

Quanto aos produtores candidatos a Indemnizações Compensatórias, estes encontram-se em maior número nas NUTs ALTO TRÁS-OS-MONTES e DOURO com mais de 14.000 produtores, havendo um número significativo entre os 7.000 e os 14.000 produtores no MINHO-LIMA, TÂMEGA, DÃO-LAFÕES e BEIRA INTERIOR NORTE. Quanto às NUTs com menor número de produtores, estas encontram-se no Litoral desde a PENÍNSULA DE SETÚBAL até ao GRANDE PORTO e as NUTs LEZÍRIA DO TEJO e MÉDIO TEJO onde se encontram menos de 1.400 produtores.

3.2 MEDIDAS AGRO-AMBIENTAIS

As medidas incluídas neste capítulo têm os seguintes objectivos gerais:

- Promover formas de exploração das terras agrícolas compatíveis com a protecção e melhoria do ambiente, da paisagem e das suas características, dos recursos naturais, dos solos e da diversidade genética;
- Incentivar uma extensificação da actividade agrícola e a manutenção de sistemas de pastagem extensivos;
- Contribuir para a conservação de espaços cultivados de grande valor natural;
- Permitir a preservação da paisagem e das características históricas e tradicionais nas terras agrícolas;

O tipo de beneficiário que se pode candidatar, bem como os compromissos que estes têm que assumir, assim como as condições de acesso e o valor das ajudas são específicos de cada medida.

Contudo, sem prejuízo dos compromissos respeitantes a cada uma das medidas os beneficiários ficam, durante o período de atribuição das ajudas, obrigados a:

- Manter as condições que determinaram a concessão das ajudas bem como cumprir com os compromissos assumidos relativamente às parcelas ou à Unidade de Produção e animais candidatos;
- Cumprir em toda a área da Unidade de Produção as Boas Práticas Agrícolas.
- Em cada um dos quatro anos seguintes ao da formalização da candidatura, confirmar ou rectificar as declarações constantes da mesma mediante a apresentação do «Pedido de Ajuda Superfícies» e ou «Pedido de Ajuda Animais».

Neste documento estão incluídas todas as medidas agro-ambientais aplicáveis em Portugal que tiveram candidaturas em 2004, ou seja, as medidas existentes no RURIS bem como as que existem nos Planos de Desenvolvimento Rural das Regiões Autónomas.

A sua agregação está feita em cinco grupos de medidas, consoante o objectivo de cada medida. Assim temos:

- Grupo I, que inclui medidas vocacionadas para a protecção e melhoria do ambiente, dos solos e da água;
- Grupo II, cujas medidas visam a preservação da paisagem e das características tradicionais das terras agrícolas;

- Grupo III, medidas cujo objectivo é a conservação e melhoramento de espaços cultivados de grande valor natural;
- Grupo IV, relacionado com a conservação de manchas residuais de ecossistemas naturais em paisagens predominantemente agrícolas;
- Grupo V relativo à protecção da diversidade genética.

Quadro 3.2.1 – Nº CANDIDATURAS POR MEDIDA E REGIÃO

Medida	Região Agrária									Total
	Entre Douro e Minho	Trás os Montes	Beira Litoral	Beira Interior	Ribatejo e Oeste	Alentejo	Algarve	Açores	Madeira	
Grupo I - Protecção e Melhoria do Ambiente, dos Solos e da Água										
RED. DA LIXIVIAÇÃO DE AGRO-QUÍMICOS	8		71		88	38	84			289
SISTEMAS ARVENSES DE SEQUEIRO	3	572	1	37	24	643	1			1.281
LUTA QUÍMICA ACONSELHADA	2	2	4		3	5	2			18
PROTECÇÃO INTEGRADA	1.097	10.321	973	1.554	1.966	2.724	332			18.967
PRODUÇÃO INTEGRADA	313	440	114	359	845	178	19			2.268
AGRICULTURA BIOLÓGICA	22	315	17	218	40	415	15			1.042
SEMENTEIRA DIRECTA	22	3	16	4	61	128	2			236
TÉCNICAS DE MOBILIZAÇÃO MÍNIMA		1			8	10				19
ENRELV. DA ENTRELINHA DE CUL. PERMAN.	131	76	108	98	400	107	160			1.080
SISTEMAS FORRAGEIROS EXTENSIVOS		269		333	67	1.206	4			1.879
CULTURA COMPLEM. FORRAG. OUT-INV	794	2	49		2					847
AGRICULTURA BIOLÓGICA (MADEIRA)									23	23
MANUTENÇÃO DA EXTENSIFICAÇÃO								1.528		1.528
Sub-Total Candidaturas	2.392	12.001	1.353	2.603	3.504	5.454	619	1.528	23	29.477
Sub-Total Produtores	2.192	11.386	1.137	2.197	2.806	4.498	403	1.528	23	26.170
Grupo II - Preservação da Paisagem e das Características Tradicionais nas Terras Agrícolas										
VINHA EM SOCALCOS DO DOURO	93	2.163		4						2.260
HORTAS DO SUL						5	95			100
SISTEMA VITÍCOLA DE COLARES					16					16
APOIO À APICULTURA		23	1			3	1			28
PRESERVAÇÃO DA PAISAGEM									60	60
MANUTENÇÃO DE MUROS DE SUPORTE									3.104	3.104
CONS. DE CURRALETAS E LAGIDOS DA VINHA								266		266
CONSERVAÇÃO DE SEBES VIVAS								126		126
Sub-Total Candidaturas	93	2.186	1	4	16	8	96	392	3.164	5.960
Sub-Total Produtores	93	2.186	1	4	16	8	96	376	3.113	5.893
Grupo III - Conservação e Melhoria dos Espaços Cultivados de Grande Valor Natural										
SISTEMA POLICULTURAIS TRADICIONAIS	16.692	6.258	11.438	458	5	3				34.854
MONTADOS DE AZINHO E CARVAL. NEGRAL.				108	1	422				531
LAMEIROS E OUTROS PRADOS E PASTAGENS	2	2.402	4	655	1					3.064
OLIVAL TRADICIONAL		7.117	19	2.766	453	597				10.952
POMARES TRADICIONAIS		3.727	2	135	132	19	1.946			5.961
PLANO ZONAL DE CASTRO VERDE						94				94
Sub-Total Candidaturas	16.694	19.504	11.463	4.122	592	1.135	1.946			55.456
Sub-Total Produtores	16.693	17.152	11.459	4.026	566	1.093	1.946			52.935
Grupo IV - Conservação de Manchas Residuais de Ecossistemas Naturais em Paisagem Dominantemente Agrícola										
PRESERVAÇÃO DE BOSQUETES	1	27		12	3	5				48
ARROZAL			81		5	1				87
Sub-Total Candidaturas	1	27	81	12	8	6				135
Sub-Total Produtores	1	27	81	12	8	6				135
Grupo V - Protecção da Diversidade Genética										
MANUTENÇÃO DE RAÇAS AUTÓCTONES	5.512	1.775	1.002	121	83	410	88			8.991
PROTECÇÃO DA RAÇA BOVINA RAMO GRANDE								117		117
Sub-Total Candidaturas	5.512	1.775	1.002	121	83	410	88	117		9.108
Sub-Total Produtores	5.512	1.775	1.002	121	83	410	88	117		9.108
Total de Candidaturas	24.692	35.493	13.900	6.862	4.203	7.013	2.749	2.037	3.187	100.136
Total de Produtores	19.600	25.812	13.156	5.778	3.400	5.326	2.353	1.805	3.135	80.365

Na campanha 2004 candidataram-se às Medidas Agro-Ambientais um total de 80.365 produtores, que apresentaram 100.136 candidaturas, ou seja, uma média de 1,25 candidaturas por produtor.

O conjunto de medidas referente à conservação e melhoria dos espaços cultivados de grande valor natural representou 55% do total de candidaturas, com especial relevo para as medidas SISTEMAS POLICULTURAIS TRADICIONAIS (35% do total) e OLIVAL TRADICIONAL (11%).

Nas medidas incluídas na protecção e melhoria do ambiente, solos e água foram formalizadas cerca de 30% do total de candidaturas, tendo a PROTECÇÃO INTEGRADA o maior peso relativo, 64% do conjunto das medidas do Grupo I e 19% do total.

De realçar ainda a medida referente à MANUTENÇÃO DE RAÇAS AUTÓCTONES, 9% do total das candidaturas.

No que diz respeito à distribuição regional das candidaturas, cerca de 75% do total situam-se em três regiões, TRÁS-OS-MONTES, ENTRE DOURO E MINHO E BEIRA LITORAL, com 35%, 25% e 14% do total das candidaturas, respectivamente.

A região da MADEIRA apresenta mais candidaturas que os AÇORES e o ALGARVE, situando-se muito próximo do total de produtores que se candidataram no RIBATEJO E OESTE. A quase totalidade das candidaturas refere-se à medida MANUTENÇÃO DE MUROS DE SUPORTE.

Verifica-se que foram nas regiões de TRÁS-OS-MONTES E ALENTEJO que os produtores mais diversificaram as suas candidaturas agro-ambientais. Nestas regiões, em média, cada agricultor apresentou 1,38 e 1,32 candidaturas, respectivamente.

Quadro 3.2.2 – Nº CANDIDATURAS POR MEDIDA E ANO DE INÍCIO DE COMPROMISSO

Medida	Ano de Início de Compromisso				Total
	2001	2002	2003	2004	
Grupo I - Protecção e Melhoria do Ambiente, dos Solos e da Água					
RED. DA LIXIVIAÇÃO DE AGRO-QUÍMICOS				289	289
SISTEMAS ARVENSES DE SEQUEIRO			2	1.279	1.281
LUTA QUÍMICA ACONSELHADA	8	5	5		18
PROTECÇÃO INTEGRADA	4.445	2.334	4.833	7.355	18.967
PRODUÇÃO INTEGRADA	253	275	678	1.062	2.268
AGRICULTURA BIOLÓGICA	225	57	254	506	1.042
SEMENTEIRA DIRECTA	5	17	28	186	236
TÉCNICAS DE MOBILIZAÇÃO MÍNIMA	1	4	14		19
ENRELV. DA ENTRELINHA DE CUL. PERMAN.	143	53	357	527	1.080
SISTEMAS FORRAGEIROS EXTENSIVOS	286	111	281	1.201	1.879
CULTURA COMPLEM. FORRAG. OUT-INV				847	847
AGRICULTURA BIOLÓGICA (MADEIRA)		1	2	20	23
MANUTENÇÃO DA EXTENSIFICAÇÃO	736	237	264	291	1.528
Sub-Total	6.102	3.094	6.718	13.563	29.477
Grupo II - Preservação da Paisagem e das Características Tradicionais nas Terras Agrícolas					
VINHA EM SOCALCOS DO DOURO	844	393	455	568	2.260
HORTAS DO SUL	18	21	42	19	100
SISTEMA VITÍCOLA DE COLARES	8	4	3	1	16
APOIO À APICULTURA				28	28
PRESERVAÇÃO DA PAISAGEM		1	5	54	60
MANUTENÇÃO DE MUROS DE SUPORTE		546	1.667	891	3.104
CONS. DE CURRALETAS E LAGIDOS DA VINHA	29	104	95	38	266
CONSERVAÇÃO DE SEBES VIVAS	22	61	20	23	126
Sub-Total	921	1.130	2.287	1.622	5.960
Grupo III - Conservação e Melhoria dos Espaços Cultivados de Grande Valor Natural					
SISTEMA POLICULTURAIS TRADICIONAIS	15.160	3.772	8.137	7.785	34.854
MONTADOS DE AZINHO E CARVAL. NEGRAL.	203	69	259		531
LAMEIROS E OUTROS PRADOS E PASTAGENS	1.106	306	736	916	3.064
OLIVAL TRADICIONAL	3.424	2.443	2.961	2.124	10.952
POMARES TRADICIONAIS	2.410	751	1.184	1.616	5.961
PLANO ZONAL DE CASTRO VERDE	23	9	38	24	94
Sub-Total	22.326	7.350	13.315	12.465	55.456
Grupo IV - Conservação de Manchas Residuais de Ecossistemas Naturais em Paisagem Dominantemente Agrícola					
PRESERVAÇÃO DE BOSQUETES	10	8	9	21	48
ARROZAL			1	86	87
Sub-Total	10	8	10	107	135
Grupo V - Protecção da Diversidade Genética					
MANUTENÇÃO DE RAÇAS AUTÓCTONES	4.045	1.700	1.726	1.520	8.991
PROTECÇÃO DA RAÇA BOVINA RAMO GRANDE	33	18	23	43	117
Sub-Total	4.078	1.718	1.749	1.563	9.108
Total de Candidaturas	33.437	13.300	24.079	29.320	100.136

No que se refere ao ano de início de compromisso das candidaturas apresentadas na campanha 2004 é evidente um maior número de candidaturas que tiveram início em 2001. Este facto pode ser justificado por ter sido o ano de início de aplicação da nova legislação. No ano de 2002 houve uma significativa diminuição de candidaturas ocorrendo um aumento gradual nos anos seguintes

Esta acumulação no ano de 2001 apenas não ocorre no Grupo II, justificada pelo aumento de candidaturas verificado nos anos seguintes nas medidas existentes nas regiões autónomas, em particular na medida MANUTENÇÃO DE MUROS DE SUPORTE.

O aumento significativo de candidaturas iniciadas em 2003 deve-se em grande parte à medida SISTEMAS POLICULTURAIS TRADICIONAIS, enquanto que o aumento, mais ligeiro, verificado em 2004 se deve essencialmente à PROTECÇÃO INTEGRADA.

Observando as candidaturas com início em 2004 verifica-se que no Grupo IV estas representam 79% do total de candidaturas deste grupo no período 2001-2004, em grande parte justificado pelas candidaturas à medida ARROZAL. O conjunto de candidaturas do Grupo I também revela um maior peso das candidaturas iniciadas em 2004 (46% do total do grupo), e dada a sua dimensão em valor absoluto assume especial relevância: 13.563 candidaturas, o que faz com que este conjunto de medidas sejam as mais representativas do total de candidaturas começadas em 2004, totalizando 46%.

Quadro 3.2.3 – ÁREA DE COMPROMISSO POR MEDIDA E REGIÃO

Medida	Região Agrária									(ha)
	Entre Douro e Minho	Trás os Montes	Beira Litoral	Beira Interior	Ribatejo e Oeste	Alentejo	Algarve	Açores	Madeira	Total
Grupo I - Protecção e Melhoria do Ambiente, dos Solos e da Água										
RED. DA LIXIVIAÇÃO DE AGRO-QUÍMICOS	28		2.559		8.451	2.413	1.201			14.651
SISTEMAS ARVENSES DE SEQUEIRO	3	4.614	10	2.275	261	50.000	28			57.190
LUTA QUÍMICA ACONSELHADA		4	8	5	26	158	47			247
PROTECÇÃO INTEGRADA	5.083	57.206	5.970	8.303	20.264	55.714	4.104			156.645
PRODUÇÃO INTEGRADA	2.478	7.501	2.539	3.214	17.121	6.939	296			40.089
AGRICULTURA BIOLÓGICA	108	6.412	112	38.093	6.398	70.506	623			122.252
SEMENTEIRA DIRECTA	175	4	132	171	2.973	12.341	26			15.823
TÉCNICAS DE MOBILIZAÇÃO MÍNIMA		14		48	276	446				785
ENRELV. DA ENTRELINHA DE CUL. PERMAN.	528	632	656	917	4.060	4.743	2.026			13.563
SISTEMAS FORRAGEIROS EXTENSIVOS		2.057		13.631	15.725	159.695	245			191.353
CULTURA COMPLEM. FORRAG. OUT-INV	2.759	5	327		5					3.095
AGRICULTURA BIOLÓGICA (MADEIRA)									66	66
MANUTENÇÃO DA EXTENSIFICAÇÃO								37.180		37.180
Sub-Total	11.162	78.450	12.314	66.658	75.561	362.954	8.596	37.180	66	652.940
Grupo II - Preservação da Paisagem e das Características Tradicionais nas Terras Agrícolas										
VINHA EM SOCALCOS DO DOURO	126	3.564		1						3.692
HORTAS DO SUL						4	50			54
SISTEMA VITÍCOLA DE COLARES					11					11
APOIO À APICULTURA		147	10			456	4			616
PRESERVAÇÃO DA PAISAGEM									25	25
MANUTENÇÃO DE MUROS DE SUPORTE									1.625	1.625
CONS. DE CURRALETAS E LAGIDOS DA VINHA								235		235
CONSERVAÇÃO DE SEBES VIVAS								155		155
Sub-Total	126	3.711	10	1	11	460	54	390	1.650	6.413
Grupo III - Conservação e Melhoria dos Espaços Cultivados de Grande Valor Natural										
SISTEMA POLICULTURAIS TRADICIONAIS	37.452	27.087	29.945	1.916	61	31				96.492
MONTADOS DE AZINHO E CARVAL. NEGRAL.				6.157		33.462				39.619
LAMEIROS E OUTROS PRADOS E PASTAGENS	6	9.062	18	2.941	10					12.036
OLIVAL TRADICIONAL		14.892	19	6.774	652	2.613				24.949
POMARES TRADICIONAIS		9.776	5	314	363	44	10.954			21.457
PLANO ZONAL DE CASTRO VERDE						17.650				17.650
Sub-Total	37.458	60.817	29.987	18.102	1.086	53.800	10.954			212.203
Grupo IV - Conservação de Manchas Residuais de Ecossistemas Naturais em Paisagem Dominantemente Agrícola										
PRESERVAÇÃO DE BOSQUETES		66		127	14	78				285
ARROZAL			388		48	10				446
Sub-Total		66	388	127	62	88				731
Total	48.746	143.044	42.698	84.888	76.720	417.302	19.603	37.570	1.717	872.287
Total Área Efectiva*	46.804	131.677	39.360	73.014	61.927	374.188	16.663	37.570	1.706	782.909

* Área Efectiva tem em conta o facto de um produtor candidatar a mesma parcela em diferentes medidas.

O total da área de compromisso declarada às medidas agro-ambientais, na campanha 2004, foi cerca de 783 mil hectares. Esta área corresponde à área efectiva declarada, ou seja, tem em conta o facto de um produtor ter a possibilidade de candidatar a mesma parcela a mais do que uma medida.

Desta forma é possível verificar que 11% do total da área declarada é candidata a mais do que uma medida.

O conjunto de medidas pertencente ao Grupo I é efectivamente o que tem associado grande parte da área declarada, quase 653 mil hectares, em especial nas medidas SISTEMAS FORRAGEIROS EXTENSIVOS (191 mil ha), PROTECÇÃO INTEGRADA (157 mil ha) e AGRICULTURA BIOLÓGICA (122 mil ha).

Nos SISTEMAS POLICULTURAIS TRADICIONAIS foi declarada uma área de quase 100 mil hectares, correspondendo a 45% da área declarada do Grupo III.

Em termos regionais, o ALENTEJO é a região dominante, com 48% da área declarada. É aqui que se concentra a área de: 83% dos SISTEMAS FORRAGEIROS EXTENSIVOS, 58% da AGRICULTURA BIOLÓGICA e 36% da PROTECÇÃO INTEGRADA. É nesta zona que se encontra a quase totalidade da área da medida SISTEMAS ARVENSES DE SEQUEIRO, 50 mil ha.

Em TRÁS-OS-MONTES situa-se 17% da área declarada. É nesta região que a PROTECÇÃO INTEGRADA tem maior expressão com mais de 57 mil ha.

Na BEIRA INTERIOR a medida com maior peso é a AGRICULTURA BIOLÓGICA (31% do total da área da medida).

No RIBATEJO E OESTE são as medidas PROTECÇÃO E PRODUÇÃO INTEGRADA a assumirem um papel relevante enquanto que no ENTRE DOURO E MINHO e BEIRA LITORAL a medida mais representativa é SISTEMAS POLICULTURAIS TRADICIONAIS.

De realçar ainda o peso da área declarada dos POMARES TRADICIONAIS no ALGARVE.

Quadro 3.2.4 – ÁREA DE COMPROMISSO POR GRUPO DE CULTURA E MEDIDA

Medida	ARROZ	CEREAIS	CITRINOS INDUSTRIA	FRUTOS DE CASCA RIJA	OLEAGINOSAS	OUTRAS UTILIZAÇÕES	PERA INDUSTRIA	PROTEAGINOSAS	RETIRADA TOTAL	SUPERFÍCIES FORRAGEIRAS	OUTROS GRUPOS	(ha) TOTAL
Grupo I - Protecção e Melhoria do Ambiente, dos Solos e da Água												
RED. DA LIXIVIAÇÃO DE AGRO-QUÍMICOS	5.153	6.194	1.168		407	258		54	569	18	828	14.651
SISTEMAS ARVENSES DE SEQUEIRO		33.615			3.893	4.408		1.286	6.864	6.389	735	57.190
LUTA QUÍMICA ACONSELHADA			47			198	2					247
PROTECÇÃO INTEGRADA	1.643	9.891	3.880	1.475	94	135.508	2.040	1	264		1.848	156.645
PRODUÇÃO INTEGRADA	12.316	1.416	113			22.462	3.217				565	40.089
AGRICULTURA BIOLÓGICA	47	12.330	114	1.611	350	24.784	142	727	3.546	78.039	560	122.252
SEMENTEIRA DIRECTA	220	12.350			534	388		147	1.679	242	262	15.823
TÉCNICAS DE MOBILIZAÇÃO MÍNIMA		516			25	18			137		88	785
ENRELV. DA ENTRELINHA DE CUL. PERMAN.			2.044	15		8.729	2.218				557	13.563
SISTEMAS FORRAGEIROS EXTENSIVOS										191.353		191.353
CULTURA COMPLEM. FORRAG. OUT-INV		3.086				4			5	0		3.095
AGRICULTURA BIOLÓGICA (MADEIRA)		0	4	1		27	1			33	1	66
MANUTENÇÃO DA EXTENSIFICAÇÃO										37.180		37.180
Sub-Total	19.380	79.400	7.371	3.102	5.304	196.784	7.620	2.214	13.066	313.253	5.446	652.940
Grupo II - Preservação da Paisagem e das Características Tradicionais nas Terras Agrícolas												
VINHA EM SOCALCOS DO DOURO						3.692						3.692
HORTAS DO SUL		0	4			50						54
SISTEMA VITÍCOLA DE COLARES						11						11
APOIO À APICULTURA		37		1		228				350		616
PRESERVAÇÃO DA PAISAGEM		0	1			18	0	0		2	4	25
MANUTENÇÃO DE MUROS DE SUPORTE		13	28	3		1.284	2	8		65	220	1.625
CONS. DE CURRALETAS E LAGIDOS DA VINHA						235						235
CONSERVAÇÃO DE SEBES VIVAS			34			59	1				61	155
Sub-Total		51	67	5		5.577	4	8		416	285	6.413
Grupo III - Conservação e Melhoria dos Espaços Cultivados de Grande Valor Natural												
SISTEMA POLICULTURAIS TRADICIONAIS	151	38.467	54	26	1	14.310	2	193	51	43.006	231	96.492
MONTADOS DE AZINHO E CARVAL. NEGRAL.						1				39.619		39.619
LAMEIROS E OUTROS PRADOS E PASTAGENS										12.036		12.036
OLIVAL TRADICIONAL						24.949						24.949
POMARES TRADICIONAIS				11.209		10.248						21.457
PLANO ZONAL DE CASTRO VERDE		5.554	0			1.020		161	2.042	8.654	219	17.650
Sub-Total	151	44.021	55	11.234	1	50.527	2	354	2.093	103.314	450	212.203
Grupo IV - Conservação de Manchas Residuais de Ecossistemas Naturais em Paisagem Dominantemente Agrícola												
PRESERVAÇÃO DE BOSQUETES						285						285
ARROZAL	446											446
Sub-Total	446					285						731
Total	19.977	123.472	7.492	14.341	5.305	253.173	7.625	2.577	15.159	416.984	6.182	872.287

Numa análise mais aprofundada em relação ao tipo de área declarada verifica-se que as SUPERFÍCIES FORRAGEIRAS são responsáveis por mais de 415 mil ha declarados. A principal medida deste grupo de cultura é SISTEMAS FORRAGEIROS EXTENSIVOS, mas também a AGRICULTURA BIOLÓGICA (64% do total da área declarada nesta medida), os SISTEMAS POLICULTURAIS TRADICIONAIS e os MONTADOS DE AZINHO E CARVALHO NEGRAL.

As OUTRAS UTILIZAÇÕES são o segundo grupo mais importante em termos de área declarada, mais de 250 mil ha, mas dada a grande variedade de culturas incluídas neste grupo, a sua análise faz-se no quadro seguinte.

Os CEREAIS atingem mais de 120 mil ha declarados. As medidas SISTEMAS POLICULTURAIS TRADICIONAIS e SISTEMAS ARVENSES DE SEQUEIRO são as que têm maior área declarada deste grupo de cultura.

O ARROZ ocupa quase 20 mil ha, essencialmente na PRODUÇÃO INTEGRADA mas também na REDUÇÃO DE LIXIVIAÇÃO DE AGRO-QUÍMICOS, enquanto os FRUTOS DE CASCA RIJA estão maioritariamente associados aos POMARES TRADICIONAIS.

A área de FRUTA PARA INDÚSTRIA predomina na PROTECÇÃO INTEGRADA no caso dos CITRINOS e na PRODUÇÃO INTEGRADA no que se refere à PÊRA. Também a medida ENRELVAMENTO DA ENTRELINHA DE CULTURAS PERMANENTES é importante nestes grupos de cultura, evidenciando-se ainda nos CITRINOS a REDUÇÃO DE LIXIVIAÇÃO DE AGRO-QUÍMICOS e na PÊRA a PROTECÇÃO INTEGRADA.

Quadro 3.2.5 – ÁREA DE COMPROMISSO DAS OUTRAS UTILIZAÇÕES POR CULTURA E POR MEDIDA

Medida	BATATA	CASTANHA	CEREJA	MAÇÃ	OLIVAL - AZEITE	OLIVAL - AZEITONA DE MESA	POUSIO AGRONÓMICO	VINHA EM REGIÃO DETERMINADA	VINHA FORA DE REGIÃO DETERMINADA	OUTRAS CULTURAS	(ha) TOTAL
Grupo I - Protecção e Melhoria do Ambiente, dos Solos e da Água											
RED. DA LIXIVIAÇÃO DE AGRO-QUÍMICOS	47			2			134			75	258
SISTEMAS ARVENSES DE SEQUEIRO	1						4.379			29	4.408
LUTA QUÍMICA ACONSELHADA				5	158			35			198
PROTECÇÃO INTEGRADA	414	592	1.799	4.723	61.654	2.297	143	57.345	4.385	2.158	135.508
PRODUÇÃO INTEGRADA				2.006	208	7	4	18.032	1.623	583	22.462
AGRICULTURA BIOLÓGICA	5	288	244	246	14.191	84	8.486	651	95	495	24.784
SEMENTEIRA DIRECTA							387			1	388
TÉCNICAS DE MOBILIZAÇÃO MÍNIMA							13			5	18
ENRELV. DA ENTRELINHA DE CUL. PERMAN.			418	3.192	2.802	21		1.938	101	257	8.729
SISTEMAS FORRAGEIROS EXTENSIVOS											
CULTURA COMPLEM. FORRAG. OUT-INV	3						1			0	4
AGRICULTURA BIOLÓGICA (MADEIRA)	2	1		5				6	0	12	27
MANUTENÇÃO DA EXTENSIFICAÇÃO											
Sub-Total	470	881	2.460	10.178	79.013	2.408	13.548	78.007	6.203	3.615	196.784
Grupo II - Preservação da Paisagem e das Características Tradicionais nas Terras Agrícolas											
VINHA EM SOCALCOS DO DOURO						3		3.689			3.692
HORTAS DO SUL										50	50
SISTEMA VITÍCOLA DE COLARES								11			11
APOIO À APICULTURA					175		10		0	42	228
PRESERVAÇÃO DA PAISAGEM				2					3	13	18
MANUTENÇÃO DE MUROS DE SUPORTE	346	26	13	19				118	264	498	1.284
CONS. DE CURRALETAS E LAGIDOS DA VINHA								146	89		235
CONSERVAÇÃO DE SEBES VIVAS		15		14						31	59
Sub-Total	346	41	13	34	178		10	3.964	356	634	5.577
Grupo III - Conservação e Melhoria dos Espaços Cultivados de Grande Valor Natural											
SISTEMA POLICULTURAIS TRADICIONAIS	2.591	293	114	63	5.127	0	454	2.184	950	2.535	14.310
MONTADOS DE AZINHO E CARVAL. NEGRAL.							1				1
LAMEIROS E OUTROS PRADOS E PASTAGENS											
OLIVAL TRADICIONAL					24.436	512		0			24.949
POMARES TRADICIONAIS		7.565			1.907	1				775	10.248
PLANO ZONAL DE CASTRO VERDE					38		970			12	1.020
Sub-Total	2.591	7.857	114	63	31.508	513	1.424	2.185	950	3.321	50.527
Grupo IV - Conservação de Manchas Residuais de Ecossistemas Naturais em Paisagem Dominantemente Agrícola											
PRESERVAÇÃO DE BOSQUETES										285	285
ARROZAL											
Sub-Total										285	285
Total	3.407	8.780	2.587	10.275	110.699	2.922	14.983	84.156	7.509	7.855	253.173

No que diz respeito às OUTRAS UTILIZAÇÕES, refere-se essencialmente a OLIVAL e VINHA. Estas culturas estão associadas primordialmente à PROTECÇÃO INTEGRADA, mas enquanto que no caso do OLIVAL tem também relevo a própria medida OLIVAL TRADICIONAL e a AGRICULTURA BIOLÓGICA, na VINHA é a PRODUÇÃO INTEGRADA que também é significativa.

A MAÇÃ, à semelhança das frutas para indústria, está relacionada com as medidas de PROTECÇÃO E PRODUÇÃO INTEGRADAS bem como o ENRELVAMENTO DA ENTRELINHA.

A CASTANHA surge associada essencialmente aos POMARES TRADICIONAIS.

Quadro 3.2.6 – ANIMAIS POR ESPÉCIE, CLASSE ETÁRIA E POR MEDIDA

Espécie / Classe Etária	Raças Autóctones			Produção Biológica			Sistemas Policulturais		
	Fêmeas / Machos Reprodutores	Fêmeas com 1ª cria	Total	Animais do próprio	Animais de Outrém	Total	Animais do próprio	Animais de Outrém	Total
Bovinos Machos de 6 Meses a 2 Anos	68		68	1.760	1	1.761			
Bovinos Fêmeas de 6 Meses a 2 Anos	1.251	261	1.512	5.248	77	5.325			
Bovinos Machos com mais de 2 Anos	267		267	1.347		1.347			
Bovinos Fêmeas com mais de 2 Anos não leitei.	40.175	2.925	43.100	22.816	456	23.272			
Vacas Leiteiras	111		111	259		259			
Bovinos Machos com menos de 6 meses				3		3			
Caprinos machos com mais de 12 meses	254		254	78		78	111	1	112
Caprinos Fêmeas com mais de 12 meses	17.903	1.799	19.702	2.344	5	2.349	6.200	33	6.233
Equídeos Machos com mais de 6 meses	110		110	2		2			
Equídeos Fêmeas com mais de 6 meses	2.875	68	2.943	5		5			
Galináceos, perús, patos e gansos				2.288		2.288			
Ovinos Machos com mais de 12 Meses	879		879	2.195	28	2.223			
Ovinos Fêmeas com mais de 12 Meses	50.183	4.979	55.162	74.791	2.538	77.329			
Suínos Machos com mais de 8 meses	150		150	1.233	2	1.235			
Suínos Fêmeas com mais de 8 meses	3.201	486	3.687	1.449	25	1.474			

No pedido de ajuda Animais os agricultores podem inscrever animais:

- candidatos à MANUTENÇÃO DE RAÇAS AUTÓCTONES;
- em MODO DE PRODUÇÃO BIOLÓGICA;
- de espécie caprina em SISTEMAS POLICULTURAIS.

Nas medidas agro-ambientais os animais inscritos repartem-se na sua quase totalidade pelas medidas de MANUTENÇÃO DE RAÇAS AUTÓCTONES (cerca 128.000 animais) e de PRODUÇÃO BIOLÓGICA (quase 119.000 animais).

Os OVINOS são a espécie animal dominante, seguindo-se os BOVINOS, na sua grande maioria Vacas Não Leiteiras. No caso das RAÇAS AUTÓCTONES também tem expressão o nº de CAPRINOS (Fêmeas) inscritos. No caso dos SISTEMAS POLICULTURAIS e de acordo com as regras da medida só os animais da espécie CAPRINA se podem candidatar.

Quadro 3.2.7 – ANIMAIS EM CABEÇAS NORMAIS POR MEDIDA E REGIÃO

(Nº CN)

Região Agrária	Raças Autóctones			Produção Biológica			Sistemas Policulturais			Total
	Fêmeas / Machos Reprodutores	Fêmeas com 1ª cria	Total	Animais do próprio	Animais de Outrém	Total	Animais do próprio	Animais de Outrém	Total	
Entre Douro e Minho	17.928	1.075	19.003	15		15	327		327	19.345
Trás os Montes	10.974	761	11.735	563		563	171		171	12.468
Beira Litoral	1.887	103	1.990	10		10	394	1	394	2.394
Beira Interior	2.086	112	2.198	9.821	426	10.248	54	5	59	12.505
Ribatejo e Oeste	2.843	192	3.035	3.696	83	3.778				6.813
Alentejo	18.898	1.917	20.815	27.057	388	27.445				48.260
Algarve	736	167	903	269		269	0		0	1.173
Açores	466		466							466
Madeira										
Total	55.818	4.327	60.145	41.430	897	42.327	947	5	952	103.424

Convertendo o nº de animais inscritos em Cabeças Normais (CN), os animais candidatos à MANUTENÇÃO DE RAÇAS AUTÓCTONES representam 58% do total das CN declaradas, enquanto que os animais em MODO DE PRODUÇÃO BIOLÓGICA atingem cerca de 40%. O maior peso relativo das cabeças normais em relação ao nº de animais inscritos nas RAÇAS AUTÓCTONES deve-se ao facto de se candidatarem mais Bovinos Adultos e Equídeos a estas medidas.

Do total de CN declaradas 47% encontram-se na região do ALENTEJO e 19% no ENTRE DOURO E MINHO.

A distribuição regional das CN por medida é assimétrica. Com efeito nas RAÇAS AUTÓCTONES 35% das CN situam-se no ALENTEJO, 32% no ENTRE DOURO E MINHO e 20% em TRÁS-OS-MONTES, enquanto que no MODO DE PRODUÇÃO BIOLÓGICA existe uma maior concentração no ALENTEJO (65% do total de CN desta medida) seguindo-se a BEIRA INTERIOR com 24%. No que se refere aos SISTEMAS POLICULTURAIS e à semelhança das áreas declaradas (Quadro 1) os Caprinos encontram-se no Norte do País: BEIRA LITORAL, ENTRE DOURO E MINHO E TRÁS-OS-MONTES concentram 94% do total de CN desta medida.

Nos dois quadros seguintes apresentam-se os animais candidatos por raça e respectiva distribuição regional.

Quadro 3.2.8 – RAÇAS AUTÓCTONES – ANIMAIS POR RAÇA E REGIÃO

(Nº Animais)

Região Agrária	BOVINOS											RAMO GRANDE
	ALENTEJANA	AROUCUESA	BARROSÃ	CACHENA	GARVONESA	MARINHOA	MARONESA	MERTOLENGA	MINHOTA	MIRANDESA	PRETA	
Entre Douro e Minho		2.289	4.197	798		14	2.457		5.881			
Trás-os-Montes		105	1.889				2.253		16	3.551		
Beira Litoral		989	2	2		975		7	1	12		
Beira Interior	128	36						97		77	179	
Ribatejo e Oeste	161	3	5			10		1.813		19	459	
Alentejo	7.427	3	56	335	87			5.962		501	1.777	
Algarve												
Açores							2					483
Madeira												
Total	7.716	3.425	6.149	1.135	87	999	4.712	7.879	5.898	4.160	2.415	483

Região Agrária	CAPRINOS				EQUÍDEOS			SUÍNOS	
	ALGARVIA	BRAVIA	CHARNEQUEIRA	SERPENTINA	GARRANO	LUSITANO	SORRAIA	ALENTEJANO	BÍSARO
Entre Douro e Minho	111	6.481			1.753	38	3		68
Trás-os-Montes		2.937			366	6			497
Beira Litoral				30		30			
Beira Interior			2.922			43			
Ribatejo e Oeste						418	6	182	
Alentejo	275		690	3.043	4	361	25	3.084	6
Algarve	3.467								
Açores									
Madeira									
Total	3.853	9.418	3.612	3.073	2.123	896	34	3.266	571

Região Agrária	OVINOS									
	BORDALEIRA ENTRE DOURO MINHO	CAMPANIÇA	CHURRA ALGARVIA	CHURRA BADANA	GALEGA BRAGANÇA	GALEGA MIRANDESA	MERINA PRETA	MERINO BEIRA BAIXA	MONDEGUEIRA	SALOIA
Entre Douro e Minho	5.115									
Trás-os-Montes	566			2.953	9.154	7.107			525	
Beira Litoral							13			
Beira Interior							640	5.316	2.165	
Ribatejo e Oeste										764
Alentejo		5.230	50				9.672			4.219
Algarve		736	1.816							
Açores										
Madeira										
Total	5.681	5.966	1.866	2.953	9.154	7.107	10.325	5.316	2.690	4.983

No que se refere aos animais candidatos à MANUTENÇÃO DE RAÇAS AUTÓCTONES e por espécie:

Bovinos – as mais representadas são MERTOLENGA, ALENTEJANA, BARROSÃ e MINHOTA. No sentido oposto encontra-se a GARVONESA com apenas 87 animais.

Caprinos – a raça BRAVIA é a que tem maior peso.

Equídeos – candidataram-se mais de 2.000 animais da raça GARRANA e apenas 34 da raça SORRAIA.

Suíños – a raça ALENTEJANA é a que tem maior expressão.

Ovinos – as raças MERINA PRETA e GALEGA BRAGANÇANA são as mais representativas. A raça que tem menos animais inscritos é a CHURRA ALGARVIA.

Quadro 3.2.9 – MODO DE PRODUÇÃO BIOLÓGICA – ANIMAIS POR RAÇA E REGIÃO

(Nº Animais)

Região Agrária	BOVINOS												
	ALENTEJANA	ALGARVIA	AROUCUESA	BARROSÃ	BLONDE DE AQUITAINE	BRAVA	CACHENA	CHAROLESA	CRUZADO DE CARNE	FRÍSLIA	GARVONESA	LEMOUSINE	MARINHOA
Entre Douro e Minho									9			1	
Trás-os-Montes													2
Beira Litoral	166	1		5		115		140	4.463	41		89	
Beira Interior						78		158	1.104			131	
Ribatejo e Oeste													
Alentejo	2.079	1	3	57	2	2.696	408	197	11.248	185	19	616	
Algarve										56			
Açores													
Madeira													
Total	2.245	2	3	62	2	2.889	408	495	16.824	282	19	837	2

Região Agrária	BOVINOS							CAPRINOS					SUINOS	
	MARONESA	MERTOLENGA	MIRANDESA	OUTRAS	PRETA	RAMO GRANDE	SALERS	ALGARVIA	BRAVIA	CHARNEQUEIRA	OUTRAS	SERPENTINA	ALENTEJANO	OUTRAS
Entre Douro e Minho														
Trás-os-Montes	17		10						101		458			4
Beira Litoral											6			
Beira Interior		141	2	83	62		11			654	856		232	121
Ribatejo e Oeste		1.055		425	889					12			157	847
Alentejo		2.404	679	385	1.169	1	564				188	77	1.230	111
Algarve								75						7
Açores														
Madeira														
Total	17	3.600	691	893	2.120	1	575	75	101	666	1.508	77	1.619	1.090

Região Agrária	OVINOS													
	AWASSI OU ASSAF	BADANA	BORDALEIRA	BORDALEIRA SERRA ESTRELA	CAMPANIÇA	CHAROLAIS	CHURRA	CRUZAMENTOS CXC	CRUZAMENTOS CXL	CRUZAMENTOS LXL	CRUZAMENTOS MXC	GALEGA BRAGANÇANA	GALEGA MIRANDESA	
Entre Douro e Minho			99											
Trás-os-Montes		73		157			1.518					280	250	
Beira Litoral				18										
Beira Interior	2.319		140	450			361	531	2.389	2.309				
Ribatejo e Oeste								404						
Alentejo	2.572			282	132	45		1.449			1.342			
Algarve					1.332									
Açores														
Madeira														
Total	4.891	73	239	907	1.464	45	1.879	2.384	2.389	2.309	1.342	280	250	

Região Agrária	OVINOS													
	ILE DE FRANCE	LACAUNE	MANCHEGA	MERINA	MERINA BEIRA BAIXA X CARNE	MERINA PRETA	MERINA X CARNE	MERINO BEIRA BAIXA	MONDEGUEIRA	OUTRAS MISTAS	OUTRAS NÃO LEITEIRAS	OUTRAS RAÇAS LEITEIRAS	SALOIA	
Entre Douro e Minho														
Trás-os-Montes		150							56			496		
Beira Litoral										13	6			
Beira Interior			103		10.951	580	670	5.150		4.146		2.939		
Ribatejo e Oeste				530										
Alentejo	249	392		23.945		7.290	2.940						494	
Algarve														
Açores														
Madeira														
Total	249	542	103	24.475	10.951	7.870	3.610	5.150	56	4.159	6	3.435	494	

As raças animais em MODO DE PRODUÇÃO BIOLÓGICA e por espécie:

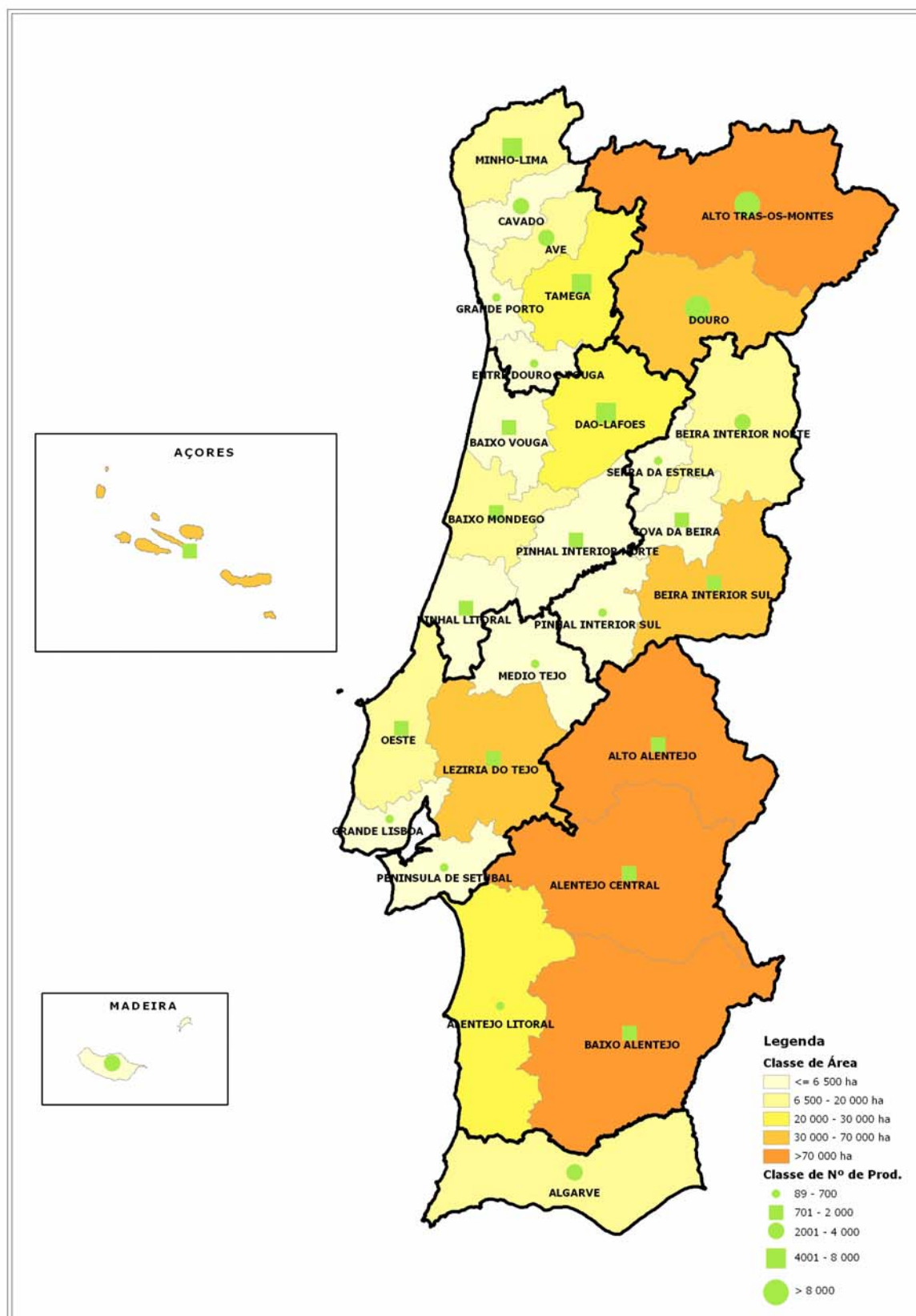
Bovinos – maioritariamente CRUZADO DE CARNE, ainda assim com algum peso a MERTOLENGA e a BRAVA.

Caprinos – A CHARNEQUEIRA destaca-se em termos de efectivo mas também um conjunto de animais de outras raças.

Suínos – o porco ALENTEJANO é o que tem maior expressão.

Ovinos – a raça que se destaca é a MERINA, mas também a Merina da Beira Baixa cruzada com raças de carne, os vários tipos de cruzamentos e ainda a MERINA PRETA.

Mapa 3.2.1 – PRODUTORES E ÁREA DE MEDIDAS AGRO-AMBIENTAIS POR CLASSE E POR NUT III



No mapa está representada, por classes, a distribuição, quer das áreas declaradas, quer dos agricultores candidatos às medidas agro-ambientais. A representação gráfica permite-nos, através de uma leitura simples, obter de uma forma mais intuitiva o que se encontra mencionado nos quadros atrás apresentados. Uma vez que a unidade considerada é a NUT III consegue-se fazer uma análise ainda mais detalhada. Assim, verificamos uma concentração das áreas declaradas no ALENTEJO INTERIOR e no ALTO TRÁS-OS-MONTES e menor área na zona Centro do País e Litoral Norte. No que se refere aos produtores que se candidataram a estas medidas, estes concentram-se no Norte do País: em toda a região de TRÁS-OS-MONTES bem como no MINHO-LIMA, TÂMEGA e DÃO-LAFÕES. Nas regiões Centro e Sul do País há um menor número de agricultores candidatos às medidas agro-ambientais, a Sul da BEIRA INTERIOR NORTE só o ALGARVE tem mais de 2000 candidatos.

FICHA TÉCNICA

Título:

ANUÁRIO DE CAMPANHA 2004/05

Principais Ajudas Directas

Coordenação Técnica

Direcção de Planeamento, Estatística e Assuntos Comunitários

Serviço de Estatística

Edição e Propriedade

IFADAP/INGA

Instituto de Financiamento e Apoio ao Desenvolvimento da Agricultura e Pescas

Instituto Nacional de Intervenção e Garantia Agrícola

Rua Fernando Curado Ribeiro, 4 – G

1649 – 034 LISBOA

Tel.: 217 518 500 * Fax.: 217 518 600

e-mail: ifadap@ifadap.min-agricultura.pt

e-mail: inga@inga.min-agricultura.pt

www.ifadap.min-agricultura.pt

www.inga.min-agricultura.pt